

**A CATEDRAL DE SANTA TEREZA E SUA PRAÇA NO MUNICÍPIO DE TEFÉ:
ASPECTOS RELIGIOSOS E DE SOCIABILIDADE**



AFRÂNIO PEREIRA DE OLIVEIRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST/UEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS –
PPGICH

AFRÂNIO PEREIRA DE OLIVEIRA

**A CATEDRAL DE SANTA TEREZA E SUA PRAÇA NO MUNICÍPIO DE TEFÉ:
ASPECTOS RELIGIOSOS E DE SOCIABILIDADE**

TEFÉ – AM
2023

AFRÂNIO PEREIRA DE OLIVEIRA

**A CATEDRAL DE SANTA TEREZA E SUA PRAÇA NO MUNICÍPIO DE TEFÉ:
ASPECTOS RELIGIOSOS E DE SOCIABILIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Área de concentração: Teoria, História e Crítica da Cultura

Linha de pesquisa: Espaços, memórias e configurações sociais

Orientadora: Prof.^a. Dra. Marília de Jesus da Silva e Sousa

TEFÉ – AM
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

O48ac Oliveira, Afrânio Pereira de
A Catedral de Santa Tereza e sua praça no Município de Tefê : aspectos religiosos e de sociabilidade. / Afrânio Pereira de Oliveira. Manaus : [s.n], 2023.
152 f.: color.; 29 cm.

Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas-PPGICH/UEA - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.
Inclui bibliografia
Orientador: Sousa, Marília de Jesus da Silva e

1. Catedral de Santa Tereza. 2. Praça. 3. Tefê. 4. Religiosidade. 5. Memória. I. Sousa, Marília de Jesus da Silva e (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. A Catedral de Santa Tereza e sua praça no Município de Tefê.

AFRÂNIO PEREIRA DE OLIVEIRA

**A CATEDRAL DE SANTA TEREZA E SUA PRAÇA NO MUNICÍPIO DE TEFÉ:
ASPECTOS RELIGIOSOS E DE SOCIABILIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Dissertação defendida e aprovada no dia 28 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Marília de Jesus da Silva e Sousa
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas –
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Prof. Dr. Leandro Eustáquio Gomes
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas –
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

SUPLENTE

Prof.^a. Dra. Mônica Almeida de Araújo Nogueira
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN
Universidade federal de Pernambuco – UFPE

Prof.^a. Dra. Tatiana de Lima Pedrosa Santos
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas –
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela minha existência, pela saúde e por senti-lo sempre presente, concedendo forças para enfrentar e vencer os obstáculos da vida, bem como, colocando em meu caminho, pessoas especiais que direta ou indiretamente contribuíram para o sucesso deste trabalho.

Ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), por possibilitar esta formação e pelas experiências oportunizadas ao longo de toda minha jornada acadêmica, nesse processo coletivo e interdisciplinar de construção de conhecimentos e engrandecimento intelectual.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Marília de Jesus da Silva e Souza, por aceitar me orientar em meu trabalho de pesquisa e pelas contribuições dadas durante todo o processo acadêmico. Às vezes advertindo-me, outras encorajando-me, mas sempre me conduzindo com sua orientação e paciência nesta caminhada pela busca dialogal de aprendizagens.

A todos os docentes do curso (em especial aos professores que participaram diretamente da minha formação) e aos funcionários que fazem parte do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), pela distinção da qualidade técnica, profissional e amistosa de todos para com os mestrandos.

Aos membros da minha Banca de Qualificação e Defesa, que gentilmente aceitaram o convite, e dispuseram seu tempo para analisar e avaliar meu trabalho, contribuindo com observações, orientações e sugestões favoráveis à minha dissertação e formação no grau de mestre, que foram eles: Presidente, titular Prof.^a Dra. Marília de Jesus da Silva e Souza (PPGICH/UEA) orientadora; Membro interno, titular: Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda (PPGICH/UEA); Membro externo, titular: Prof. Dr. Leandro Eustáquio Gomes (PPGAS/UFAM); Suplentes: Prof.^a Dra. Tatiana de Lima Pedrosa Santos (PPGICH/UEA); Prof.^a Dra. Mônica Almeida de Araújo Nogueira (IPHAN/UFPE).

Aos colaboradores da pesquisa: a Sra. Edileusa Souza da Silva; Sra. Ana Maria de Souza Lima; Sr. Roberto Silveira Alves da Silva; Sra. Maria Dirce Batalha Marinho; Sr. João de Deus Carvalho Barroso; Sr. Luiz de Souza Farias; Sra. Raimunda Gil Schaeken; Sr. José Altevir da Silva; Sr. Domingues Franco de Amorim Júnior e o Sr. Arthur de Souza Fonseca.

À minha mãe, Antonieta Gonçalves, com certeza a maior mestra da minha vida e que nunca deixou de acreditar em mim, mesmo as circunstâncias, muitas vezes, mostrando o contrário, me ajudou a manter a fé de um vencedor.

À minha esposa companheira, amiga e incentivadora de todos os momentos, Naiandra Ramos de Lima, “minha outra metade”.

Aos meus filhos Gabriel, Andriw, Thales e Thaliane, pela compreensão e paciência demonstradas durante o período da pesquisa e elaboração do texto dissertativo.

Aos meus amigos, Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda, que prontamente por inúmeras vezes, em interlocuções abertas, partilhou de seus conhecimentos e experiências de vida acadêmica, assim como pelos “*insights*” inspiradores que sempre surgiam de nossas discussões sobre a temática da pesquisa; Welner campelo, por me suprir não apenas com conselhos e esclarecimentos, mas por me ajudar a construir uma base sólida de amizade e companheirismo nessa jornada que empreendemos como cientistas sociais, propensos às reflexões e mudanças de nossa realidade e Arthur Figueira, pelo suporte técnico e pelas inúmeras conversas sobre a pesquisa, que sempre resultava em algo a mais no estudo.

Às amigas, Prof.^a. Graciete Rolim, bibliotecária do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), pelas valiosas instruções relativas às normas bibliográficas em todo o tempo, sempre pronta a ouvir e a ensinar; Vanessa Gomes Borges, que nunca mediou esforços em colaborar direta ou indiretamente com a pesquisa, ora fazendo indicações acerca dos colaboradores, ora contribuindo com algumas fontes literárias locais referentes à pesquisa e Hilkiene Alves, arquivista responsável pela sala de arquivos da Prelazia de Tefé, que com toda dedicação, cuidado e esmero, contribuiu para que a partir dos documentos disponíveis para consulta, sob seus cuidados, este estudo obtivesse um resultado satisfatório.

Às minhas amigas mestrandas da turma de Tefé, (PPGICH/UEA-2021-01), Andreane do Nascimento Silva, Hilkimar Alves da Silva, Mariany Martins Santos e Poliana de Almeida Bruno. Pela amizade e parceria nas disciplinas, projetos e eventos oportunizados ao longo da pós-graduação, bem como pelo apoio e incentivo, recíproco e verdadeiro, num ambiente de sonhos, lutas, determinações, esforços e vitórias.

Aos amigos e amigas mestrandos (as) da turma de Manaus, Alex Sandro dos Santos Monteiro, Carla Kiane da Silva Martins, Carla Silva do Carmo, Dessana Paiva de Oliveira, Jeferson Bastos de Souza, João Messias da Silva Sousa, Júlia do Nascimento, Kemerson de Souza Freitas, Lauriane Teixeira de Oliveira, Lia Mandelsberg Monteiro, Michel Albuquerque Maciel, Priscila Nunes Duarte de Amorim, Wendel de Holanda Pereira Campelo e a nossa colombianinha querida Mayra Yadiva Ricardo Zuluaga. Caminhamos juntos, partilhando nossos sonhos, objetivos e ideais, construindo saberes, durante toda uma jornada que com certeza, marcou nossas vidas para sempre. Mesmo num curto espaço de tempo, mas de maneira intensa, foi a nossa experiência de maneira singular, nesta honrada academia (PPGICH/UEA) que forma mestres para a vida.

Que em nossa contínua busca pelo conhecimento e amadurecimento intelectual, possamos levar, dessa experiência, um aprendizado que nos possibilite sermos cidadãos

melhores, seres pensantes e transformadores pautados na razão dialógica e humanística. Pois, como afirma Cora Coralina: “Feliz é aquele que transmite o que sabe e aprende o que ensina”.

A todos, o meu muito obrigado!

“Cada época, é salva por um pequeno punhado de homens, que tem a coragem de não serem atuais”.

(Gilbert Keith Chesterton)

RESUMO

Esta dissertação realiza um estudo sobre a Catedral de Santa Tereza e sua praça no município de Tefé, estado do Amazonas. O enfoque da análise, recai sobre os aspectos religiosos e culturais no âmbito da religiosidade popular, no contexto deste município. Refere-se a uma aproximação interdisciplinar tecida por uma interlocução com a Sociologia, a Antropologia, a Geografia, a História e a Filosofia, além das vivências e narrativas de campo, dos documentos literários e da observação *in loco*. Nas Dioceses espalhadas pelo mundo, as catedrais representam um valor sagrado para os católicos, consistindo num lugar de encontro e de fé, onde os fiéis reúnem-se nas celebrações especiais, realizando demonstração de fervor e religiosidade, enquanto que as praças são locais de encontros, descontração, lazer e sociabilidade entre seus frequentadores, independente do credo religioso. Consideramos que nestes lugares, onde são realizadas as festividades religiosas e eventos socioculturais, e onde são construídos os espaços de convivência e fraternidade, a sociabilidade concretiza-se culturalmente. A metodologia utilizada neste estudo segue uma abordagem qualitativa, utilizando-se da técnica da oralidade, congregando as narrativas dos colaboradores, complementadas por fontes secundárias, presentes nos arquivos do Seminário Apostólico São José (Prelazia de Tefé), e na Casa dos Espiritanos do Divino Espírito Santo. Utilizou-se também, fotografias, revistas, periódicos, vídeos e jornais que abordam a temática deste estudo. Constatamos nesta pesquisa que a religiosidade é um elemento essencial, como forma de expressão da cultura popular tefeense, sendo um elo importante para a sociabilidade e a preservação e manutenção do patrimônio cultural, material e imaterial local. A praça da Catedral de Santa Tereza, é um *locus* de tradições populares católicas e não católicas, onde também, acontece a Festa de Santa Teresa, que outrora transcendera os limites do território tefeense em fama, pela sua tradicionalidade, mas atualmente perdeu muito em participação popular, devido ao novo contexto social. Outro evento sociocultural importante é o Festival Folclórico, que em seus tempos áureos de beleza cultural, ocorriam no tablado festivo no espaço da praça da Catedral de Santa Tereza, mas atualmente perdeu de certa maneira, o seu brilho, não ocorrendo mais da mesma forma. Assim o estudo apresenta elementos que indicam que a praça e a catedral se constituem como pontos de memória e identidade histórico-cultural do município de Tefé.

Palavras-Chave: Catedral de Santa Tereza; Praça; Tefé; Religiosidade; Memória.

ABSTRACT

This dissertation conducts a study on the Cathedral of Santa Tereza and its square in the municipality of Tefé. The focus of the analysis lies on the religious and cultural aspects within the scope of popular religiosity, in the context of this municipality. It refers to an interdisciplinary approach woven by an interlocution with Sociology, Anthropology, Geography, History and Philosophy, in addition to field experiences and narratives, literary documents and on-site observation. In Dioceses around the world, cathedrals represent a sacred value for Catholics, consisting of a place of meeting and faith, where the faithful gather for special celebrations, demonstrating fervor and religiosity, while squares are meeting places, relaxation, leisure and sociability among its visitors, regardless of religious creed. We believe that in these places, where religious festivities and socio-cultural events are held, and where spaces for coexistence and fraternity are built, sociability is culturally concretized. The methodology used in this study follows a qualitative approach, using the orality technique, bringing together the collaborators' narratives, complemented by secondary sources, present in the archives of the São José Apostolic Seminary (Prelacy of Tefé), and in the Casa dos Espiritanos do Divino Holy Spirit. We also used photographs, magazines, periodicals, videos, newspapers, which address the theme of this study. We found in this research that religiosity is an essential element, as a form of expression of Tefeense popular culture, being an important link for sociability and the preservation and maintenance of the local cultural, material and immaterial heritage. The square of the Cathedral of Santa Tereza, is a locus of Catholic and non-Catholic popular traditions, where the Feast of Santa Teresa also takes place, which once transcended the limits of Tefeense territory in fame, for its traditionality, but which has currently lost much in participation. popular, due to the new social context. Another important socio-cultural event is the Folkloric Festival, which in its heyday of cultural beauty, took place on the festive platform in the space of the square of the Cathedral of Santa Tereza, but which also nowadays has lost, in a way, its shine, no longer taking place in the city. same. Thus, the study presents elements that indicate that the square and the cathedral constitute points of memory and historical-cultural identity of the municipality of Tefé.

Keywords: Cathedral of Santa Tereza; Square; Tefé; Religiosity; Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Vista aérea da frente da cidade de Tefé.....	34
Figura 2	Localização geográfica de Tefé no Estado do Amazonas.....	35
Figura 3	Primeira escola dos Espiritanos - Asilo Orfanológico de Educandos, fundado em 02 de fevereiro de 1898, dia da inauguração.....	41
Figura 4	Primeiros padres Espiritanos que vieram para a Missão em 1897. Em pé, da esquerda para a direita: seminarista Krauss e padres Wirtz, Cabrolié e Fritsch. Sentados, da esquerda para a direita: padres Berthon e Veillet, cônego Dupuy e padre Parisier.....	42
Figura 5	Pesquisa de campo - Cemitério dos Espiritanos – Barreira da Missão, 2022.....	44
Figura 6	O corpo da festa: a Micro e a Macro-escala.....	45
Figura 7	Quadro – Elementos e sujeitos da Micro e Macro-escala.....	47
Figura 8	Elementos da Micro-escala, 2020.....	48
Figura 9	Elementos da Macro-escala – vendedores ambulantes, no festejo de Santa Tereza, 2009	49
Figura 10	Peregrinação do mês de maio, 2022.....	54
Figura 11	Corpus Christi – o costume de enfeitar as ruas no trajeto da procissão.....	54
Figura 12	Procissão de Santa Tereza no dia 15 de outubro, 2022.....	55
Figura 13	Procissão fluvial de São Pedro, 2011.....	60
Figura 14	Praça da Catedral de Santa Tereza, 2023.....	72
Figura 15	Dança de Quadrilha, 1987.....	93
Figura 16	Dança Caninha verde, 1986.....	93
Figura 17	Boi Paradão e logo atrás, o boi Viramundo, 1983.....	93
Figura 18	“Domingos Franco de amorim, o “seu Moreno”, 1992.....	94
Figura 19	O tablado de madeira, do Festival Folclórico de Tefé nos anos 80, armado na praça da Catedral de Santa Tereza.....	98
Figura 20	Dança Africana, 1986.....	95
Figura 21	Dança do Cangaço, popularmente conhecida em Tefé como Cabras de Lampião, 1986.....	95

Figura 22	Vista aérea da Catedral de Santa Tereza e sua praça, com o coreto no centro, 2022.....	101
Figura 23	Vista aérea da Procissão da padroeira da cidade, com a chegada da imagem da santa à Catedral de Santa Tereza, 2023.....	105
Figura 24	Monsenhor Michael Alfredo Barrat, primeiro Prefeito Apostólico de Tefé, 1912.....	111
Figura 25	Revista “O Missionário”.....	118
Figura 26	Pesquisa de campo, sala de Arquivo de fotos da Prelazia de Tefé, 2023.....	119
Figura 27	Capela de Bom Jesus dos Navegantes, 1935.....	135
Figura 28	Reforma da Catedral – julho/2008 – julho/2009.....	137
Figura 29	Conclusão da reforma da Catedral em 2010.	137
Figura 31	A Catedral e sua praça em 2009, antes das reformas, com as árvores em meio à paisagem.....	139
Figura 32	A praça da Catedral de Santa Tereza, após a reforma e retirada das árvores.	139
Figura 33	Pedestal da estátua com a imagem do Sagrado Coração de Jesus na Praça da Matriz em 1940.	141
Figura 34	Pedestal da estátua remodelada em 1985.....	141
Figura 35	O Sagrado Coração de Jesus, em junção com a Cruz, com novo design, a partir de 2011, até hoje.....	142

LISTAS DE SIGLAS

ABEPPA	Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-Amazônicos.
ALBAM	Academia de Letras do Brasil
ALCAMA	Academia de Letras Culturais da Amazônia
ALCCAR	Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas
ASSEAM	Associação de Escritores do Amazonas
ATEB-AM	Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil
C.E.G.M	Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho
EAD	Ensino à distância
CASAI	Casa de Saúde do Índio
CEST	Centro de Estudos Superiores
CETAM	Centro de Educação Tecnológica do Amazonas
CPP	Contribuição Patronal Previdenciária
DSEI	Distrito Sanitário Especial Indígena
DTCEA-TE	Destacamento de Controle do Espaço Aéreo de TEFÉ.
FAPEAM	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
GRESSTE	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileira de Geografia e Estatística
IDSM	Instituto de desenvolvimento sustentável Mamirauá
IFAM	Instituto Federal do Amazonas
IFMM	Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEB	Movimento de Educação de Base
PCE	Programa Ciência na Escola
SAREX	Serviço de Assistência Religiosa do Exército
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação e Desporto
SEMAC	Secretária Municipal de Cultura
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SEMEEC	Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Cultura
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC	Serviço Social do Comércio
SETUR	Secretária Municipal de Turismo e Comércio e Indústria
TCLE	Termos de Consentimento Livre Esclarecimento
T.I.	Tecnologia da Informação
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UNIASSELVI	Centro universitário Leonardo da Vinci
UNIP	Universidade Paulista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1	25
1. CULTURA E RELIGIOSIDADE POPULAR À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II	25
1.1. Jesuítas, Carmelitas e Espiritanos: o arcabouço religioso do povo tefeense	34
1.2 .As principais manifestações religiosas católicas de Tefé.	53
1.3. Tradição e memória na religiosidade popular.....	62
CAPÍTULO 2	67
2. CONSTRUINDO SOCIABILIDADES: A CATEDRAL DE SANTA TEREZA COMO CONDIÇÃO DE “LUGAR	67
2.1. Definição de lugar: abordagem teórica e conceitual	67
2.2. O Festival Folclórico de Tefé, na praça da Catedral de Santa Tereza: a (re) invenção da tradição	80
2.3. Principais manifestações culturais na praça da Catedral de Santa Tereza atualmente: diferentes formas de sociabilidade.....	96
CAPÍTULO 3	101
3. A CATEDRAL DE SANTA TEREZA E SUA PRAÇA, ASPECTOS DE RELIGIOSIDADE E SOCIABILIDADE	101
3.1. Uma questão patrimonial.....	103
3.2. O festejo de Santa Tereza D’Ávila no dia 15 de outubro	119
3.3. Um espaço social e várias transformações: aspectos históricos.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	140
APÊNDICES	146

INTRODUÇÃO

Em 2009, trabalhando no Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho (CEGM), após submeter um projeto de minha autoria, ao Programa Ciência na Escola (PCE), Programa do Governo Federal, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEDUC-AM) e a Secretaria Municipal de educação (SEMED). Tive a grata oportunidade de ter meu projeto aprovado dentre centenas do interior do estado. A pesquisa intitulava-se “Projeto Ver, conhecer e Aprender”, teve a duração de seis meses, indo de junho a novembro de 2009, e possuía ainda financiamento do governo do Estado, através da FAPEAM, pois estava voltado para o público do Ensino Médio.

A pesquisa objetivava coletar informações orais dos munícipes mais antigos do lugar, bem como informações visuais, tipo fotografias, vídeos e imagens que retratassem a história da cidade. Através da coleta de informações com as pessoas entrevistadas, e no aprofundamento da história local, percebi que a influência religiosa europeia, mesclava-se em certa medida, com a cultura local tefeense.

Após seis meses de pesquisa, a conclusão do projeto deu-se na exposição de estandes no auditório Canaã, juntamente com a exposição de outros projetos do PCE. O ápice dos trabalhos do “Projeto Ver, Conhecer e Aprender”, era contar a história do município, a partir das vivências das pessoas, que eram em torno de 30 participantes ao todo, de suas memórias e das mudanças dos lugares. Foram utilizadas fotografias, como uma forma de incentivar a busca pelo conhecimento da historiografia tefeense, numa perspectiva de aprendizagem diferente da formalidade padronizada nos livros tradicionais.

Uma vez de posse dos materiais, arquivos visuais e gravações orais, que foram coletados durante a pesquisa, tive a ideia, de transformá-los num livro, que posteriormente pretendo publicá-lo. Porém, o que me instigou na investigação, foi o fato da história do município estar profundamente ligada com a história da igreja, melhor dizendo, da Catedral e sua praça, e estas com a história do município.

Este estudo intitula-se “A Catedral de Santa Tereza e sua praça no município de Tefé: aspectos religiosos e de sociabilidade”, e desenvolve-se numa abordagem que contempla a temática da dinâmica sociocultural e religiosa, sendo o epicentro do estudo, a Catedral de Santa Tereza e sua praça, localizada no município de Tefé, no estado do Amazonas. Para tanto, procuramos dialogar com diferentes áreas do conhecimento como a Sociologia, Antropologia, Geografia, História e a Filosofia, de forma a tecer uma

reflexão sobre o tema a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Como diretriz do referencial teórico nestas áreas, destacam-se alguns autores como Le Goff (2003), Ricoeur (2007, 2019), Canclini (1998), Castells (1999), Hobsbawm & Ranger (1997), Vilhena (1993), Galvão (1955, 1976), dentre outros. Além de autores locais como Souza (1983, 1996), Schaeken (1997, 2004), Pessoa (1997, 2005), Queiróz (2015), Gruyters (2018).

O *locus* deste estudo, é a Catedral de Santa Tereza e sua praça. Esta pesquisa parte de alguns pressupostos que norteiam a investigação. Assim sendo, levantamos algumas questões: **1.** A existência da catedral na historiografia tefeense, pode ser considerado um elo indenitário entre o tradicional e o novo? **2.** Enquanto objeto sacro, pode influenciar diretamente na vida dos munícipes católicos? **3.** Pode-se dizer que a praça de Santa Tereza, como um local de festividades socioculturais, atua como vertente geradora de cultura em Tefé? **4.** Que pontos comuns podem ser observados nas narrativas das vivências elencadas pelos nossos colaboradores? **5.** A Catedral de Santa Tereza e sua praça, podem ser considerados legalmente, como um patrimônio histórico do município de Tefé?

Buscando verificar esses pressupostos, adotamos a seguinte pergunta de partida com um problema: “Qual a importância da Catedral de Santa Tereza e sua praça no município de Tefé, no contexto socioreligioso e cultural, enquanto lugar de memória e identidade?” Assim, seguimos com nossa análise procurando responder a essa indagação nos capítulos seguintes, norteados por alguns objetivos.

O objetivo geral deste estudo, é analisar os elementos da religiosidade e sociabilidade da Catedral de Santa Tereza e sua praça, bem como sua relevância enquanto lugar de memória e identidade. Procurando para tanto: Descrever as principais manifestações religiosas ligadas a Catedral de Santa Tereza; Identificar as manifestações culturais que ocorreram/e as que ainda ocorrem na praça da Catedral de Santa Tereza e Discutir os aspectos da religiosidade e sociabilidade, relativas à Catedral de Santa Tereza e sua praça.

A Catedral de Santa Tereza e sua praça são símbolos visuais distintos no centro da cidade, além disso, são alguns dos principais marcos referenciais do município, porém, pouco ou quase nunca estudados no meio científico. Não existem estudos anteriores com esta abordagem, portanto, trata-se de um estudo inédito. A catedral é também um dos principais símbolos da ação missionária católica neste chão, em razão disto, este estudo

trará contribuições relevantes para o avanço do conhecimento científico em relação a questão socioreligiosa e cultural na historiografia tefeense.

A importância dessa investigação em compreender o passado e o presente, numa relação sensível entre os elementos socioreligiosos, se dá com vistas para um conhecimento mais profundo e abrangente na questão histórica, cultural e identitária local. Além disso, por meio deste estudo, haverá subsídios teóricos e iconográficos que poderão contribuir para valorização, manutenção e preservação da memória e identidade, destes lugares. Assim, este estudo constitui-se num trabalho investigativo de grande relevância para a comunidade científica, por agregar um conteúdo inédito. Este estudo, é uma investigação de abordagem qualitativa e método etnográfico, adotando procedimentos tais como: o aprofundamento bibliográfico, a pesquisa de campo por meio da observação e realização de entrevistas. Para a metodologia desta pesquisa, a investigação qualitativa mostrou-se a mais apropriada. De acordo com Simões & Garcia (2014),

A pesquisa qualitativa se desenvolve por um método indutivo por excelência e busca entender por que o indivíduo age como age, pensa como pensa ou sente como sente. A complexidade de questões desse tipo implica a opção pela abordagem qualitativa (SIMÕES & GARCIA, 2014, p. 99).

O método qualitativo compreende ainda algumas técnicas que podem ser desenvolvidas no transcorrer da pesquisa como estudo de caso, pesquisa participativa, pesquisa bibliográfica, análise temática, história de vida, pesquisa etnográfica e pesquisa-ação. Cada uma dessas técnicas de abordagem em uma pesquisa qualitativa, apresentam suas especificidades e dependendo de qual técnica de análise que o pesquisador for utilizar, as formas com as quais conduzirão as questões interpretativas, deverão também garantir a transparência do objeto. Nesse sentido, Flick (2009, p.16) declara que,

A pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudos, está interessada nas perspectivas dos participantes em suas práticas do dia-a-dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo. Os métodos devem ser adequados àquela questão e devem ser abertos o suficiente para permitir um entendimento de um processo ou relação (FLICK, 2009, p.16).

Para Ludke & André (2006, p.1-2), recordam que “para se realizar uma pesquisa qualitativa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”. Essa investigação não utilizou artifício de escolhas aleatórias, e sim, a seleção de indivíduos que eram mais propícios para a realização da pesquisa, pois, segundo Malhotra (2012), uma vez realizada por conveniência, procura-se selecionar

sujeitos de forma mais favorável, na qual o entrevistador será mais prudente na escolha dos elementos que constarão no seu trabalho. Pelo fato destes também terem olhares distintos sobre o mesmo tema, tal procedimento encontra amparo em Verena Albert (2013, p.38), quando esta pergunta “como os entrevistados viam e veem o tema em questão?” .Pois, a ideia é coletar relatos diversos, com olhares diferentes, uma vez que, de acordo com Goldenberg (2004),

[...] o pesquisador entrevista as pessoas que parecem saber mais sobre o tema estudado do que quaisquer outras. Acredita-se que essas pessoas estão no topo de uma hierarquia de credibilidade, isto é, o que dizem é mais verdadeiro do que aquilo que outras, que não conhecem tão bem o assunto, diriam. Na verdade, o pesquisador não deve se limitar a ouvir apenas estas pessoas. Deve também ouvir quem nunca é ouvido, invertendo assim esta hierarquia de credibilidade (GOLDENBERG, 2004, p. 85).

Para fundamentar a análise dos conteúdos Strauss e Corbin (2008, p. 73) argumentam que “o uso sistemático de técnicas e procedimentos analíticos ajudam a dar distância analítica, ao fazer nossa análise, conceitualizamos e classificamos fatos, ações e resultados”. Pois como diz Figueiredo (2007), tais anotações, podem servir como valiosas fontes de informações, indicações e esclarecimentos para interesse do pesquisador, o que valida a confiabilidade deste trabalho, para que se possa desenvolver a pesquisa com eficácia.

Para o arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa, realizamos o aprofundamento bibliográfico, que é um item indispensável a qualquer investigação, a partir da apuração em livros, revistas, fotografias, periódicos jornais e artigos científicos. Pois “é fundamental um levantamento bibliográfico sobre o tema, a partir da leitura de clássicos e de outros estudos contemporâneos sobre o assunto” (TRAVANCAS, 2011, p. 126). Também, foram acessados os arquivos digitais e plataformas científicas na busca em sites como “Google Acadêmico”, “SciELO” e “periódicos”. O processo de seleção da busca, foi feita por leitura do resumo e/ou introdução, por meio de palavras chave tais como: “memória”, “patrimônio”, “catedral”, “religiosidade”, “sociabilidade”, “lugar” e “simbólico”.

Conforme Morin (2015), a busca pela verdade “deve levar em consideração todo conhecimento que se crê verdadeiro, toda pretensão ao conhecimento”, uma vez que, “o conhecimento do conhecimento depende de conhecimentos científicos múltiplos e dispersos”, a fim de se alcançar a validade do “conhecimento do conhecimento (MORIN, 2015, p. 32)”. Assim, procurando ampliarmos a visão nesta temática, por meio da verificação bibliográfica, analisamos também, registros fotográficos obtidos no acervo do

Seminário Apostólico São José; vídeos, adquiridos com amigos particulares, bem como jornais da paróquia encontrados na Casa dos Espiritanos do Divino Espírito Santo, e revistas conservadas no acervo bibliográfico da Prelazia de Tefé.

A pesquisa de campo, com observação e entrevistas, foi realizada em dois momentos diferentes. No primeiro momento, deu-se a partir da aquisição de materiais extra bibliográficos, tipo fotografias, vídeos, revistas e jornais, como subsídios complementares da pesquisa adquiridos nos locais já citados anteriormente. Num segundo momento, tão importante quanto o primeiro, porém ainda mais minucioso, foram realizadas as entrevistas com um roteiro de perguntas semiestruturadas (ver apêndice), no período de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023. Conforme Apolinário (2006), nas entrevistas semiestruturadas pode-se fazer uso de um roteiro com questões previamente estabelecidas, uma vez que podem surgir objeções, empecilhos, de maneira imprevista e que torna oportuno ao entrevistado, prover informações naturalmente abertas, ou seja, espontâneas.

Todas as entrevistas foram realizadas de modo presencial, respeitando e atendendo todos os protocolos de saúde, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O procedimento das entrevistas baseou-se na perspectiva da história oral temática (MEIHY, 1998). Os instrumentos utilizados para a coleta das entrevistas, foram: o gravador de áudio em aplicativo de celular, câmera fotográfica e anotações no diário de campo para registrar as nossas impressões.

Para a realização das entrevistas, ouvimos os colaboradores diretamente ligados ao tema deste estudo e que foram escolhidos, de acordo como os seguintes critérios: Sra. Edileusa Souza (63 anos), por ter seu ponto comercial no entorno da Catedral, e assim poder falar de sua vivência e percepção no âmbito local. Consideramos ainda sua desvinculação com a Igreja também, por ser evangélica, o que pode ser considerado como a possibilidade de um outro olhar, uma outra compreensão com relação a temática, a Sra. Ana Maria (71 anos), pelo fato de ter feito parte do Apostolado da Oração na Catedral, que é um departamento institucional da igreja que trabalha as questões relacionadas a práticas como vigílias e orações, e realiza a coordenação das novenas, além de, possuir também, uma vivência ao lado dos sacerdotes que trabalharam na paróquia de Santa Tereza, durante muitos anos. O Sr. Roberto Silveira (62 anos), por ser católico e comerciante, cujo empreendimento está situado no entorno da Catedral, e por ter atuado na gestão de alguns prefeitos que investiram na questão cultural e na infraestrutura da cidade, em especial no centro, onde situa-se o nosso epicentro de estudo. A Sra. Maria

Dirce Batalha (71 anos), por ter sido coordenadora do Movimento de Educação de Base (MEB) e ter participado da organização dos primeiros Festivais Folclóricos de Tefé. O Sr. João de Deus (52 anos), por ser um servidor público do Estado, e um ex-católico, o que conduz novamente a ideia de diversidade de pensamento sobre essa temática. O Sr. Luiz de Souza (64 anos), selecionado por ser comerciante autônomo, não-católico e nordestino, que está há 22 anos residindo e trabalhando em Tefé no entorno da catedral, e também pelo fato deste, possuir uma vivência de vendedor ambulante nos municípios interioranos, tal qual os antigos marreteiros¹ no festejo de Santa Tereza. A Senhora Raimunda Gil (76 anos), é escritora e membro da Associação dos Escritores do Amazonas (ASSEAM), e conviveu com as irmãs Franciscanas Missionárias de Maria (FMM), conhecendo de perto o trabalho religioso e sociocultural na Prelazia de Tefé. O Sr. José Altevir (60 anos), atual bispo da Prelazia de Tefé, sendo o mentor e dirigente espiritual católico da cidade, e como tal, responsável também pela Catedral e sua praça. O Sr. Domingues Franco (54 anos), por ser o atual Subsecretário de Cultura do município, e filho de Domingos Franco de Amorim, o popular “seu Moreno”. O Sr. Arthur de Souza Fonseca (26 anos), Secretário Municipal de Turismo, Comércio e Indústria do município, da atual gestão, que está engajado nas questões municipais referentes ao turismo e paralelamente à cultura, o que o habilita a ser um dos colaboradores deste estudo, perfazendo um total amostral de dez colaboradores.

Importante destacar que o bispo, os três comerciantes e o servidor público, foram escolhidos por mim para as entrevistas, porém, a professora aposentada, a ex-coordenadora do MEB, o Secretário municipal de turismo, o Subsecretário municipal de cultura, e a presidente da ASSEAM, foram indicações² que tive ao longo do percurso, e o critério de exclusão foi não ter entre os participantes das entrevistas, nenhum membro menor de dezoito anos.

Foi elaborado um roteiro de perguntas com dez questões, dividido em três blocos de interesse a fim de alcançar o objetivo da pesquisa. As três primeiras questões visam conhecer o que os entrevistados pensam acerca da influência religiosa no município de

1 Os marreteiros são vendedores ambulantes que trabalham vendendo seus artigos, geralmente nas festas interioranas, em barracas improvisadas, durante as noites da festividade do lugar, migrando para outros lugares, onde há festejos, cumprindo um roteiro de festas. Até o ano de 2009, ainda se via estes vendedores nas festividades tefeenses, em especial, no festejo de Santa Tereza, porém, atualmente, com uma nova conjuntura, já não se vê mais esses comerciantes nestas festividades.

2 Vanessa Borges Gomes enfermeira do Hospital Regional de Tefé, a qual possui conhecimento pessoal para com os colaboradores (ras) por esta indicados.

Tefé. As outras três questões levantam informações de teor particular e funcional dos envolvidos na pesquisa. As quatro últimas questões objetivam compreender os efeitos da influência da Catedral e seu espaço, bem como as transformações estruturais e de sociabilidade ocorridas no entorno do prédio, levando em conta o tempo de vivência dos interlocutores.

Em se tratando das entrevistas semiestruturadas, Thompson (1992), argumenta o seguinte, “a voz consegue, como nenhum outro meio, trazer o passado até o presente” (THOMPSON, 1992, p.334). Neste trabalho, as entrevistas orais semiestruturadas e em profundidade, tiveram a duração média de 1h30min à 2h00min. Segundo Bourdieu (1995), é válido e eficaz colhermos as narrativas de um mesmo participante quantas vezes forem necessárias, para um melhor desempenho investigativo. Tal procedimento possibilitou ainda um adensamento maior da pesquisa pela via presencial, uma vez que, nas palavras de Leitão (2021), é:

No contato face-a-face, o pesquisador tem a seu dispor todas as informações (verbais, não-verbais e contextuais), tanto para melhor conduzir a interação, quanto para perceber sutilezas expressas pelo entrevistado. O contato face-a-face, com interação em linguagem oral, favorece ainda a fala espontânea e menos sujeita à censura (mais presente em contatos que utilizam a linguagem escrita como meio de comunicação) (LEITÃO, 2021, p. 8).

As diferentes perspectivas narradas pelos participantes, nos proporcionou uma garantia em dar significado social àquelas experiências vividas por eles. E o cordel escolhido para desenrolar o diálogo, foi por meio da chamada “análise do discurso”, pois de acordo com a observação de Tax (2019), o elenco de colaboradores nesta pesquisa, não são meros elementos dos quais o pesquisador lança mão para aprofundamento ou conhecimento individual, mas sim, sujeitos no processo e do processo. De acordo com Ricoeur (2019),

[...] a estrutura do discurso deve ser analisada enquanto “estrutura de sentido”, e não como estrutura sistemática linguística. Pois “a noção de fala, enquanto acontecimento, fornece a chave para a transição de uma linguística do código para uma linguística da mensagem (RICOEUR, 2019, p. 24).

Na visão de Ricoeur (2019), o discurso tem uma estrutura própria, mas não é uma estrutura no sentido analítico do estruturalismo, isto é, como um poder combinatório baseado nas oposições prévias de unidades discretas. Dessa maneira, segundo Orlandi (2020), o que se almeja, é mostrar como um discurso funciona produzindo efeitos de sentidos. Para Fairclough (2016), o “discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95).

Assim, pode-se concluir que toda formação discursiva determina o que pode ou não ser dito, a partir de uma certa formação social e de um contexto sócio histórico (ARDENGHI, 2013). De acordo com Magalhaes (2017), só haverá um entendimento por meio da relação do discurso com contexto social, pois a análise será melhor observada no âmbito da contextualização das dimensões sociais.

Assim, o trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Cultura e Religiosidade Popular à luz do Concílio Vaticano II”, procuramos analisar os conceitos de cultura e religiosidade popular, percorrendo as constituições, decretos e declarações, provenientes do Concílio Vaticano II, para possíveis compreensões dessas concepções, nuançadas por ideias e hábitos advindos do cristianismo católico. Porém, abordamos ainda, a cosmovisão do caboclo amazônico, em relação à sua religiosidade popular, embasado em teóricos como Galvão (1955, 1976), Maués (2005) e Conceição (2012). Este capítulo, tem como objetivo, descrever as principais manifestações religiosas ligadas a Catedral de Santa Tereza, analisando alguns conceitos de Tradição e Memória, referenciados teoricamente nos autores: Hobsbawm & Ranger (1997), Ricoeur (2007) e Canclini (1998), fazendo ainda uma breve apresentação da cidade de Tefé – AM, refletindo acerca da bagagem religiosa dos costumes, no arcabouço religioso trazidos pelos Jesuítas, Carmelitas e Espiritanos, que cunham a tradição e a memória tefeense.

No segundo capítulo, cujo título chama-se “Construindo Sociabilidades: a Catedral de Santa Tereza como condição de Lugar”, buscamos trabalhar o segundo objetivo, procurando identificar as manifestações culturais que ocorreram /e as que ainda ocorrem no espaço da praça da Catedral de Santa Tereza. Partindo de uma análise sócio espacial de “lugar”, conceituando este termo, distinguindo-o da concepção de “espaço”. Também procuramos dialogar com os conceitos de História / Identidade, na visão dos teóricos Le Goff (2003), Ricoeur (2007, 2019), e Castells (1999). Concluiremos essa segunda parte do capítulo, harmonizando os termos Identidade e Memória, a partir da origem e do apogeu do Festival Folclórico de Tefé, antes realizado em frente à Catedral de Santa Tereza, ou seja, na sua praça.

No capítulo três, denominado “A Catedral de Santa Tereza e sua Praça: aspectos da religiosidade e sociabilidade”, procuramos atender ao terceiro objetivo específico, nos propondo a discutir os aspectos da religiosidade e sociabilidade, relativas à Catedral de Santa Tereza e sua praça, inicialmente abordando a questão histórica, refletida na ação missionária dos sacerdotes católicos, fazendo referência a iniciativa inédita de Monsenhor

Barrat (que foi o primeiro bispo Apostólico de Tefé), em idealizar a construção da Catedral de Santa Tereza, agregando em seu espaço a praça. Por fim, destacamos o desenvolvimento do núcleo urbano da cidade de Tefé, e procuramos ainda estabelecer uma correlação entre a iconografia e os depoimentos orais coletados nesta investigação com as narrativas dos colaboradores entrevistados que percorrem todo o conteúdo textual desde o primeiro ao terceiro capítulos, a fim de ajudar a nortear a construção basilar de significados referente a este estudo.

Dessa forma, é possível afirmar que há uma interação embrionária entre os elementos da religiosidade e da sociabilidade tefeense, tendo como palco de uma convergência memorial, a Catedral de Santa Tereza e sua praça. Tal qual a questão das festividades cristãs religiosas, descritas na primeira parte deste trabalho, há ainda as manifestações culturais que por vezes ocorrem na praça Santa Tereza. Nos capítulos seguintes, identificaremos essas manifestações religiosas e socioculturais, buscando responder à questão central do estudo.

CAPITULO 1

1. CULTURA E RELIGIOSIDADE POPULAR À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II

A religião tem um papel importante na formação de comunidades e identidades coletivas. Segundo Vilhena (1993), a religião é uma importante forma de expressão da cultura popular e pode contribuir para a formação de uma identidade coletiva a partir de práticas, símbolos e valores compartilhados por uma comunidade. Nesse sentido, a religião pode ser entendida como uma forma de construir uma identidade coletiva a partir da fé e da crença em valores e princípios compartilhados.

A religião também pode ser um elemento importante na construção de espaços e práticas coletivas, como destaca Vilhena (1993). A construção de templos e a realização de cerimônias e rituais podem ser formas de criar espaços de convivência e de solidariedade entre os membros de uma comunidade, além de ser uma forma de expressão da cultura e da identidade coletiva.

Além disso, a religião pode ter um papel importante na formação de identidades coletivas em contextos de pluralidade cultural, como destaca Canclini (1998). Em contextos de globalização e de culturas híbridas, a religião pode ser um elemento de identidade e de diferenciação entre as comunidades locais, contribuindo para a formação de identidades coletivas mais fortes e duradouras.

O Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, teve como objetivo principal a modernização da Igreja Católica, sua aproximação com os fiéis e a renovação litúrgica. Em meio a essas mudanças, a relação entre a cultura e a religiosidade popular ganhou destaque e foi abordada de forma mais aberta e inclusiva. Também teve como objetivo promover uma renovação na Igreja Católica e estabelecer um diálogo mais aberto e inclusivo com a sociedade moderna. Nesse contexto, a cultura e a religiosidade popular ganharam destaque como elementos fundamentais na construção da identidade coletiva e na promoção da fé entre os fiéis.

Segundo Vilhena (1993), o Concílio Vaticano II teve como uma das principais propostas a valorização da cultura e da religiosidade popular, reconhecendo a valorização desses elementos na construção da identidade coletiva e na transmissão da fé. A valorização da cultura popular permitiu uma maior aproximação da Igreja Católica com as comunidades locais, estabelecendo um diálogo mais aberto e inclusivo com os fiéis.

Nesse sentido, a religiosidade popular é vista como uma forma de expressão cultural que envolve práticas, crenças e valores transmitidos de geração em geração, e

que se manifesta em diversas celebrações e festividades religiosas. Segundo Le Goff (2003), a religiosidade popular é uma forma de resistência cultural, permitindo que as comunidades locais resistam à homogeneização cultural imposta pela globalização.

A valorização da cultura e da religiosidade popular também envolve a preservação das tradições e da memória coletiva. Segundo Hobsbawm & Ranger (1997), as tradições são inventadas e reinventadas a partir de elementos do passado, mas são moldadas de acordo com as necessidades do presente. A memória coletiva, por sua vez, é um elemento fundamental na construção da identidade coletiva, sendo moldada pelas experiências, tradições e valores culturais locais.

Assim, a valorização da cultura e da religiosidade popular requer a preservação das tradições e da memória coletiva como elementos fundamentais na construção da identidade coletiva e na promoção da fé entre os fiéis. Segundo Vilhena (1993), a valorização da cultura popular deve ser feita de forma a garantir a sua continuidade e renovação, permitindo que as comunidades locais se reconheçam como parte de uma tradição cultural única e marcante.

No entanto, a valorização da cultura e da religiosidade popular também enfrenta desafios, como a influência da mídia de massa e da globalização, que muitas vezes enfraquecem ou destroem elementos culturais locais em favor de uma cultura globalizada e homogênea. Segundo Hobsbawm & Ranger (1997), as tradições locais podem ser ameaçadas por uma cultura de massa que busca impor um estilo de vida padronizado e uniforme.

Assim, é importante que a Igreja Católica e a comunidade local trabalhem em conjunto para preservar a cultura e a religiosidade popular, valorizando as tradições e memórias coletivas como elementos fundamentais da identidade e da diversidade cultural. Isso pode ser feito por meio de investimentos em infraestrutura, educação patrimonial e cultural, e incentivo à participação ativa da comunidade nas celebrações religiosas e culturais, promovendo a valorização e a continuidade das tradições locais, como aponta a perspectiva de um de nossos colaboradores acerca do Festejo de Santa Teresa:

Eu sei que o festejo movimentou a cidade a décadas atrás, e que vinha gente de todas as localidades do Amazonas pra participar [...] o festejo eu vejo dessa forma, dessa forma sociológica que é uma forma de aproximar o povo ou seja, a população de um entorno de uma igreja, das atividades da igreja tanto que a população tinha de estar mais próxima das pessoas que organizavam tudo. A diretoria ou a cúria, né, digamos assim também, tinha de alegrar da sua palavra mais a gente, de uma forma mais divertida mais leve né com músicas, com comida, com danças, com tudo mais o festejo de Santa Teresa, ele resume todos

os grandes festejos religiosos católicos que Tefé tem [...] não somente isso, como a movimentação católica na cidade, capitaneado pelo devoto de Santa Teresa Nossa...padroeira, foi o que por muitos anos movimentou a cidade, pela cidade ser menor. Naquela época faltava ainda uma vida social, e acredito sabiamente que esse festejo deveria voltar a ser uma reunião com a comunidade (A. FONSECA, 26 anos, 19/02/2023).

Desta forma, a valorização da cultura e da religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II, é um tema relevante para a compreensão da identidade coletiva e da promoção da fé entre os fiéis. A valorização da cultura popular e da religiosidade popular envolve a preservação das tradições e da memória coletiva, como elementos fundamentais na construção da identidade coletiva e na promoção da sociabilidade e da convivência entre os moradores locais. A preservação da cultura e da religiosidade popular enfrenta desafios, mas, é importante que a Igreja Católica e a comunidade local trabalhem juntas para garantir a continuidade e renovação desses elementos culturais, promovendo a diversidade cultural e a identidade coletiva local.

De acordo com Vilhena (1993), a religiosidade popular é um conjunto de manifestações que expressam a fé do povo, e muitas vezes essas práticas são consideradas como superstição pela hierarquia da Igreja. Durante o Concílio Vaticano II, houve uma maior valorização dessas práticas, reconhecendo a sua importância na vivência da fé e na cultura de um povo.

No entanto, as mudanças propostas pelo Concílio não foram unânimes e geraram debates dentro da Igreja. Alguns setores da Igreja resistiram às mudanças, argumentando que elas poderiam descaracterizar a tradição e a identidade católicas. Segundo Hobsbawm & Ranger (1997), a tradição é uma construção social e histórica e não algo imutável.

A partir dessa valorização da cultura popular, Telles (2010) destaca o grande valor da preservação do patrimônio cultural material e imaterial. O patrimônio cultural é um legado da história e da cultura de um povo, e sua preservação é importante para a valorização da identidade e da diversidade cultural.

A religiosidade popular é um conjunto de práticas religiosas que expressam a fé e a espiritualidade de um povo, e é marcada por uma grande variedade de manifestações culturais. De acordo com Vilhena (1993), a religiosidade popular é uma forma de viver a fé de forma simples e autêntica, e, muitas vezes é vista como uma alternativa à rigidez e formalidade da religião oficial.

Entre as principais características da religiosidade popular estão a devoção a santos e virgens, as procissões, as romarias e as novenas. Essas práticas religiosas são

muitas vezes acompanhadas de cânticos, danças, festas e comidas típicas, o que reflete a relação entre a religiosidade popular e a cultura de um povo.

Segundo Vilhena (1993), a religiosidade popular é marcada por uma grande proximidade entre os fiéis e os santos, que são vistos como protetores e intercessores junto a Deus. As imagens dos santos são valorizadas e muitas vezes são consideradas milagrosas, o que reforça a crença na sua intercessão divina.

As romarias e as procissões são outras características marcantes da religiosidade popular. Elas consistem em peregrinações a locais sagrados, como santuários e igrejas, e são acompanhadas de cantos e orações. As romarias muitas vezes têm um caráter penitencial, e os fiéis caminham grandes distâncias em busca de perdão ou de graças divinas.

As novenas também são uma forma de expressão da religiosidade popular. Elas consistem em nove dias de orações e devoção a um santo ou uma virgem, e são acompanhadas de novenas cantadas, em que os fiéis se reúnem para cantar e rezar juntos, o que é uma parte muito vívida nas memórias do festejo de Santa Teresa.

Eu nasci em Tefé, me criei em Tefé, eu me lembro muito bem da nossa festa de Santa Teresa, né, aqueles quinze dias, que antes eram quinze dias de arraial, da participação de todo o povo aqui da cidade, então era uma participação muito ativa, o povo colaborava, [...] e sempre teve em festa, né, e todos colaboravam para os arraiais, cada noite tinham os patrocinadores [...] que justamente participavam diretamente (M. MARINHO, 71 anos, 30/12/2022).

Outra característica marcante da religiosidade popular é a devoção a Nossa Senhora. Segundo Vilhena (1993), a devoção a Nossa Senhora é uma forma de expressão da maternidade divina e reflete a importância da figura feminina na religiosidade popular. A festa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, é um exemplo de como a devoção mariana é valorizada na religiosidade popular.

É importante destacar também que a religiosidade popular é a sua capacidade de se adaptar e se renovar ao longo do tempo. Para Vilhena (1993), as práticas religiosas populares são fruto de um processo histórico de construção e transformação, que reflete as mudanças sociais e culturais de um povo.

Durante o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica reconheceu o papel fundamental da religiosidade popular na vivência da fé e na cultura dos povos. A partir desse reconhecimento, houve uma valorização das práticas religiosas populares e uma aproximação entre a hierarquia da Igreja e os fiéis. No entanto, a religiosidade popular ainda enfrenta resistências e preconceitos por parte de setores mais conservadores da

Igreja e da sociedade em geral. Segundo Castells (1999), a identidade religiosa e cultural é um campo de disputa, em que diferentes grupos tentam impor suas visões e valores.

Nesse sentido, a preservação da religiosidade popular como patrimônio cultural requer uma reflexão crítica sobre as mudanças culturais e suas implicações, como destaca Fernando (2021). A valorização da religiosidade popular como parte da cultura e da identidade de um povo é importante para a promoção da diversidade cultural e da tolerância religiosa.

Durante o Concílio, a hierarquia da Igreja reconheceu o valor fundamental da religiosidade popular na vivência da fé e na cultura dos povos. Segundo Vilhena (1993), o Concílio defendeu a necessidade de uma adaptação da liturgia às diferentes culturas e realidades locais, o que acabou influenciando uma maior valorização das práticas religiosas populares.

Além disso, o Concílio também reconheceu a dimensão da participação dos leigos na vida da Igreja e a necessidade de uma maior abertura ao diálogo inter-religioso. Conforme Vilhena (1993), essas mudanças acabaram influenciando uma maior valorização da religiosidade popular como expressão da fé e da cultura dos povos.

Dessa maneira, as mudanças propostas pelo Concílio não foram unânimes e geraram debates dentro da Igreja. Alguns setores da Igreja resistiram às mudanças, argumentando que elas poderiam descaracterizar a tradição e a identidade católicas. Segundo Hobsbawm & Ranger (1997), a tradição é uma construção social e histórica e não algo imutável.

Nesse sentido, a influência do Concílio Vaticano II na religiosidade popular pode ser vista como um processo de abertura e valorização das práticas religiosas populares, mas também como um campo de disputa entre diferentes visões e valores. A preservação da religiosidade popular como patrimônio cultural requer uma reflexão crítica sobre as mudanças culturais e suas implicações, como destaca Fernando (2021).

A valorização da participação dos leigos na vida da Igreja pode ser vista como uma forma de reconhecer a magnitude da religiosidade popular como expressão da fé e da cultura dos povos. As práticas religiosas populares são muitas vezes fruto da criatividade e da devoção dos fiéis, e a sua valorização pode contribuir para uma maior participação dos leigos na vida da Igreja.

Além do mais, a influência do Concílio Vaticano II na religiosidade popular pode ser vista em termos de uma maior abertura ao diálogo inter-religioso. Segundo Vilhena (1993), o Concílio defendeu a necessidade de um diálogo aberto e respeitoso com outras

religiões, o que acabou influenciando uma maior valorização da diversidade religiosa e cultural.

Porém, a influência do Concílio Vaticano II na religiosidade popular pode ser vista em termos de uma maior resistência por parte de setores mais conservadores da Igreja. A resistência às mudanças propostas pelo Concílio pode refletir a preocupação com a preservação da tradição e da identidade católicas, mas também pode representar uma forma de resistência às mudanças culturais e sociais.

A valorização da diversidade religiosa e cultural pode contribuir para uma maior tolerância religiosa e para uma maior compreensão das diferentes expressões da fé. A religiosidade popular, como expressão da cultura e da espiritualidade de um povo, pode ser vista como um exemplo dessa diversidade e como um campo fértil para o diálogo inter-religioso.

Além das mudanças doutrinárias e litúrgicas, o Concílio Vaticano II também teve impactos significativos na estrutura e organização da Igreja Católica. O papel e a autoridade dos bispos foram fortalecidos, e a criação de novas estruturas de colaboração entre as dioceses e as conferências episcopais foram promovidas. Essas mudanças tiveram como objetivo fortalecer a unidade da Igreja e promover uma maior participação dos bispos no processo de tomada de decisão.

No entanto, deve-se levar em conta que a formação da vida religiosa do caboclo amazônico é muito mais complexa e ultrapassa as muitas variações do cristianismo, bem como ainda, as religiões de matrizes africanas, pois segundo Eduardo Galvão³, em seu livro chamado Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas, “os elementos ameríndios que integram a religião do caboclo derivam dos povos que habitavam o vale anteriormente à expansão dos portugueses” (GALVÃO, 1955, p. 7). Conforme o autor, essas sociedades, descritas por Julian Steward⁴ como “Sociedades do

³ A pesquisa sobre a vida religiosa do caboclo amazônico, desde um ponto de vista antropológico, sublinha Maués, deve tributos a Eduardo Galvão. Oriunda de uma extensa pesquisa de campo realizada na cidade de Gurupá, região do Baixo Amazonas, em 1948, sob a orientação de Charles Wagley, professor da Universidade de Columbia, a obra Santos e Visagens, de Eduardo Galvão, foi publicada em 1955, sob a forma de livro, depois de ter sido apresentada como tese de doutoramento, ao Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia, Nova York, cujo título original é: *The Religion of Amazon Community: A Study in Culture Change*. O prefácio à segunda edição do livro, escrito pelo próprio autor, traz uma advertência que procura distinguir sua obra da maioria dos estudos até então reconhecidos (CONCEIÇÃO, 2012, p. 300-301). Do ponto de vista antropológico, quem primeiro estudou a questão da diversidade religiosa do caboclo amazônico foi Eduardo Galvão, que constituiu um marco nesses estudos, com dois trabalhos de importância fundamental: um pequeno artigo intitulado “Vida religiosa do caboclo da Amazônia”, publicado em 1953, e um livro, resultado de sua tese de doutorado, Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, publicado em 1955 (MAUÉS, 2005, p. 259).

⁴ Steward, 1947, p. 100.

tipo de floresta tropical”, são sociedades que não possuem uma estrutura de classes, e estão organizadas primariamente em torno de famílias extensas ou de linhagens. De acordo com Galvão (1955),

Na religião observa-se a ausência de rituais complexos, sendo relativamente poucas as cerimônias comunais. A pajelança destina-se à cura de doenças e à prática de feitiçaria, serve a fins individuais. Embora essas semelhanças, as sociedades da floresta tropical, distinguiam-se umas das outras, por imprimirem maior ou menor ênfase nesses diferentes aspectos culturais. A diversificação é mais acentuada nos elementos que se podem considerar secundários ou acessórios (GALVÃO, 1955, p. 7).

Segundo o autor, a maioria das crenças não católicas do caboclo amazônico, deriva do ancestral ameríndio. No entanto, elas foram influenciadas e modificadas num processo híbrido, o qual ele vai chamar de “amalgamação”, com outras de origem ibérica e mesmo africanas. Para ele, “a integração dessas crenças no corpo da moderna religião do caboclo, não assumiu, porém, a forma de "sincretismo" que se observa nos cultos afro-brasileiros de algumas regiões do país” (GALVÃO, 1955, p. 7), ao contrário das manifestações religiosas dos povos sul-americanos, onde há predominância da influência espanhola, o mesmo não se observa na religião do caboclo, melhor dizendo, aquela íntima e acentuada integração entre as práticas católicas e indígenas. Para Galvão (1976),

tinha como fato incontestado o seguinte: o caboclo amazônico é antes de tudo católico. A expressão religiosa de um povo, independentemente de suas motivações psicológicas, mostra de modo mais evidente em suas instituições as influências de causas de origem social e histórica. Portanto, ao observar a vida religiosa de Itá (nome fictício dado à cidade de Gurupá) percebeu que o catolicismo do caboclo amazônico era acentuadamente marcado pela devoção aos santos padroeiros da localidade e reduzido a um número de santos de devoção identificados à comunidade daquele local. Muito embora fizesse referência a uma espécie de catolicismo popular do Norte brasileiro, ao buscar as singularidades das expressões religiosas de Itá, reconhecia que tais singularidades não estavam plenamente reveladas naquelas manifestações do cristianismo ibérico, mas antes na forte influência das crenças e práticas ameríndias (GALVÃO, 1976 *apud* CONCEIÇÃO, 2012, p. 301-302).

Conforme dito anteriormente, para Eduardo Galvão, a influência ameríndia provém de uma ancestralidade, pré-Cabralina, mostrando-se muito forte e alicerçada nos costumes e crenças locais, pois ela traduz-se na cosmovisão do caboclo, não de forma homogênea, diferenciando-se apenas geograficamente no vale amazônico, em relação às crenças e práticas religiosas de origem europeia ou afro-brasileira. Segundo Galvão (1955),

entre essas crenças locais registramos as que se referem aos curupiras, descritos à semelhança de caboclinhos que habitam a mata; aos anhangás, “visagens”, de fala regional, que ora surgem sob a forma de um pássaro, ora como veados de olhos de fogo, ou como simples aparição sem aspecto definido; à cobra grande, que aparece comumente como uma sucuriçu grande porte, mas que também pode mostrar-se sob a aparência de um “navio

encantado”; ao matintaperera, outra “visagem” que se identifica por um pássaro negro, seu xerimbabo; aos botos, que se acredita sejam encantados e possam se transformar em seres humanos; [...] aos companheiros de fundo, “encantados” que habitam o fundo dos rios e igarapés; às mãos de bicho, entidades protetoras da vida animal e vegetal. Além desses, cuja caracterização é bastante definida, existem outros sobrenaturais a que o caboclo denomina genericamente de “bichos visagentos”, em geral associados a um acidente natural, o rio, o igarapé, ou um trecho da mata. Destaca-se ainda a crença na panema, força mágica que incapacita o indivíduo para a realização de suas empreitadas, cuja fonte se atribui a mulheres grávidas ou menstruadas; a pajelança que reúne todo um complexo de práticas mágicas e baseia-se no poder de determinados indivíduos, os pajés, sobre as diferentes classes de sobrenaturais, que utilizam para a cura de doenças e para a feitiçaria; e o uso de rezas ou fórmulas mágicas para uma infinidade de propósitos (GALVÃO, 1955, p. 5-6).

No trabalho de campo, realizado na região do Salgado, no nordeste paraense, o antropólogo Raymundo Heraldo Maués⁵, observou que em algumas casas, inclusive nas dos pajés, existiam oratórios com várias imagens de santos. E que diante dessas imagens, os devotos faziam suas orações. Em sua pesquisa, o antropólogo constatou o seguinte:

Alguns informantes dizem que é mais importante orar diante das imagens de seus santos particulares do que ir às igrejas assistir a missas e outras cerimônias públicas patrocinadas pelos sacerdotes ou pelas diretorias de festividades. Nesse sentido, todos os chefes de família são, de alguma forma, “donos de santo” (MAUÉS, 2005, p. 268).

Eduardo Galvão, sustenta que no vale do Amazonas, o pajé é um bom católico, mas ele não mistura suas práticas com aquelas da Igreja. “A "pajelança" e o culto dos santos são distintos e servem a situações diferentes. Os santos protegem a comunidade e asseguram o bem-estar geral ” (GALVÃO, 1955, p. 6), enquanto que os “bichos visagentos”, não recebem qualquer culto ou devoção, "A atitude do caboclo é de evitá-los tanto quanto possível ou de recorrer a técnicas de imunização ou de neutralização de seus poderes malignos” (GALVÃO, 1955, p. 6). No caso dos santos, seus favores e sua proteção obtém-se através de promessas e orações que propiciam sua boa vontade. No entanto, para o caboclo amazônico, não há uma distinção destes, como sendo forças opostas, mas para ele, “[...] os santos e os bichos visagentos são entidades de um mesmo

⁵ Raymundo Heraldo Maués, tal como o Eduardo Galvão da obra Santos e Visagens, concentra suas atenções na religião. Já em sua dissertação de mestrado, defendida em 1977, na UnB, intitulada Ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores e que veio a ser publicada em 1990, o antropólogo paraense deixou-nos as evidências daquilo que seria o seu longo percurso investigativo até os dias atuais: dar a devida atenção aos múltiplos aspectos da vida religiosa cabocla, pois de 1975 a 1976, Heraldo Maués, no município de Vigia, na região do salgado, litoral do nordeste paraense, desenvolveu várias pesquisas. Ao investigar os usos e o exercício da medicina popular e das práticas xamânicas pelos moradores da povoação de Itapuá, Heraldo Maués percebeu que embora a religião dominante fosse o catolicismo, majoritariamente, o corpus das crenças daquela população estava voltado para a chamada pajelança. Na superfície, a dominante crença católica; na profundidade, a pajelança (MAUÉS, 1990, p. 32-33 *apud* CONCEIÇÃO, 2012, p. 304).

universo” (GALVÃO, 1955, p. 7). A pajelança, portanto, se distingue do culto dos santos e servem a situações diferentes, destinando-se à cura de doenças e à prática de feitiçaria, direcionada para fins individuais. De acordo com o autor de “Santos e visagens”,

Na Amazônia, o contato entre europeus e indígenas não resultou na adoção e assimilação gradual pelo índio de elementos culturais do Velho Mundo. Sociedades tribais desapareceram rapidamente, sendo sua população absorvida pelos centros coloniais. A cultura do aborígine influenciou a cultura mameluca que tomava forma, mas foi mantida a orientação pelo padrão europeu. O sistema religioso que se desenvolveu como parte dessa cultura em formação teve seus elementos básicos no catolicismo ibérico do século XVI, acrescidos de outros, indígenas, principalmente tupis, modificados em sua amalgamação e desenvolvimento pelas condições particulares do vale amazônico (GALVÃO, 1955, p. 9).

Para Galvão (1955), as integrações dos elementos religiosos dependeram de fatores diversos, porém específicos ao ambiente amazônico, uma vez que esse processo se deu de modo desigual, e também por etapas. O autor chega a listar, por exemplo, os recursos econômicos da floresta tropical, a organização das sociedades tribais, as técnicas primitivas de exploração do meio, a influência dos missionários, o caráter do catolicismo ibérico em confronto com a ideologia do aborígine, e ainda a imersão e o desenvolvimento das características da sociedade mestiça de índios e brancos, que deu forma a atual sociedade rural contemporânea e suas crenças. Segundo Maués (2005), a todas essas crenças, correspondem práticas que se traduzem em formas de cultos, festas e rituais,

os pajés, entretanto, de modo geral, consideram suas crenças e práticas como parte integrante do catolicismo que praticam, não se considerando como sacerdotes de um novo culto, ou um culto concorrente do catolicismo. Um deles, o principal pajé de Itapuá, na época em que fiz meu trabalho de campo, disse-me em depoimento que, apesar da incompreensão dos sacerdotes católicos, a pajelança tinha sido uma arte deixada na terra por Jesus Cristo, que também curava os doentes de seu tempo como hoje fazem os curadores caboclos (MAUÉS, 2005, p. 271).

Na ótica de Eduardo Galvão, a cultura do aborígine influenciou a cultura mameluca, que tomava forma, mas foi mantida a orientação pelo padrão europeu. Além disso, forças econômicas e sociais externas que adentraram no vale amazônico, produziram mudanças no passado e ainda continuam a operar no presente. “As instituições religiosas das pequenas comunidades sofreram igualmente a influência desses agentes, tal como o resto da cultura.” (GALVÃO, 1955, p. 10). Conforme o autor,

À medida que as áreas rurais estreitam suas ligações com os centros urbanos, a hierarquia eclesiástica assume mais efetivamente o controle e a direção da vida religiosa. Extinguindo-se ou modificando-se as condições peculiares a vida rural, muitas crenças locais perdem sua função ou tendem a desaparecer diante da influência de novos conceitos difundidos pelas escolas e pelos centros de saúde pública. Crenças não católicas são degradadas e consideradas

como "superstições" das classes economicamente inferiores. [...] quando se modificam as condições de vida rural no sentido de urbanização, verifica-se na vida religiosa da comunidade o surgimento de um arranjo mais complexo, formal e diferenciado, função das características específicas ao novo ambiente social (GALVÃO, 1955, p. 10-11).

No entanto, podemos concluir que a religiosidade popular do caboclo amazônico, não está vinculada, ou necessita estar vinculada a um regramento institucional religioso, ela é para além disso, ela é mestiça, ela é híbrida, ela é popular, ela não pode e nem deve estar se realizando plenamente devido a autorização do Vaticano de forma alguma, pois a cultura popular vem do povo, proveniente do povo, melhor dizendo, ela é Arreligiosa.⁶

1,1– Jesuítas, Carmelitas e Espiritanos: o arcabouço religioso do povo tefeense

Tefé,⁷ é um município brasileiro do interior do estado do Amazonas, Região Norte do país. A origem do município se explica pela disputa luso espanhola, empreendida com a finalidade de colonização da região Amazônica no século XVII. Conforme Pessoa (2005), Portugal ao sair vitorioso nos embates e conflitos, tomou posse do território e consolidou a presença da coroa portuguesa nesta região, representado na pessoa de Frei André da Costa, missionário Carmelita, considerado o fundador da cidade de Tefé em 1718.

A cidade fica às margens do lago de Tefé (Figura 1), lago formado pelo alargamento do rio de mesmo nome nas proximidades de sua foz, que é um dos afluentes do Rio Solimões na sua margem direita, conhecido como “Lago dos espelhos”⁸, e a esquerda pelo igarapé do Xidarini. “Tefé se encontra em uma posição geográfica privilegiada, além da visão panorâmica que apresenta” (PESSOA, 2005, p. 23).

Com uma população estimada de 61.453 habitantes de acordo com o último censo 2010, Tefé, é o sexto maior município do estado do Amazonas, e possui uma área territorial de 23.692,223 km², cuja densidade demográfica é de 2, 59 hab./km², e possui como municípios vizinhos: Alvarães, Carauari, Coari, Maraã e Tapauá, conforme dados do IBGE (2020).

⁶ Significado – Que não pertence a nenhuma religião; que recusa qualquer religião. Fonte: Dicionário online de Português - dicio.com.br Disponível em: <https://www.dicio.com.br>

⁷ O nome “Tefé”, tem origem nheengatu, idioma que já foi mais falado que o português na Amazônia, e significa "Rio profundo", Segundo (SEVALHO, 2012, p. 26). Tefé também já foi conhecida como Ega, em referência a uma freguesia homônima em Portugal.

⁸ Para uma elucidação melhor sobre a lenda do Lago dos espelhos conferir: Sousa (1983, p. 27; 1996, p.88); Faulhaber (1998, p 151).

Figura 1: Vista aérea da frente da cidade de Tefé



Fonte: Cidade de Tefé, Amazonas. Disponível em encurtador.com.br/jvX58

De acordo com o site “Distancias entre cidades”⁹, a cidade de Tefé, está a cerca de 522,03 Km, de distância, em linha reta, da Capital Manaus. O acesso ao município só é possível por via aérea ou fluvial, sendo esta segunda opção a mais utilizada pelos viajantes, que se deslocam através dos barcos conhecidos na região com os “recreios”, e estes recreios levam em torno de um dia e duas noites de jornada, o que corresponde em torno de 36 (trinta e seis) horas de viagem. Um outro modo de deslocamento fluvial ainda mais rápido é de lancha a jato, que encurta a duração da viagem em torno de 12 horas (Figura 2). Por via aérea o tempo de voo de Tefé até Manaus, varia, aproximadamente, entre 45 (quarenta e cinco) minutos a 1h00min.

Segundo Pessoa (2005), no início da colonização, melhor dizendo, “Na região do território do município, habitavam mais de 312 nações e tribos indígenas” (PESSOA, 2005, p. 27). Conforme o autor, os povos indígenas contribuíram para o desenvolvimento do município como a mão-de-obra, com a extração da borracha, no cultivo da mandioca, na produção da farinha, no uso de plantas medicinais, no cultivo de hortas, frutas, no artesanato e outras atividades que foram aprendidas e usadas pelo não indígena (PESSOA, 2005, p. 27-28).

Nos dias de hoje, Tefé sedia alguns órgãos de administração e proteção indigenista, como a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, o Distrito Sanitário Especial

⁹ Fonte: “Distância entre cidades” Disponível em: encurtador.com.br/fnNYZ

Indígena – DSEI, e a Casa de Saúde do Índio – CASAI. As etnias: Kaixana, Kambeba, KoKama, Maiuruna, Miranha, Tikuna e Mura são as únicas etnias que existem atualmente no município, segundo dados do DSEI (Pesquisa de campo em 08/10/2022, levantamento feito pelo próprio pesquisador).

Figura 2: Localização geográfica de Tefé no Estado do Amazonas



Fonte: Núcleo do conhecimento. Disponível em: encurtador.com.br/tLWX5

Existem também as três forças armadas no município de Tefé; Marinha, Exército e Aeronáutica. E estas são representadas nas seguintes instituições: Marinha do Brasil (Agência da Capitania Fluvial de Tefé), Exército Brasileiro (16ª Brigada de Infantaria de Selva) e Aeronáutica (Destacamento de Controle do Espaço Aéreo de Tefé - DTCEA-TF), que controla um sistema de radar para monitoramento, controle e defesa do tráfego aéreo nessa região amazônica. Há também uma Agência da Polícia Federal e ainda as forças auxiliares como a Polícia Militar, Polícia Civil, um destacamento do Corpo de Bombeiros e a Guarda Municipal (Pesquisa de campo em 09/10/2022, levantamento feito pelo próprio pesquisador).

Tefé possui uma rede de ensino bastante diversificada, com instituições de ensino das redes pública e privadas. Na rede pública municipal, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação Esporte e Cultura de Tefé – SEMEEC, há dezoito escolas incluindo creche na zona urbana e 67 na zona rural. Na rede estadual, existem dezesseis escolas, sendo quatorze na zona urbana e duas na zona rural, conforme a Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEDUC-AM). O município foi agraciado em 2001, com a inauguração do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Na rede federal, contamos com a recente instalação, ainda

em andamento, do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), em campus provisório desde o ano de 2014, oferecendo ensino nas modalidades técnico integrado ao ensino médio (os estudantes realizam o ensino médio regular, juntamente com as disciplinas do ensino técnico) e o subsequente. Nesta, o estudante possuindo o ensino-médio, cursa apenas o curso de nível técnico, ambas têm o mesmo grau ao concluir um dos cursos, diferindo apenas no tempo de formação (Pesquisa de campo em 09/10/2022, levantamento feito pelo próprio pesquisador).

Na rede privada, há quatro escolas de educação básica no modo presencial e 3 (três) centros universitários com aulas presenciais e/ou por EAD que são: a Universidade Paulista (UNIP) e o Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Na educação técnica figuram as seguintes instituições; o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, o Serviço Social do Comércio – SESC e ainda o Centro de Educação Tecnológica do Amazonas – CETAM. Outra instituição de grande destaque no município é o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM. Criado em abril de 1999, o IDSM é uma Organização Social fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Desde o início, o Instituto desenvolve suas atividades por meio de programas de pesquisa, manejo de recursos naturais e desenvolvimento social, principalmente na região do Médio Solimões, no estado do Amazonas. (Pesquisa de campo em 10/10/2022, levantamento feito pelo próprio pesquisador).

A cidade possui dois hospitais públicos e postos de saúde em diversos bairros. De acordo com o IBGE, são 26 estabelecimentos de saúde municipais e cinco privados. (Pesquisa de campo em 11/10/2022, levantamento feito pelo próprio pesquisador). Na questão da economia tefeense, no setor primário, a agricultura destaca-se de modo bem diversificado, com produtos como: a farinha de mandioca, a castanha, a cana de açúcar, o milho, entre outros. Além disso, dispomos da venda de peixes como o Tambaqui, o Tucunaré, o Bodó, a Pescada e com grande destaque o Pirarucu manejado, que em certas épocas do ano, setembro a novembro, chega a ser uma importante fonte de renda para muitas famílias que são assessoradas pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM, que orienta e acompanha todo o processo de manejo para a venda e o consumo desse pescado (Pesquisa de campo em 11/10/2022, levantamento feito pelo próprio pesquisador).

Há também uma feira com boxes exclusivos para a venda de frutas como melancia, jambo, cacau, cupuaçu, açaí, abacate e ainda hortaliças e legumes dos quais

vale destacar o maxixe, o cheiro verde, o jerimum, a cenoura, o quiabo e outras verduras. O consumo do pescado é mais dinâmico do que o consumo da carne na culinária tefeense, chegando a gerar divisas no município. O extrativismo vegetal, como a extração da castanha, do óleo de copaíba e da andiroba, e da madeira, também influenciam a economia tefeense.

No setor secundário, a cidade possui padarias, restaurantes, ateliês, confeitarias, serrarias, olarias, uma fábrica de beneficiamento de castanha e associações de transportes tipo táxis e de cargas. Dentro do setor terciário, na área comercial, Tefé desponta com um conjunto atacadista e varejista bastante pujante. Com lojas de variedades, confecções, lojas de conveniências, papelarias, drogarias, supermercados e afins.

Na área de serviços, atualmente há quatro agências bancárias que são: o Banco do Brasil, Bradesco, Santander e o Basa. Também existe uma variada rede de hotéis e supermercados. Os eventos culturais da cidade também são muito festivos, começando com o carnaval, no mês de fevereiro, o aniversário da cidade que ocorre no dia 15 (quinze) de junho, com desfiles cívicos e apresentações culturais, ainda no final do mês junino, o Festival Folclórico que dura 4 (quatro) dias, também se comemora a Festa da Castanha, que é uma festividade cultural tefeense que atrai visitantes até de outras regiões do país. Na questão da comunicação, a cidade possui três emissoras de rádios que são: a Rádio Educação Rural de Tefé, uma rádio católica fundada em 1963, por D. Joaquim de Lange, então Bispo de Tefé, e inaugurada em 1964. Também as rádios Alternativa FM, localizada no bairro de São Francisco e a Mel FM, na estrada do Aeroporto.

Em setembro acontece o desfile cívico, com a tradicional “Semana da Pátria”, onde as escolas e a população em geral participam de jogos, gincanas, campeonatos, torneios e apresentações artísticas e culturais nas praças Santa Tereza e Remanso do Boto. Em outubro o município se congratula com o arraial da padroeira da cidade, que duram 09 (nove) dias, culminando com uma procissão por algumas ruas de Tefé, indo até a Catedral de Santa Tereza, encerrando a Festa de Santa Teresa D’ávila no dia 15 (quinze) de outubro. (Pesquisa de campo em 14/10/2022, levantamento feito pelo próprio pesquisador).

Na questão turística, Tefé se destaca de maneira exuberante com suas lindas praias que embelezam a paisagem visual do município em tempos do “verão”, que geralmente ocorre entre os meses de julho a outubro no período da estação “seca”, uma vez que no município, assim como em toda a região do Amazonas só existem duas estações do ano bem definidas, o verão, no caso a seca e o inverno, a cheia ou inverno amazônico. As

praias que existem em Tefé são: A Praia da Ponta branca, Praia da Juliana, Praia do Itapuã, Praia do Camaleão e a Praia do Amor, que fica na localidade de Nogueira, a uns quinze quilômetros da cidade, indo por via fluvial.

Também existe um roteiro bem variado de prédios antigos e lugares históricos, como por exemplo o Seminário Apostólico São José, que é um dos prédios mais antigos da cidade. Segundo Pessoa (2005), teve sua construção iniciada em 1913, porém, ela só foi finalizada em 1935. O local é uma obra de arquitetos portugueses e franceses. Outra opção é o lindo Encontro das Águas de Tefé, formado pelo encontro do lago Tefé com o rio Solimões. Dos municípios do Estado do Amazonas, Tefé, é a única cidade, depois da capital, a possuir esse fenômeno natural.

Fundada em 1897, a “Comunidade da Missão”, iniciada por padres Espiritanos franceses, suíços e alemães, no final do século XIX e início do século XX, conta com um lindo jardim com visão privilegiada do Rio Tefé. Lá se encontra o Centro de Espiritualidade Pe. Cláudio Poullart des Places. O nome “Missão”, se deve ao fato de que foi neste local que começou a missão dos Espiritanos em Tefé, fundada pelo Pe. Xavier Liberman, em junho de 1897. Na boca do Rio Tefé, a “Missão” foi estrategicamente localizada para servir todos os missionários do Alto Solimões (PESSOA, 2005, p.58).

Um dos pontos históricos mais atrativos da cidade de Tefé, é a Catedral de Santa Teresa e sua praça. Trata-se, historicamente, do segundo grande prédio construído no município. Iniciada, segundo Pessoa (2005, p.79), em 1922 e inaugurada em 1935, situada no centro da cidade. A construção é uma obra de padres jesuítas, num misto europeu de arquitetura francesa e portuguesa.

Tefé apresenta ainda em sua estrutura urbana as praças públicas. Hoje na cidade existem cinco praças públicas, quatro delas localizadas no centro urbano, que são elas: A praça Remanso do Boto, que surgiu de uma área de contínuos aterros na década de 60, na confluência das ruas Quintino Bocaiúva, Monteiro Lobato, Monteiro de Souza e Olavo Bilac. A outra é a praça do empreendedor, antiga praça Túlio Azevedo, localizada em frente ao mercado municipal e ao Seminário Apostólico São José. Ao lado da Prefeitura Municipal, está a Praça da Alimentação Alcindo Roberto, e ainda na estrada do aeroporto, existe uma outra que é chamada de a praça da Saúde, antiga praça da Onça, que fica distante do centro da cidade, uns 5 km, localizada em frente ao Grêmio Recreativo de Subtenentes e Sargentos (GRESSTE), pertencente ao Exército Brasileiro. Esta praça é um

lugar bastante frequentado, devido a práticas de atividades físicas, exercícios aeróbicos e danças (Pesquisa de campo em 17/10/2022, levantamento feito pelo próprio pesquisador).

Por último apresentamos a praça da Catedral de Santa Tereza, que é uma extensão da Catedral de Santa Tereza. Esta praça, ao contrário das demais, traz em seu histórico, uma singularidade especial, devido sua ligação com a história da própria Catedral. Nela são realizados alguns eventos religiosos e sociais da cidade de Tefé, como celebrações religiosas, apresentações culturais e artísticas, desfiles cívicos, quermesses escolares, feiras de comidas típicas e a tradicional festa de Santa Teresa D'ávila, padroeira da cidade, que ocorre no dia 15 de outubro, com uma participação maciça da população católica tefeense. Além do mais, nesta praça, está alocada também a estátua do Sagrado Coração de Jesus, que é um objeto histórico e sagrado (para os católicos), um presente vindo da França à prefeitura Apostólica de Tefé no início do século passado, numa espécie de memorial da cidade.

Conforme Pessoa (2005), a ocupação do solo tefeense está intimamente ligada à catequese. Tanto os missionários Jesuítas, como os Carmelitas, eram funcionários pagos pelos governos da Espanha ou Portugal. Dentre a Ordem dos Jesuítas, destacou-se o padre Samuel Fritz um jesuíta austríaco que a serviço da Espanha, fundou a Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Axiuaris, em 1688, na embocadura do Rio Tefé, no lugar conhecido pelos índios por Tambaqui-Paratu (PESSOA, 2005).

Ele acreditava fielmente que esta região pertencia a Espanha, e era dedicado à evangelização dos indígenas, o que segundo Pessoa (2005), valeu-lhe o cognome de “Apóstolo do Amazonas”. A catequese feita pelos jesuítas, em nome da Espanha, partiu de Quito, no Peru, descendo o rio Amazonas até a foz do rio Negro.

A catequese feita pelos missionários carmelitas e, posteriormente, pelos Espiritanos, partiu de Belém, no Pará, subindo o rio Amazonas. Os Carmelitas missionavam entre os índios defendendo os interesses de Portugal e aldeando-os em missões. Segundo Pessoa (2005), um outro sacerdote cristão, que se destacou, também, dentre outros missionários, porque teve grande significância para esta região de Tefé, foi o Carmelita Frei André da Costa,

Carmelita português que em 1708, veio para esta região para ocupar as Missões Espanholas que iam expulsar. Quando chegou era muito jovem, junto com outros missionários carmelitas. Como as Missões, ao longo do Rio Solimões tinham sido destruídas, em 1710, Frei André recolheu os sobreviventes na Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Axiuaris depois de passar em Tambaqui-Paratu com seus índios, Frei André, para segurança da sua Missão, transferiu-

se em 1718 para a aldeia destruída dos Tupebas e com eles deu início a cidade de Tefé (PESSOA, 2005, p.208).

Eram os missionários que se ocupavam em juntar os índios em missões para pregar não só a religião cristã, mas ao mesmo tempo, fazer com que eles aceitassem o domínio espanhol ou português. Os missionários Carmelitas e Espiritanos penetraram em todos os rios do município, fundando missões, catequisando e aldeando os nativos, formando a princípio, os primeiros núcleos habitacionais cristãos que deram origem aos municípios de Tefé, Carauari, Fonte Boa, Coari, Eirunepé e tantas outras cidades.

Quanto aos missionários Espiritanos que vieram de Belém, somente a partir de 1895 deram continuidade ao trabalho dos Carmelitas (PESSOA, 2005). De acordo com Schaeken (2004), nessa época a igreja trabalhava junto com o Estado. A igreja de toda a Amazônia era animada e comandada pela Diocese de Belém-Pará. Em 1892, foi criada a Diocese de Manaus. O Superior dos Espiritanos, Pe. Xavier Liberman, veio para a posse do primeiro bispo, Dom José Lourenço Aguiar.

O Pe. Noberto Dupuy, vigário de Tefé, presente na festa de posse e conhecendo esses Espiritanos que dedicavam suas vidas aos mais abandonados, fez um veemente apelo à Congregação para que ela também fosse ajudar aquela região tefeense, que estava muito abandonada pela igreja. Com uma grande insistência do bispo de Manaus, no dia 28 de março de 1897, o Superior Geral da Congregação, autorizou o Pe. Xavier Liberman, a abrir uma casa em Manaus. Os primeiros Espiritanos aportaram em Manaus, no dia 23 de maio de 1897, e assumiram a paróquia de São Sebastião, no dia 06 de Junho, festa de Pentecostes. Logo depois seguiram para Tefé, acompanhados do vigário cônego Noberto Dupuy, os padres Xavier Liberman, sobrinho do restaurador da Congregação, Louis Berthon e os irmãos Tito Kuster e Donacciano Hoffmann, chegando no dia 10 de junho de 1897, recebidos carinhosamente pelo povo. As autoridades locais deram a eles todo o apoio e doaram-lhes o terreno “Sobrado”, na Boca do Tefé (SCHAEKEN, 2004, p.61).

Com a chegada dos padres Espiritanos em Tefé, surgiu a esperança de um futuro promissor, pois Pessoa (2005), afirma que além desses missionários, vieram ainda outros, entre eles estavam o padre João Wirtz, Irmão Urbano, padre Augusto Cabrolié, padre Josef Fritch, os irmãos Bertino Bemhard, Emanuel Dillenser, Pedro Clave e Wilfrid Hornbach. “Eram os operários do Grande Arquiteto que vinham acelerar a civilização no município, como marceneiros, torneiros, oleiros, alfaiates, mecânicos, pedreiros, educadores, médicos, agricultores e outros profissionais”. (PESSOA, 2005 p.57)

A população que só conhecia o velho missionário Dupuy, ficou pasmada vendo tantos missionários chegarem à cidade. Eram professores que vinham junto com os missionários instruir os jovens do município. A autora Schaeken (2004), diz que com muito trabalho e suor, os sacerdotes Espiritanos construíram na comunidade da Missão, a casa, a capela e ainda implantaram um centro técnico que “logo seria o ponto de

irradiação da ação Missionária pelos rios e que em poucos anos tornou-se famosa em todo o Amazonas” (SCHAEKEN, 2004, p.61).

Esse Centro Técnico passou a se chamar, segundo Pessoa (2005), “Asilo Orfanológico de Educandos Artífices e Lavradores da Boca de Tefé” e foi inaugurado no dia 02 de fevereiro de 1898 (Figura 3). De acordo com Pessoa (2005), esta escola profissionalizante era um complexo de oficinas onde se ensinava aos jovens aprendizes horticultura, zootecnia, serraria, movelaria, olaria, construção naval, aula de pecuária de campo para criação de gado, aves, porcos, carneiros, carpintaria, funilaria e alfaiataria”, além de oferecer outros cursos como pedreiro, marceneiro, carpinteiro, cozinheiro, sapateiro, encanador, ferreiro-mecânico e tipógrafo (SCHAEKEN, 1997).

Figura 3: Primeira escola dos Espiritanos - Asilo Orfanológico de Educandos, fundado em 02 de fevereiro de 1898, dia da inauguração.



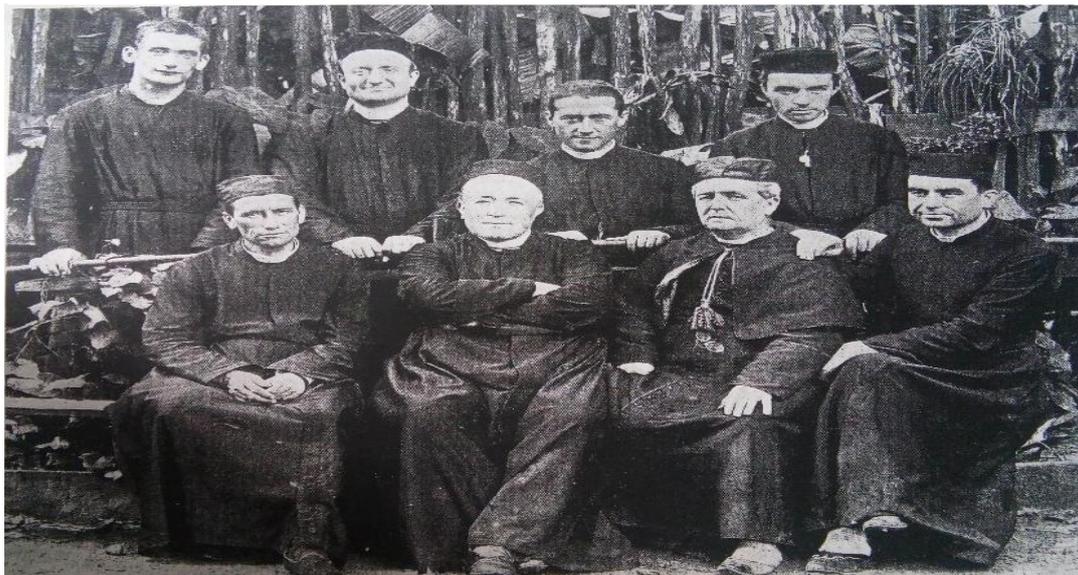
Fonte: (PESSOA, 2005, p.58)

Os padres e missionários que haviam aportado na Missão, vieram de vários lugares da Europa, alguns da Suíça, outros da Holanda, da Itália, da França, da Alemanha e Portugal. E “[...] tinham como objetivo maior: preparar o homem para Deus e para a vida, proporcionando-lhes uma profissão” (SCHAEKEN, 1997, p. 27). A autora afirma ainda que o trabalho dos sacerdotes Espiritanos evoluiu como o grão de mostarda descrita na parábola bíblica do Evangelho de Marcos (Mc 4: 31-32). A primeira leva de Padres

Espiritanos que trabalharam no início das obras na Missão e que se doaram em seus serviços ao povo tefeense, foram os seguintes (Figura 4):

Xavier Liberman, Louis Berthon, Augusto Cabrolié (médico), José Frtsch e os irmãos: Donaciano (hoteleiro e pescador), Bertino Bernhard (ferreiro-mecânico), que foi sucedido pelo irmão Martinho Herman; Wilfrid (oleiro), Casimiro (alfaiate), Ignácio Maria (sapateiro), Emanuel Dillenseger (cozinheiro), Tito Kuster (marceneiro). (SCHAEKEN, 1997, p. 28).

Figura 4: Primeiros padres Espiritanos que vieram para a Missão em 1897. Em pé, da esquerda para a direita: seminarista Krauss e padres Wirtz, Cabrolié e Fritsch. Sentados, da esquerda para a direita: padres Berthon e Veillet, cônego Dupuy e padre Parisier.



Fonte: Casa Espiritana da missão, 2022.

Conforme Pessoa (2005), foram também criadas ali escolas para meninos e meninas onde, além do ensino formal, se ensinava também aulas de canto e música. Pessoa (2005), afirma ainda que entre os missionários Espiritanos, veio o Pe. Francês Augusto Cabrolié, um exímio médico e também farmacêutico, diferentemente de hoje, preparava os remédios, e ainda sabia fazer remédios homeopáticos, usando muitas plantas medicinais da floresta, indicada pelos índios, mesclando conhecimentos entre ambos.

Assim, percebemos que estes missionários davam assistência médica, educacional, profissional, moral e religiosa, não somente aos habitantes da Missão, mas à população tefeense em geral, pelo fato de haver escassez, principalmente, de profissionais de saúde na cidade. Por esta razão, davam assistência e receitavam alguns medicamentos. “Durante muitos anos, quase todos os navios aportavam na missão, tal era a sua importância” (SCHAEKEN, 1997, p. 34).

Por decreto da Congregação Consistorial de Pio X, de 23 de maio de 1910, a Paróquia de Tefé tornou-se sede de uma Prefeitura Apostólica e em 16 de agosto do

mesmo ano, a Santa Sé nomeou o francês Espiritano Mons. Alfredo Michael Barrat, Prefeito Apostólico de Tefé, conferindo-lhe a *Facultas Administrand* ¹⁰. Logo que recebeu a nomeação, Monsenhor Barrat viajou para o Amazonas e chegou em Manaus no dia 26 de outubro do mesmo ano. No dia 06 de novembro, chegou em Tefé, onde foi recebido com grande alegria e simpatia pelo povo e pelas autoridades. Depois de receber as homenagens, o Bispo foi para a Missão, onde fixou sua residência, e, desde então não mediu esforços para proporcionar ao povo educação, saúde e trabalho (SCHAEKEN, 1997).

O Pe. Noberto Dupuy, até então, era o vigário da Paróquia de Tefé, agora uma vez elevada a Prefeitura Apostólica, estava sob a responsabilidade do recém-nomeado Bispo Espiritano, Monsenhor Barrat,

[...] mesmo residindo na missão, tratou de fazer na cidade de Tefé a casa da Prefeitura Apostólica, um prédio colossal, onde antes era a casa do Cônego Dupuy. Foi iniciado em 1913 e concluído em 1919. E até hoje, esse prédio (Seminário São José), destinado à preparação dos futuros padres Espiritanos, conserva sua arquitetura barroca e francesa, servindo como ponto turístico da cidade pela sua beleza física, misturada com a beleza do lago. (SCHAEKEN, 1997, p.36).

A inauguração do Seminário Apostólico São José, deu-se no dia 15 de junho de 1919. Segundo Schaeken (1997), no dia 11 de julho de 1920, Monsenhor Barrat transferiu sua residência da Missão, para a cidade de Tefé, destacando-se de maneira extraordinária, com feitos memoráveis na gestão da Prefeitura apostólica do município. Assunto que trataremos mais adiante, no terceiro capítulo.

A autora diz ainda que foram plantadas na Missão árvores frutíferas como mangueiras, laranjeiras, abieiros, açazeiros e outras espécies, e também foram traçadas alamedas que fizeram com que houvesse, assim, uma mudança na paisagem daquele lugar. Além do mais, “Arrumou-se o cemitério (Figuras 5), que em poucos anos, se encheu de túmulos de Espiritanos que morreram a serviço do povo”. (SCHAEKEN, 1997, p. 36).

Percebe-se que desde o princípio, essas ordens religiosas (Jesuítas, Carmelitas e Espiritanos) impregnaram nos primeiros habitantes locais e ao longo dos anos, não somente a prática de uma devoção religiosa - cristã, mas também um senso de respeito para com os sacerdotes, um aprendizado laboral saudável e o exercício de uma

10 Licença: ato unilateral e vinculado pelo qual a Administração faculta àquele que preencha os requisitos legais o exercício de uma atividade. Fonte: Ato Administrativo Conceito, atributos, elementos ou requisitos, classificação. 2019. jusbrasil.com.br. Disponível em: <https://andreportovix.jusbrasil.com.br/artigos/790697475/ato-administrativo>.

moralidade. Em especial, os Espiritanos, pois estes “[..]injetaram um espírito de progresso, educação, instrução profissional e ação assistencialista na sociedade tefeense” (SCHAEKEN, 1997, p.34).

Figura 5: Pesquisa de campo - Cemitério dos Espiritanos – Barreira da Missão, 2022.



Fonte: arquivo pessoal do autor

Além das manifestações religiosas, um outro testemunho interessante da influência dos missionários católicos na região amazônica, são os festejos de Santos Católicos, que ainda hoje se traduz numa importante prática social entre os nortistas. Essas práticas culturais, de caráter periódico, além de manifestações religiosas, são práticas culturais que podem ser observadas com maiores ou menores variações, também por todo o Brasil, caracterizados por serem formas de celebração e comemoração a devoção aos santos. Podem ser definidos como práticas resultantes de apropriações populares de personagens consagrados através do catolicismo oficial (VILHENA, 1993).

As festas de santos não são uma exclusividade do catolicismo rustico amazônico, podendo também ser observadas entre as práticas católicas populares nos meios urbanos da região, além do mais, é um costume, um hábito e uma ação em que o mortal encontra-se com o transcendente, o divino, o eterno, uma vez que “a experiência religiosa da festa [...] permite aos homens viver periodicamente na presença dos deuses [...], ‘sair’ da

duração profana para reunir-se a um Tempo ‘imóvel’, à “eternidade” (ELIADE, 1992, p.55).

As rezas, as procissões e os demais atos do culto são somente etapas de um momento anterior, geralmente precedidos pelo “puxador”, sendo que na etapa seguinte da festa religiosa, ocorrem as músicas, danças e diversões, comumente acompanhadas de bebidas alcoólicas (ou não) e de muita comida. Além disso, em alguns lugares, os festejos são ocasiões especiais para os populares venderem seus produtos artesanais e outros quitutes da culinária local. Essa atividade social é marcada pela dualidade, cujo hábito festeiro, pode ser percebido desde a montagem da estrutura para a prática religiosa da festa, à sua significação. Aflora então nesse momento, uma série de particularidades que remetem à sua natureza, quase simultaneamente, sagrada e profana, como citado por Durkheim (2003),

A divisão do mundo em dois domínios que compreendem um tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distinto do religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem as coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhe são atribuídos, sua história, suas relações mutuas e com as coisas profanas. (DURKHEIM, 1996, p. 32).

A divisão do mundo em dois domínios que compreendem um tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distinto do religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem as coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhe são atribuídos, sua história, suas relações mutuas e com as coisas profanas (DURKHEIM, 1996, p. 32).

Observar a festa numa perspectiva de escalas possibilita enquadrar tanto os atores sociais que a realizam quanto os que a consomem, demonstrando a unicidade e a riqueza desta manifestação. Neste sentido, Ricoeur (2007, p. 222) afirma: “Ao mudar de escala, não vemos as mesmas coisas maiores ou menores, em caracteres grandes ou pequenos, como disse Platão na República sobre a relação entre a alma e a cidade. Vemos coisas diferentes”. Diante disso, propõe-se utilizar duas escalas nesse estudo: uma micro, abordando os detalhes da festa e outra macro, que possibilita uma visão geral do evento [...] (MARQUES e BRANDÃO, 2015, p. 19).

Na Figura 6, Marques & Brandão (2015), representam os possíveis elementos e sujeitos, no que eles denominam de Micro-escala e Macro-escala. Esta representação, segundo os autores, mostram uma analogia do “corpo da festa”, no qual o sagrado que está ocupando o núcleo do círculo, ou seja, o micro, é a festa religiosa em si, enquanto que no seu envoltório circular, ou seja no macro, está o elemento profano. O que é importante notar, é que os autores apontam uma espécie de força centrípeta e ao mesmo

tempo similar, como uma força interna (procedente do núcleo) e outra externa (adjacente do seu envoltório), e todo esse interacionismo proporciona a criação de redes. Essas redes são estabelecidas entre os elementos e sujeitos entre si e entre os elementos da escala oposta, ou seja, há interações entre todos. Enquanto uma projeta-se para fora (Micro-escala) a outra, pelo contrário, projeta-se para dentro (Macro-escala) e esse mecanismo possibilita o equilíbrio da festa (MARQUES & BRANDÃO, 2015).

Figura 6: O corpo da festa: a Micro e a Macro-escala



Fonte: (MARQUES E BRANDÃO, 2015, p. 19)

Os autores chamam esse interacionismo entre Macro e Micro-escala de extra escalares e tomamos como exemplo dessas redes extra escalares, a comercialização de produtos advindos dos vendedores ambulantes que são pertencentes à Macro-escala, aos sujeitos que preparam a festa, no caso, os atores sociais da Micro-escala. A fim de esclarecer a ideia da Micro e da Macro-escala propostos pelos autores já citados, tomemos como base, o quadro (Figura 7) com alguns de seus possíveis elementos e sujeitos.

Figura 7: Quadro – Elementos e sujeitos da Micro e Macro - escala

Elementos e sujeitos da macro-escala	Elementos e sujeitos da micro-escala
Vendedores ambulantes	Folias, grupo de cantadores
Baile	Rezas
Demanda em geral não devota ao mito da festa	Equipe de voluntários/devotos
Som mecânico	Procissões
Ilegalidades, drogas	Estabelecimento de vínculos afetivos
Cobertura midiática	Mutirões de trabalho comunitário

Fonte: (MARQUES e BRANDÃO, 2015, p. 20)

A Micro-escala, segundo os autores, é a parte relativamente “fixa”, ou menos maleável, pois anualmente cuidam dos preparativos do evento religioso, nesse sentido, o núcleo onde estão inseridos os autores da Micro-escala possuem, funções hierárquicas e pensamentos, ações e sentimentos particulares, mesmo fazendo parte do coletivo. Sendo assim,

Dentro da Micro-escala é possível observar uma hierarquia dissimulada designada normalmente pelo(s) coordenador(es) da festa – geralmente representante(s) da comunidade local que por laços afetivos, políticos ou designação ocupa(m) este posto – e pelos sujeitos mais experientes em cada função. Para penetrar neste espaço é necessário conquistar a confiança das pessoas. Já para participar das atividades de maior responsabilidade são exigidos conhecimento, habilidade e prática, além do aval dos mandatários. Um exemplo disso é a participação nos mutirões para o preparo de refeições coletivas. Para chegar ao estágio que permite liberdade de escolha e ação dentro de uma cozinha de uma festa popular, o indivíduo deve passar por diversos estágios – todos informais e velados (MARQUES e BRANDÃO, 2015, p. 20).

Dessa forma, observa-se que no núcleo da festa, existe um grupo fechado, com princípios próprios, regras e uma coesão que possibilitam a manutenção dessas tradições, que de certa forma, determinam o fato de não deixar com que esses eventos considerados por eles “sagrados”, tornem-se apenas uma espetacularização festiva. Por conseguinte,

conforme os autores, no contexto Micro-escala da festa, esta não é um simulacro¹¹, pelo contrário ela é real e intensa para seus praticantes, chegando até a modificar temporariamente o cotidiano desses atores nos dias do festejo.

Na Micro-escala (Figura 8), a festa não continua fidedigna e original em relação às tradições antepassadas, em sua totalidade, ela continua apresentando movimento e ao mesmo tempo se transformando. No entanto, essas mudanças não comprometem a essência de tal manifestação religiosa, enquanto cultura popular (MARQUES e BRANDÃO, 2015).

Figura 8: elementos da Micro- escala, 2020



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Por outro lado, os elementos presentes na Macro-escala (Figura 9), não possuem identidade com o lugar, sendo dessa forma maleáveis, flexíveis, e podem expandir-se ou contrair-se de acordo com a conveniência dos mesmos, em outras palavras, o olhar da Macro-escala, sobre a festa, compreende o evento como um todo, sem levar em conta, ou sem se apegar a detalhes, ou à singularidade sagrada do festejo.

Os autores argumentam que na Macro-escala é possível observar tendências de espetacularização da festa, um simulacro, espetáculo, caracterizado por um público descompromissado com o fator religioso, sem laços indenitários com a manifestação. Dessa forma, esta tendência caracteriza-se somente pela produção do patrimônio cultural

11 *Simulacro* -1 Representação de um personagem ou divindade pagã; efígie, ídolo. 2 Representação artificial da realidade; imitação. 3 Aspecto ou aparência enganosa. 4 Cópia grosseira e malfeita; arremedo. Fonte: Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portugues-brasileiro/simulacro>

imaterial, voltado a um público externo, pagante, mais propensos à questão turística. Cria-se então, conforme os autores, alucinações culturais que preenchem o imaginário desse “público de consumo”. Desse modo,

A festa se torna espetáculo quando a comunidade perde sua autonomia. A partir de então a manifestação passa a ser produzida por outros sujeitos e instituições que aliam o evento a aspirações próprias, de cunho político, social, religioso, entre outros. Apropriada, a festa perde sua espontaneidade, autenticidade e movimento. Pasta Júnior (1992, p. 72 apud MACHADO, 2003, p. 36) afirma que “[...] isolada, administrada ou emoldurada, ela se transforma em outra coisa qualquer – festividade, comemoração, menos festa. Nesse sentido, ela demarca o limite da apropriação, porque é impossível transformá-la em mercadoria sem perdê-la. [...]”. (MARQUES e BRANDÃO, 2015, p. 21)

Figura 9: Elementos da Macro-escala – vendedores ambulantes, no festejo de Santa Tereza, 2009.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Em meio a todo esse emaranhado de situações adversas “extra escalares”, emerge o que Nestór Garcia Canclini, em seu livro “Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade”, chama de hibridização cultural¹², dessa forma, outros elementos da macro – escala passam a fazer parte da cena festiva, como por exemplo a mídia, que atua diretamente na espetacularização da festa, fazendo com que as notícias sobre a cobertura daquela festividade, ou daquele evento sócio-cultural-religioso, sejam veiculadas nos meios de comunicação de massa, provocando uma movimentação freneticamente intencional, cuja finalidade é atingir boa parte da sociedade, tornando o

12 Canclini caracteriza hibridismo cultural como sendo um processo em que duas culturas antes distintas se mesclam abrangendo aspectos culturais, econômicos e políticos. (CANCLINI, 2003)

evento como uma mera atração de lazer e consumo, fazendo este público (da Macro-escala) enxergar o festejo com olhos passivos, sem comprometimento algum espiritual, mas simplesmente profano. Nessa condição, Canclini (1998), nos traz o seguinte argumento:

Pensemos em uma festa popular, como podem ser a festa do dia dos mortos ou o Carnaval em vários países latino-americanos. Nasceram como celebrações comunitárias, mas num ano começaram a chegar turistas, logo depois fotógrafos de jornais, o rádio, a televisão e mais turistas. Os organizadores locais montam barracas para a venda de bebidas, do artesanato que sempre produziram, *souvenirs* que inventam para aproveitar a visita de tanta gente. Além disso, cobram da mídia para permitir que fotografem e filmem. Onde reside o poder: nos meios massivos, nos organizadores das festas, nos vendedores de bebidas, artesanatos ou *souvenirs*, nos turistas e espectadores dos meios de comunicação que se deixassem de se interessar desmoronariam todo o processo? Claro que as relações não costumam ser igualitárias, mas é evidente que o poder e a construção do acontecimento são resultado de um tecido complexo e descentralizado de tradições reformuladas e intercâmbios modernos, de múltiplos agentes que se combinam (CANCLINI, 1998, p. 262).

O autor afirma que “[...] a construção do acontecimento são resultado de um tecido complexo e descentralizado de tradições reformuladas e intercâmbios modernos, de múltiplos agentes que se combinam” (CANCLINI, 2003, p. 262), tornando diferente a noção originária de “celebração comunitária” e essa transformação se dá pela apropriação do capital. E atribui essas mudanças, como dito anteriormente, a partir do consumo desenfreado, da mídia, dos turistas e da espetacularização, que na visão de Marques e Brandão (2015), chega a ser um “Simulacro”. Nesse contexto “[...] a comunidade perde paulatinamente a autonomia da festa e seu poder passa a residir no domínio do capital. Este processo faz com que a Micro-escala se reduza e a Macro-escala ganhe densidade, tamanho e força” (MARQUES & BRANDÃO, 2015, p. 23)

Nos festejos de santos, o sagrado e o profano se encontram, se mesclam e se complementam, na tarefa de apartar, mesmo que de momento, os participantes de seu cotidiano, sem isolá-los de seu contexto histórico. Assim, nestes festejos, a religiosidade e a diversão se encontram com data e local marcados, quer seja na zona rural ou urbana, nos dias de santos, nas casas dos promesseiros, nas procissões, nas quermesses das cidades, nas comunidades apadroadas, na vida dos ribeirinhos dos lagos da região amazônica, enfim na vida transcendental do devoto.

Assim, a Catedral de Santa Tereza e sua a Praça, também são espaços de sociabilidade e integração social, onde a população local se encontra para celebrar, festejar e trocar experiências. Como destaca Castells (1999), a identidade cultural é construída a partir das interações sociais e os espaços públicos são importantes para a

construção dessa identidade. A praça desempenha um papel importante na vida religiosa da população local, sendo um “lugar” de encontro, celebração e expressão da religiosidade popular. Como destaca Hobsbawm & Ranger (1997), as festas populares são importantes elementos da cultura popular, e são realizadas em espaços públicos, como praças e ruas.

A magnitude da Catedral e da praça na vida religiosa da população local também pode ser percebida a partir da preservação do patrimônio cultural. Como destaca Telles (2010), a preservação do patrimônio cultural deve ser compreendida de forma ampla, levando em consideração não apenas a conservação dos bens materiais, mas também a valorização das práticas e tradições culturais que estão relacionadas a esses bens. Nesse sentido, a preservação da Catedral e da praça não se limita apenas à conservação dos monumentos, mas também à valorização das práticas religiosas e culturais que são realizadas nesses espaços. Como destaca Ricoeur (2007), a memória é um processo dinâmico que se constrói a partir das narrativas e representações que são compartilhadas pela sociedade. Nesse sentido, a Catedral e a praça são importantes elementos da memória coletiva da comunidade, representando não apenas a religiosidade popular, mas também a história e a cultura local.

Por fim, é importante destacar que a Catedral e a praça não são apenas espaços de culto e celebração religiosa, mas também são importantes para a promoção do turismo cultural e para a economia local. Como destaca Fernando (2021), a valorização do patrimônio cultural pode contribuir para a promoção do turismo cultural, para a revitalização de espaços urbanos e para o fortalecimento da economia local. Nesse sentido, a preservação da Catedral e da praça não apenas valoriza a cultura e a religiosidade local, mas também pode contribuir para o desenvolvimento sustentável da cidade.

No entanto, é importante destacar que as tradições e símbolos associados a esses elementos podem ser inventados ou reinventados, como apontam Hobsbawm & Ranger (1997) em seu livro "A Invenção das Tradições". Isso significa que as práticas religiosas, as edificações e os espaços públicos podem ter uma história e um significado que foram construídos ao longo do tempo e que nem sempre correspondem à sua origem ou ao que as pessoas acreditam que sejam, a figura da Praça de Santa Teresa desperta diversos aspectos da memória, e da tradição cultural do município.

A nossa praça Santa Tereza mudou muito né? Eu ainda vi aquele espaço ali ainda só parte de cimento e parte aonde ainda tinha capim, aí com o passar do tempo foi sendo modificado veio prefeito Armando Reto começou toda uma

mudança no nosso município né? Foi feita a praça que hoje nós temos no nosso município, a praça de Santa Teresa. Ela alargueceu mais, ela era menor né? Como eu te falei o tablado era feito lá e depois que ela passou a ser pavimentada, fecharam todos esses espaços que tinha né? E aí o tablado saiu de lá, e a população toda praticamente se reunia ali né, um monte de gente (D. JÚNIOR, 54 anos, 16/02/2023).

Por outro lado, é importante destacar que as festas religiosas podem ter impactos positivos na praça e na cidade. Além de promover a religiosidade e a cultura, essas festas podem gerar impactos positivos na economia local, com o aumento do turismo e a geração de empregos temporários para moradores da cidade.

1.2 - As principais manifestações religiosas católicas de Tefé.

Segundo Schaeken (2004), as festas religiosas católicas mais bonitas e que envolviam (e ainda envolvem) todos os fiéis tefeenses são: O Natal, a Páscoa, a Peregrinação de Nossa Senhora de Fátima (no mês de maio), a Procissão de Corpus Christi (no mês de junho), e os festejos da Padroeira da cidade (Santa Teresa D'ávila) no mês de outubro. Mas além destas celebrações, existem mais duas de suma espiritual e histórica para os munícipes locais, que são a Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade. Abordaremos aqui sinteticamente estas festividades, relatadas no livro da autora Raimunda Gil Schaeken, cujo título é “Tefé, minha saudade”.

Páscoa – Conforme a autora, em preparação à festa da Páscoa, havia Via-Sacra todas as sextas feiras, na Igreja Matriz de santa Tereza (hoje catedral de Santa Tereza) e nas Capelas de São Miguel, na Ermida, na Rua Marechal Deodoro; Bom Jesus, na Rua Duque de Caxias e Nossa Senhora de Fátima, na estrada do Aeroporto. Segundo Schaeken (2004), naquele tempo, o período da quaresma era de recolhimento, orações, jejum e abstinência da carne todas as sextas-feiras. As imagens da Igreja eram cobertas com pano roxo e só eram tirados na Missa da Vigília Pascal, durante o Hino do Glória, momento que tocavam todos os sinos. No final da Missa, todos cantavam alegremente: *Despe o luto, veste gala! Santa Igreja do Senhor! Traze flores, traze palmas! Hinos, cantos de louvor! Como havia anunciado! Ressurgiu o Redentor. Aleluia, cante a terra! Aleluia, o céu também! A Jesus que ressurgindo! Trouxe ao mundo tanto bem! Glória a Deus, no céu e na terra! E agora e sempre: amém.*

Atualmente a prefeitura de Tefé, através da Secretaria Municipal de Arte e Cultura (SEMAC) e da Secretaria Municipal de Turismo, Comércio e Indústria (SETUR), promovem o Festival de Páscoa, porém é uma festa mais comercializada, desprovida do caráter religioso. A igreja continua atuando ainda nessa festividade, mas de maneira menos vistosa como em anos anteriores.

Peregrinação no mês de maio - No mês de maio realiza-se as peregrinações com a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Antigamente, conforme a autora, havia maior presença de fiéis, numa expressão de muita fé, amor e devoção a Maria. A autora diz que os donos da casa que recebiam a imagem, “preparavam um bonito altar de cetim, tule e muito brilho. Convidavam os vizinhos para passarem a noite, rezando e cantando, saboreando um gostoso cafezinho, nescau, bolo, biscoito e bolachas” (SCHAEKEN, 2004, p. 52). A peregrinação era uma pequena procissão, em que a cada noite os fiéis deslocavam-se de uma casa para outra, com a imagem da santa, e esta “era recebida com foguetes na casa do devoto, as crianças todas de branco com as mãos cheias de pétalas de rosas para jogar na Virgem Mãe. O padre fazia reflexões sempre baseadas nas aparições da Virgem aos três pastorzinhos da Cova da Iria, em Portugal” (SCHAEKEN, 2004, p.53). Concluindo com as seguintes invocações:

*Nossa Senhora de Fátima, nós vos saudamos/
Nossa Senhora de Fátima, nós temos confiança em vós/
Virgem Maria, nós vos amamos. Mãe de Deus, rogai por nós/
Refúgio dos pecadores, convertei os pecadores/
Socorro dos cristãos, vinde em nosso auxílio/...*

Enquanto a imagem entrava na casa, recebida com fio-palmas pelas crianças, todos cantavam:

I	II
<i>Sobre os braços da Azinheira.</i>	<i>Foi na Cova da Iria</i>
<i>Tu vieste, ó Mãe clemente,</i>	<i>Quando o Terço te rezavam</i>
<i>Visitai a nossa gente.</i>	<i>Quando os sinos convidavam</i>
<i>De quem és a padroeira.</i>	<i>A orar ao meio dia.</i>

Ave, ave!
Ave, ave Mãe de Deus!
Ave, ave! Ave canta os filhos teus.

Na saída da imagem para outra casa, cantava-se com muita emoção o canto:

*A hora é chegada de vossa partida
Adeus, Mãe amada, adeus mãe querida Adeus, adeus, adeus Maria*

Para o encerramento do mês de maio, até hoje, conserva-se a tradição de coroar a Virgem Mãe, no dia 31 de maio. Schaecken (2004), fala de sua falecida amiga, a saudosa

senhora Maria de Lourdes Braga Pereira, da seguinte maneira: “Durante 30 anos, a solenidade de coroação foi dirigida pela minha amiga, de saudosa memória, Maria de Lourdes Braga Pereira” (SCHAOKEN, 2004, P. 54). Durante a coroação, as crianças cantavam:

I

*Ó Virgem Santa, Mãe de Jesus.
Fonte de graça, de amor e luz.
Filhinas tuas, vimos sorrindo,
Trazer-te o nosso afeto infindo!*

II

*Ó Virgem pura, maternal e boa,
entrelaçadas vão nesta coroa.
As nossas almas, pequeninas rosas
Que ao teu olhar se tornam mais
viçosas.*

A 16ª Brigada de Infantaria de Selva, ao assumir a capelinha de Nossa Senhora de Fátima, coordenado pelo Serviço de assistência religiosa do exército (SAREX), por ocasião da instalação dos militares no município, em 1993, coordena atualmente, em parceria com a igreja católica, o encerramento da peregrinação do mês de maio, com uma procissão que sai desta capela e termina na Catedral de Santa Tereza, no centro da cidade (Figura 10).

Figura 10: Peregrinação do mês de maio, 2022.



Fonte: 16ª Bda Inf. SI. Disponível em: encurtador.com.br/xGKZ1

Festa de Corpus Christi – Esta é outra peregrinação religiosa que ocorre em várias cidades do país, conforme (Figura 11), e em Tefé não é diferente. Ela acontece entre os meses de maio e junho, quando a Igreja católica festeja a celebração do “Senhor morto”, ou mais conhecida como Corpus Christi. De acordo com Schaeken (2004), em Tefé, até

na década de 60, via-se um movimento entre os estudantes, que pela orientação dos professores, se dividiam para ornamentar as ruas por onde passaria a procissão solene com a presença real de Cristo na Eucaristia. Cada equipe se esmerava para enfeitar muito bem a rua que lhe era confiada. Não faltavam os desenhos artísticos, tapetes de flores e faixas com as citações bíblicas; "Este é o Pão que desceu do céu". "Quem comer deste Pão viverá eternamente".

Figura 11: Corpus Christi – o costume de enfeitar as ruas no trajeto da procissão



Fonte: vidadeturista.com. Disponível em: encurtador.com.br/HKRT9

A festa e arraial de Santa Teresa - A festa de Santa Teresa (Figura 12), acontecia tradicionalmente todos os anos, no período do dia 1º a 15 de outubro, porém desde do ano de 2010, a data do início dessa festividade foi alterada, passando a iniciar-se no dia 06 indo até o dia 15, com duração de apenas nove dias (Reforma da..., 2010), acerca dessa mudança, detalharemos mais adiante. É um evento grandioso na cidade de Tefé, com uma grande participação dos munícipes que nos dias da festa ocupam o arraial na praça da Igreja. No dia 30 de setembro há movimentação dos devotos em frente à Igreja de Santa Tereza, na expectativa da abertura dos festejos que consta de alvorada com fogos de artifícios, sinos do brado e o canto do hino da Padroeira. "Hino esse, que por ser emotivo, faz os fiéis chorarem ao recordarem de entes queridos ausentes. Após o hino o pároco faz a abertura dos festejos com os votos de boa participação no arraial e nas novenas em preparação à grande festa." (SCHAEKEN, 2004, p.56).

Figura 12: Procissão de Santa Tereza no dia 15 de outubro, 2022.



Fonte: Amazonas atual. Disponível em: encurtador.com.br/epyG3

ambulantes armam barracas para venderem suas mercadorias. Nessa época, muitos tefeenses aproveitam também para colocar suas vendas. A praça da Catedral de Santa Tereza fica cheia de pessoas, que participam da festa, tornando aquele espaço de difícil acesso.

A barraca mais animada e onde as pessoas encontram os mais variados e apetitosos quitutes é a barraca de Santa Teresa, ocupada a cada noite por noitários diferentes. Tudo é festa e alegria, momentos de descontração, bate-papo e encontros amigáveis, com participação nos leilões e bingos. A cidade fica movimentada e todos colaboram com amor. Nos últimos anos, a comissão organizadora dos festejos tem incluído a parte cultural, para dar um toque especial à festa e, tem sido direcionada pela professora Maria Dirce Batalha Marinho (SCHAEKEN, 2004, p. 56).

Durante as novenas, há reflexão de temas relacionados com a vida de Santa Teresa, com muita participação dos devotos, ficando pequena a Igreja para acolher tantos fiéis. Às zero horas do dia 15 a alvorada¹³ repete com a mesma alegria e emoção. A festa termina com a missa solene e a procissão com a imagem da Padroeira, percorrendo as principais ruas e bairros da cidade. Pelo fato de Santa Tereza D'Ávila ser a padroeira da cidade, este evento com certeza, é a maior festividade religiosa da cidade, não somente pela sua grande influência paroquial e histórica, mas também, pelo alcance extraterritorial tefeense que a festa possui. São muitos os devotos dos municípios vizinhos, da capital e até de outros estados, que chegam a cidade para participarem do evento ou que vão pagar

13 Primeira noite do festejo, ocorrendo a queima de fogos de artifícios.

promessas numa verdadeira expressão de fé, fazendo desta a maior concentração religiosa popular da cidade. (SCHAEKEN, 2004).

Hino de Santa Teresa

(Pe. Manuel Rebouças Albuquerque)	<i>Se és da Espanha o mais rico tesouro</i>
<i>Glória a ti, ó sublime Teresa.</i>	<i>És a glória também de Tefé.</i>
<i>De Tefé padroeira querida.</i>	<i>E por isso vimos aqui em coro</i>
<i>A teu culto nossa alma anda presa</i>	<i>Celebraste num hino de fé (...)</i>
<i>Glória a ti em hosanas de vida.</i>	

Natal - Segundo Schaeken (2004), durante o período natalino havia, nas décadas de 50 até início da década de 90, as bonitas pastorinhas e pastoral, muito bem ensaiados pelas Irmãs Franciscanas de Maria (FMM), Adamir Bamberg, auxiliadas “pelas tefeenses Santa Nogueira, Ormízia Ferreira, Luzia Nascimento e Lucila, na cidade; Fantilda de Souza, Myrian Gonçalves de Souza, Camélia Frazão, Francisca e Raimunda Barros, Alcinda, no interior” (SCHAEKEN,2004, p.59). Em preparação para o Natal, antigamente, desde os anos 50 até os anos 80, a celebração natalina era realizada durante todo o mês de dezembro, pois esta,

Era uma atividade feita com amor e dedicação pelos membros da Legião de Maria: o casal José Guinemer e Maria tendes de Souza, Hélio Silva, Roberval de Almeida, os irmãos: Barreto e Carlos Alberto Sales, João Batista Trindade, Eliete: Rabelo, Ivaldite Cabral de Castro e eu. Tínhamos as caminhadas pelas ruas todas as noites, levando uma coroa enfeitada de samambaias com quatro velas, representando as quatro semanas do advento. No início de cada semana, acendia-se uma vela, e na última semana tínhamos as quatro velas acesas. Durante o percurso rezávamos e cantávamos: Quando virá, Senhor, o dia/ em que apareça o Salvador/ e efetue a profecia:/ "Nasceu do mundo o Redentor"? Rorate, coeli, desuper, et nubes pluant iustum. (Orvalhai lá do alto, ó céus, / e as nuvens chovam o justo!) Aquele dia prometido, / a antiga fé de nossos pais, / dia em que o mal será banido, / mudando em risos nossos ais! (SCHAEKEN, 2004, p. 59).

A autora, argumenta que a parte mais solene da celebração natalina, era a conhecida “Missa do Galo”, que aliás é um costume de celebração cristã, realizada no meio católico no mundo todo, sendo transmitida ao vivo, pela tv, inclusive aqui no Brasil, às 00:00h¹⁴ do dia 24 para o dia 25 de dezembro, anualmente, desde o início da década de 80 até os dias de hoje. Esta solenidade, lembra a autora “[...] era cantada pelo coral das alunas internas e algumas externas do Colégio Santa Teresa, que com suas vozes maviosas dominavam muito bem o latim” (SCHAEKEN, 2004, p. 59). Além disso, a

14 No fuso horário brasileiro-horário de Brasília.

autora diz também que “Igualmente eram cantadas, pelo mesmo coral demais missas solenes.

O povo da época acompanhava com facilidade o Ato Penitencial, Glória, Credo, Santo e o Cordeiro, de Deus”. (SCHAEKEN, 2004, p. 59). Igualmente se realizava ainda na época natalina, uma novena, que ocorria nas casas dos paroquianos tefeenses, todas as noites, num rodizio, similar às peregrinações do mês de maio, quando se celebra o mês mariano, porém sem peregrinação, esta novena ainda acontece nos dias de hoje, porém não mais com aquele contingente de devotos e aquele ardor fervoroso que se presenciava nas décadas passadas, essa novena é conhecida como “Natal em Família”

A festa de Santa Teresa é a principal, é a Festa da Padroeira, né[...] mas tem outras manifestações, agora nos últimos anos, por exemplo, com o seu Domingos Franco de Amorim, o seu Moreno, ele começou com o festejo do Divino também realizado em Tefé, [...]” (G. SCHAEKEN, 76 anos, 01/02/2023).

Atualmente a prefeitura de Tefé, através da SEMAC e SETUR, promove o “Natal das Cores”, onde existe um roteiro de programações natalinas desde a praça da Saúde, na estrada do aeroporto e culminam com apresentações na praça da Catedral de Santa Tereza, inclusive com participação de grupos de cantata das igrejas evangélicas, que também integram o evento.

A Festa do Divino Espírito santo - A festa do Divino, como regionalmente é conhecida, é também uma das festividades mais populares do município de Tefé e comunidades. Esta solenidade festiva do Divino, segundo Schaecken (2004), “[...] surgiu em Portugal, no século XIII, e deu origem ao culto ao Divino no Brasil, na época da colonização” (SCHAEKEN,2004, p. 31). O simbolismo dessa celebração religiosa e profana ao mesmo tempo, tem um significado para o cristão devoto (que faz parte da Micro-escala), pois segundo a autora, “[...] o Divino Espírito Santo é uma pessoa divina que nos foi dada pelo Pai e pelo Filho. Ele nos faz compreender o mistério de Jesus, como segui-lo e, assim, chegar ao Pai”. (SCHAEKEN, 2004, p. 31). A cerimônia tem entrada com bonitas festas, bandeiras vermelhas com a figura de uma pomba. A pomba é símbolo da paz e da mansidão, da simplicidade e da pureza. No batismo de Jesus, o Espírito Santo veio sobre ele em forma de pomba, isto quer dizer que, Jesus assumia a missão de servir o povo, com humildade e mansidão, sem jamais dominar sobre ele. Schaecken (2004). Em preparação a grande festa, há a levantação do mastro¹⁵ e animado novenário. No dia da festa o festeiro oferece almoço aos visitantes, devotos e pagadores de promessa.

15 Trinta dias antes do início da Festividade do Divino Espírito Santo, procede-se com a retirada da madeira que servirá de mastro, que é deixado para secagem. No primeiro domingo da festividade, pela parte da

A solenidade de derrubação do mastro é cheia de rituais com cantos e rezas em volta do mastro quase sempre em latim, seguindo-se da ladainha e procissão. Em algumas comunidades há procissão fluvial luminosa e onde tem padre há missa solene. “Na localidade São Vicente, até hoje o Divino é festejado. É herança deixada por meus avós Vicente e Joana Gil. Os poucos "Gil" que ainda moram lá conservam a tradição” (SCHAEKEN,2004, p.30). Nesse dia é festa para a maioria dos padres que trabalham na Prelazia de Tefé, pertencentes à Congregação do Espírito Santo, que se unem ao povo para o benzimento do mastro e da solenidade, tanto no início, quanto no final das festividades. As procissões ocupam um lugar especial na memória de seus participantes fazendo parte da tradição, como podemos verificar no trecho a seguir.

A festa de Santa Tereza é uma das melhores aglomerações de católicos que existe aqui em Tefé. Na igreja, dia 15 de manhã, a fica cheia, cheia de fiéis, né, e a procissão também, a gente não pode dizer: “ah, diminuiu a procissão!”, não, a procissão é uma coisa muito relevante ainda, né, porque como eu digo, vem gente de fora, vem gente daqui, agora tem muitos evangélicos, né, mas... não sei, às vezes eu penso assim que tem evangélico que vai aí na nossa procissão, sabe, pelo costume, e eu coopero também pra festa e tal, depois outra festa também que eu acho que tem muita festa, é a festa do Senhor Morto, na páscoa (A. LIMA, 71 anos, 26/12/2022).

A Santíssima Trindade - A Festa da Santíssima trindade, segundo a autora, é uma riqueza da fé cristã, ela ocorre no 2º domingo, após o domingo de Pentecostes, ou seja, ela não possui uma data fixa, mudando de acordo com o calendário anual em curso. Essa devoção à Trindade, traz em seu significado, “[...] escolhê-la como nosso modelo ideal de vida”. (SCHAEKEN, 2004, p.31). É como se o próprio Deus vivendo em comunidade: Pai, Filho e o Espírito santo, descesse a terra e fosse sentido, literalmente, em meio aos homens mortais.

A devoção aos santos criou raízes no coração do nosso povo. Mesmo aqueles que, por algum motivo, se afastam da Igreja-Instituição conservam seu carinho e admiração pelos seus santos prediletos. São eles exemplos de virtude e fé a serem seguidos, intercessores legítimos diante de Deus, por terem vivido integralmente o caminho das bem-aventuranças, cf. Mateus 5,1-12¹⁶ (SCHAEKEN, 2004, p.31-32).

manhã é feita a ornamentação do Mastro com frutos regionais e colocação da Bandeira do Divino. Às 17h é feito o cortejo saindo do Bairro [...], percorrendo algumas ruas da cidade sendo o mastro carregado nos ombros dos foliões, acompanhado pela banda municipal, com chegada na praça Matriz onde é feito o Levantamento com a bênção do pároco. No domingo, último dia da festividade é feita a Derrubada do Mastro, sendo cortado a golpes de machado. Na sua queda, o folião que conseguir pegar a Bandeira será o Juiz, aquele que confeccionará a Bandeira do próximo ano. Fonte: Festividade do Divino Espírito Santo – levantamento e derrubada do mastro Disponível em: <http://www.setur.pa.gov.br/eventos/festividade-do-divino-espírito-santo-levantamento-e-derrubada-domastro>.

16 O significado das siglas - Cf., cf., Confira (compare, conforme, consulte) Fonte: Enciclopédia católica popularsiglas e abreviaturas Disponível em: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/siglas_abreviaturas.php

A procissão fluvial de honra a São Pedro – O ato celebrativo em honra a São Pedro, é muito comum em diversos municípios brasileiros, principalmente nas localidades que possuem um agrupamento expressivo de pescadores. E a nossa região Amazônica, banhada por rios, lagos, furos e igarapés, mostra o aspecto naturalmente privilegiado, com que os amazonenses, e principalmente os tefeenses, possuem em seu território. Essa festividade (assim como as outras já citadas), é tecida por uma rede de envolvimento que transcorrem o ritual, num interacionismo social, além de religioso, uma vez que a organização de bingos, arraiais e outras promoções buscam angariar recursos para a igreja e para o itinerário das celebrações do santo padroeiro. Para falar sobre essa “procissão ritual fluvial/terrestre” e os aspectos que envolvem essa romagem na cidade de Tefé, é interessante o relato da Presidente da Associação de Escritores Amazonenses (ASSEAM), a Sra. Raimunda Gil Schaeken, quando diz:

Desde que eu me entendi, já tinha essa procissão de São Pedro, e sempre tinha a procissão fluvial, cada barco, quer dizer, o proprietário se esmerava pra enfeitar bem bonito, com bandeirolas né, e, no barco principal, ia o padre, eu assisti durante muitos anos, junto com o padre Antônio Jansen, o padre Pedro Farias, o padre Paulo, esses últimos párocos aí né, eles acompanhavam assim a imagem de São Pedro, mas o destaque era o barco dos pescadores, e todos os outros barcos que tinham no porto, eles se enfeitavam pra procissão. O barco que ia na frente, era o mais enfeitado, com reza, aí chegava no porto de Tefé, então dava volta em todo o lago, com bastante fogos, e foguetes na chegada, depois vinham em procissão até a igreja matriz, que encerrava com uma missa, né, as vezes até uma missa campal, porque era tanta gente, que não cabia na igreja, por que a igreja ficava muito cheia, e o tempo bonito, fazia missa campal, é isso que eu lembro assim da procissão de São Pedro tá. (SCHAEKEN, 76 anos, 01/02/2023).

Conforme o relato da senhora Raimunda Gil Schaeken, na qualidade de entrevistada, quando ela diz “Desde que eu me entendi (risos), já tinha essa procissão de São Pedro né, e sempre tinha a procissão fluvial [...]”, ela só está confirmando uma ancestralidade ritual que a precede. Uma prática religiosa e festiva que atravessa gerações, e que acontece todos os anos no dia 30 de junho, quando se comemora o dia de São Pedro e também o dia dos pescadores. São perceptíveis as mudanças na festa fluvial de São Pedro, desde 2011, no entanto, ainda nos dias de hoje, segue essa tradicionalidade com suas nuances, porém sem perder sua essência, como descrito numa notícia acerca da procissão fluvial de São Pedro (Figura 13), veiculada no jornal local, Tefenews,

A tradicional procissão fluvial marcou a comemoração do dia de São Pedro. Nesse dia que comemora também o dia do pescador, devotos de São Pedro, religiosos, proprietários de embarcações e pescadores enfeitaram seus barcos e seguiram em grande procissão pelo lago de Tefé. A procissão teve início na sede da colônia Z-4 no bairro do Abial, depois de uma tarde de comemorações pelo aniversário da entidade. Da sede representativa dos pescadores, o andar com a imagem do Santo Padroeiro entrou em um barco e fez o percurso fluvial entre o bairro do Abial e porto da Base logística do exército. Dezenas de barcos

de grande e médio porte se juntaram ao barco que conduzia a imagem de São Pedro. Lanchas, voadeiras e até canoas com motores rabeta fizeram um belíssimo desfile no grande lago [...] A capitania dos portos garantiu a segurança dos participantes. (OLIVEIRA, 2011).

Figura 13: Procissão fluvial de São Pedro, 2011.



Fonte: Tefenews, 2011. Disponível em: encurtador.com.br/bnpJ9

Porém, conforme o passar dos anos esse evento religioso vem destoando da sua originalidade, o que é observado também nas demais atividades católicas festivas, e isso ocorre devido a vários fatores como por exemplo os intercâmbios modernos de múltiplos agentes, a mídia, os turistas, a espetacularização da festa, enfim. E essa transformação se dá, segundo Canclini (2003), pela apropriação do capital.

1.3 – Tradição e memória na religiosidade popular

A religiosidade popular é marcada pela tradição e pela memória, que se expressam nas práticas religiosas e nas narrativas dos fiéis. Segundo Le Goff (2003), a tradição é uma construção social e histórica, que se renova e se transforma ao longo do tempo, e a memória é uma forma de preservar e transmitir essa tradição.

Na religiosidade popular, a tradição se expressa nas práticas religiosas, que muitas vezes são transmitidas de geração em geração. A devoção aos santos e virgens, as procissões, as romarias e as novenas são exemplos de práticas que têm raízes históricas e culturais, e que se mantêm vivas na religiosidade popular.

A memória, por sua vez, é uma forma de preservar e transmitir essa tradição. As narrativas dos fiéis sobre os milagres dos santos, as histórias das romarias e as músicas

tradicionais são exemplos de como a memória é valorizada na religiosidade popular. No entanto, a tradição e a memória na religiosidade popular também enfrentam desafios e transformações. Segundo Telles (2010), a distinção entre patrimônio cultural material e imaterial pode criar uma dicotomia entre a tradição e a modernidade, e pode influenciar as políticas de preservação e valorização do patrimônio cultural. As tradições se modificam ao longo do tempo, o contexto da Festa de Santa Tereza se modificou bastante.

Só era o povo mais que participava, nessa época eu era jovem já e a gente já entendia, então isso tudo a gente grava e marca, né? Porque meu pai, organizava, ele organizou no tempo do padre Meneval muitos arraiais, porque o padre Meneval demorou muito aqui, ele era um bom padre, já faleceu, eu me lembro que nós temos de lembrança, até hoje, eu guardo um crucifixo enorme assim, que o padre Meneval deu para o meu pai de presente, justamente por causa do trabalho dele, ele fazia, mas meu pai não cobrava nada, ele trabalhava porque gostava de ajudar na igreja (D. BATALHA, 71 anos, 30/12/2022).

Nesse sentido, a preservação da tradição e da memória na religiosidade popular requer uma reflexão crítica sobre as mudanças culturais e suas implicações. A valorização da religiosidade popular como patrimônio cultural deve levar em conta a sua dinamicidade e a sua capacidade de se renovar e se transformar ao longo do tempo, como destaca Hobsbawm & Ranger (1997).

Além disso, a tradição e a memória na religiosidade popular também podem ser vistas como formas de resistência e de afirmação da identidade cultural e religiosa. Segundo Canclini (1998), as culturas híbridas são marcadas pela combinação e pela transformação de diferentes elementos culturais, e a religiosidade popular pode ser vista como um exemplo dessa combinação e transformação. O papel da praça da igreja Matriz de Santa Tereza ao longo dos anos teve sua diversidade de apresentações reduzidas em seus papéis sociais.

As manifestações culturais que tinha aí, as representações das escolas sempre era aí, na praça, né, então representavam lendas, eu acho assim que tinha muita cultura pra se desenvolver naquela época e as professoras faziam, sabe, aquela manifestação cultural aí na praça, quando era 7 de setembro, elas faziam lá na frente da prefeitura, mas não dava, porque pra todo mundo ver, então faziam aqui na praça, rodeavam, de pessoas, que se espremiavam pra ver as apresentações (A. LIMA, 71 anos, 26/12/2022).

A relação entre tradição e memória na religiosidade popular também pode ser vista em termos de uma busca por identidade cultural e religiosa. Segundo Castells (1999), a identidade é um processo social e histórico, que se constrói a partir da combinação e da transformação de diferentes elementos culturais. O *Lócus* da praça é um espaço de diferentes memórias como a do festival folclórico de antigamente e suas perspectivas futuras por quem o ajudou à construir.

Eu já convidei a Barreira da missão para vir participar do Festival Folclórico, fazer um dia só das tribos indígenas, cada tribo cantando suas próprias músicas e seus ritos, seus rituais, apresentação. Entendeu? Só que ultimamente agora tive dois anos de marcação. E não houve, é, vamos dizer assim, um interesse da parte deles não e fizeram o festival cultural deles lá na aldeia. O que eles agora estão fazendo é só jogo, mas na abertura cada tribo tem que apresentar o seu ritual. Vamos convidar as comunidades daqui de perto, mete a comunidade da estrada para vir para trazer para participar. Então, enquanto não houver isso, se não participarem, o nosso festival vai aos poucos acabando. Aí você vê ali, por exemplo, 30 ou 50 quadrilhas, e mais quadrilha. Cadê as outras aí? (D. JÚNIOR, 54 anos, 16/02/2023).

Ricoeur (2007) destaca a notoriedade da memória e da história na construção da identidade coletiva. Nesse sentido, a gestão pública em relação à Praça da Catedral de Santa Tereza precisa buscar formas de preservar e promover a memória e a história do local, garantindo o acesso da população a informações sobre a história e o significado cultural da Praça e da Catedral. Isso pode ser feito através de projetos educativos e culturais, que possibilitem a disseminação de informações sobre o patrimônio cultural religioso e seu valor para a cultura local.

A religiosidade popular em Tefé é marcada pela presença de tradições e memórias que se perpetuam ao longo dos anos e se tornam elementos fundamentais da identidade coletiva da comunidade local. Segundo Vilhena (1993), a religiosidade popular é um elemento importante na formação da identidade coletiva de uma comunidade, sendo moldada pelas experiências e pelas tradições locais. Em Tefé, a religiosidade popular é marcada pela presença de tradições indígenas, afro-brasileiras e europeias, que se fundiram ao longo do tempo para criar uma religiosidade única e marcante na região.

As tradições religiosas são uma mistura de elementos culturais, históricos e religiosos, que se manifestam em diversas celebrações religiosas citadas anteriormente, como a Festa do Divino Espírito Santo, da Santíssima Trindade, da Procissão de Corpus Christi, da Procissão Fluvial de São Pedro, da procissão de Santa Tereza, dentre outras. De acordo com Le Goff (2003), as celebrações religiosas são uma forma de preservar a memória coletiva da comunidade, transmitindo de geração em geração as tradições e os valores culturais locais. Um mesmo indivíduo pode observar características diversas nas influências de sua constituição social.

Lembro também que tinha aqui, lá onde é a olaria, o dia de São Benedito era festejado e isso aqui acabou, era festejado na olaria, São Benedito é o santo dos negros, e aqui tinha o festejo, eu ainda fui várias vezes porque era perto daqui, a gente ia lá pra ver as danças, pra ver todo tipo de ritual, era tipo como por exemplo a umbanda, essas coisas, mas era em homenagem ao São Benedito, que é o santo do negro, tem, existiu isso aqui. A Catedral, ela é o símbolo muito marcante, na nossa história, né, ela é o patrimônio histórico, que faz parte como o Seminário, a Catedral, as Missões, é o prédio lá das Missões, a Catedral e o Seminário, são patrimônios históricos por que? Porque

justamente foram construídos já no estilo Barroco, um estilo arquitetônico europeu da Europa, herdado dos gregos e romanos, o Barroco, e eu acho que ela tem assim um simbolismo muito forte também porque com a vinda dos europeus, como Samuel Fritz, Frei André, e outros, que trouxeram outras culturas pra cá, etc (D. BATALHA, 71 anos, 30/12/2022).

Durante o Concílio Vaticano II, a Igreja reconheceu a grande necessidade da memória na manutenção das práticas religiosas populares e na valorização da cultura dos povos. Nesse contexto, o livro "História e Memória" de Jacques Le Goff também é relevante para compreender as mudanças ocorridas na Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II. O autor discute o grande valor da memória na construção da identidade cultural e histórica, enfatizando que a memória não é apenas um registro do passado, mas também uma forma de reinventar e reinterpretar a tradição. Dessa forma, a Igreja Católica precisou reinterpretar e reinventar suas tradições para se adaptar às mudanças do mundo moderno, sem perder sua identidade e sua memória histórica.

Além do mais, o processo de renovação da Igreja Católica promovido pelo Concílio Vaticano II também teve impactos na forma como a Igreja se relaciona com outras culturas e tradições religiosas. O livro "Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade" de Néstor García Canclini destaca a forte influência da hibridização cultural na sociedade contemporânea, em que diferentes culturas se misturam e se influenciam mutuamente. A Igreja Católica também teve que lidar com essa realidade, reconhecendo a primordialidade do diálogo inter-religioso e promovendo uma maior abertura para outras tradições religiosas.

No entanto, a preservação das tradições e da memória coletiva da religiosidade popular em Tefé enfrenta desafios, como a falta de recursos e de investimentos por parte do poder público e a influência da mídia de massa e da globalização. Segundo Canclini (1998) “[...] a globalização tem um impacto significativo nas tradições locais, muitas vezes enfraquecendo ou destruindo elementos culturais locais em favor de uma cultura globalizada e homogênea” (CANCLINI, 1998, p. 29). O senhor L. Farias, comenta em seu depoimento a seguinte situação por ele vivida enquanto vendedor na época do festejo da Padroeira da cidade, em outubro:

Temos lembrança que é o festejo de Santa Tereza teve podemos dizer assim um apogeu onde é milhares de pessoas que todos os interiores de Manaus vinha para cá pra vender as suas mercadorias e sai a 18 a 19 anos atrás e eles vinham pra cá e era um movimento muito grande, muito grande mesmo a gente tinha dificuldade até pra caminhar por que era muita gente, e com o decorrer do tempo, foi mudando as pessoas da igreja começaram a cobrar mais caro, no valor dos lotes onde os vendedores iam colocar suas vendas, e foram cobrando mais caro num pedacinho de terra para vender as coisas e o povo foi, é, deixando de vir, hoje o festejo de Santa Tereza já não tem mais é, aquela

tradição, como antigamente, você tá entendendo? Apesar da igreja católica é, ser de 60 a 70% da população, hoje não tem o mesmo brilho de antes, e a gente pode dizer assim, que não tem um apoio né, não tem um apoio e acaba ficando assim, dando pouca gente né (L. FARIAS, 55 anos, 31/01/2023).

Por outro lado, Castells (1999) argumenta que em um contexto de mudanças e incertezas, as identidades culturais se tornam cada vez mais importantes como forma de proteção e resistência. Nesse sentido, a Igreja Católica também teve que lidar com as tensões entre a necessidade de se adaptar às mudanças do mundo moderno e a preservação de sua identidade e tradições.

Por fim, é importante destacar a relação entre a religiosidade popular tefeense e a memória histórica e cultural da cidade, como argumenta Le Goff (2003), a religiosidade popular é uma expressão da identidade cultural da cidade, que se conecta com sua história e suas tradições. A preservação e valorização da religiosidade popular, conseqüentemente, é fundamental para a manutenção da memória e da identidade de Tefé. São momentos importantes de celebração da cultura e da tradição local, em que as comunidades se reúnem para lembrar e reviver suas raízes e sua história. A religiosidade popular, portanto, é uma forma de manter viva a memória e a identidade cultural do município.

CAPITULO 2

2. CONSTRUINDO SOCIABILIDADES: A CATEDRAL DE SANTA TEREZA COMO CONDIÇÃO DE “LUGAR”.

2.1 Definição de lugar: abordagem teórica e conceitual

Neste capítulo, é importante compreender a definição de “lugar” e suas implicações na construção de identidades coletivas. Segundo Vilhena (1993), "o lugar pode ser entendido como uma referência geográfica e social para as pessoas, um espaço que é compartilhado e que se torna parte da identidade coletiva". Hobsbawm & Ranger (1997), afirmam que os lugares são frequentemente associados a tradições e práticas culturais específicas, o que contribui para a construção da identidade coletiva.

Para compreender como a praça da Catedral de Santa Tereza se tornou um lugar significativo para a população local, é importante analisar a relação entre a história e a memória. Le Goff (2003) argumenta que a história é a representação dos fatos passados, enquanto a memória é o modo como esses fatos são lembrados e transmitidos de geração em geração. Nesse sentido, a memória coletiva desempenha um papel importante na construção da identidade de um grupo ou comunidade.

A relação entre lugar e patrimônio cultural também é um aspecto importante a ser considerado. Telles (2010) destaca que o patrimônio pode ser dividido em duas categorias: material e imaterial. No entanto, a autora argumenta que essa dicotomia pode ser problemática, uma vez que o patrimônio imaterial também pode estar associado a lugares e espaços físicos. Fernando (2021) aborda essa questão em sua dissertação, argumentando que a cidade em si pode ser vista como um patrimônio cultural, uma vez que está ligada à história e à identidade de seus habitantes.

É importante considerar a relação entre lugar e identidade. Segundo Ricoeur (2007), a memória e a identidade estão intimamente ligadas, uma vez que a memória é um dos elementos que contribuem para a construção da identidade individual e coletiva. Canclini (1998) argumenta que a identidade é um processo contínuo, influenciado por fatores culturais internos e externos, sociais e históricos, o que reforça o papel dos lugares como pontos de referência para a construção da identidade coletiva.

É muito bonita a história, é muito bonita, a época de encontro, vai muita gente de Tefé que tá morando fora, mas em outubro eles dão um jeito de ir pra Tefé, é aquela confraternização no arraial, a gente se encontra, e tem o leilão, tem bingo, é uma cultura, e é sim, é muito bom, aquela praça desde quando me entendi, a gente ia pras novenas do perpétuo Socorro, era tão bom que terminava a novena e a gente ficava passeando na praça, ali era um lazer, que

Tefé não tinha outra diversão, né, então a diversão a gente ir pra igreja, ficar na praça, passeando, conversando, brincando, enfim (G. SCHAEKEN,76 anos, 01/02/2023).

Para definir o conceito de lugar, é importante discutir diferentes abordagens teóricas e conceituais. De acordo com o livro "Da totalidade ao lugar", de Milton Santos, o lugar pode ser entendido como o espaço onde os homens estabelecem suas relações cotidianas, onde são construídas suas memórias e suas identidades, enfim, onde vivem e atuam como seres sociais. Segundo Santos (2005), o lugar se estabelece como “funcionalização do mundo”, ou seja, é pelo “lugar” que o mundo é compreendido na prática. Nessa perspectiva, o lugar é entendido como uma apropriação subjetivamente (e socialmente) construído, nas palavras do autor, “cada sociedade veste a roupa de seu tempo” (SANTOS, 2005, p.25), o que reflete as relações e experiências vividas pelas pessoas.

Além disso, no livro "Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência" o teórico Yi-Fu Tuan, destaca o valor da experiência subjetiva para a definição de lugar. O geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, cunhou o conceito de Topofilia (TUAN, 1980), ou seja, o apego ao lugar. Conforme Tuan (1983) “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é o lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria [...]” (TUAN,1983, p. 03). Segundo o autor, o lugar é construído a partir das experiências sensoriais e emocionais das pessoas em relação a um determinado espaço. O lugar, portanto, não é apenas um espaço físico, mas sim uma construção subjetiva que envolve experiências e sentidos.

O que marca assim muito também, é a festa de corpus Cristo, naquela época a gente via, por exemplo, nós aqui da rua Olavo Bilac, as famílias antigas aqui, nós nos reuníamos e passávamos a manhã todinha enfeitando a rua, justamente pra procissão de Corpus Cristo, havia uma competição de rua, igual na época da copa, que enfeita a rua pra competir, né, ah, mas era assim, sabe, a gente se dedicava mesmo, era as mulheres casadas, era as idosas, eram todos sabe. Aí as crianças que carregavam as serragens lá da serraria, e a gente tingia, fazia cada, ah, eu lembro do finado Zé Martins que trabalhou na SUCAM ,ele era de Fonte Boa casado com a professora Raimunda Nilza, que morava aqui do lado da minha casa, ele sabia fazer esses desenhos lindos, ele fazia os desenhos, e nós íamos cobrir todinho com pó de serra colorido, ficava lindo, lindo, além disso, tinha uma preparação assim das crianças, eu ainda participei quando criança (risos),daquela procissão de Corpus Cristo, onde as crianças todas vestidinhas de branco, eu com um vestido muito bonito, bem arrumada, aí fazia, cada um fazia a sua cesta de pétalas de rosa, cheia de pétalas, pra quando o corpo de Deus passasse eles jogavam as pétalas, todas organizadas em fila, na procissão, tudo isso era feito. É também o que marcou, foi a procissão fluvial muito bonita, né, que era a chegada de Nossa Senhora de Fátima, aqui bem organizada, era organizada assim por uma equipe da própria igreja, pelo pároco, e tinha uma participação muito bonita assim de toda a população, a gente fazia questão de ir, né, aí no barco duma pessoa amiga, conhecida... tinha

uma participação enorme nessa procissão fluvial (D. BATALHA, 71 anos, 30/12/2022).

O conceito de lugar então pode ser entendido a partir de uma perspectiva cultural e simbólica, pois o mesmo (lugar), portanto, varia de acordo com a adaptação e apropriação dos agentes sociais que o compõem. Michel De Certeau (2008) especifica o modo como cada indivíduo se constrói num lugar “Próprio”, com a seguinte afirmação:

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. (MICHEL DE CERTEAU, 2008, p.201).

Nessa abordagem, o lugar é entendido como um espaço carregado de significados culturais e simbólicos, que refletem as crenças, valores e tradições de uma determinada comunidade. À luz da “Geografia humanista”, segundo Rafael Winter Ribeiro (2007), o “[...] conceito de lugar demonstraria mais fortemente a ideia de pertencimento, de individualidade do ser humano e de seu apego a determinados espaços” (RIBEIRO, 2007, p. 24).

É sensivelmente perceptível, na inferência dos pensadores aqui citados, a distinção dos termos “espaço” de “lugar”. Assim sendo, Michel De Certeau (2008) esclarece que o “lugar” tem seu “próprio” significado subjetivo, ou seja, o lugar é entendido como um elemento fundamental na construção da identidade pessoal, uma vez que reflete as experiências, histórias e pertencimentos das pessoas, enquanto o “espaço”, é algo socialmente construído, melhor dizendo, coletivamente construído.

Outrossim, a definição de lugar envolve diferentes abordagens teóricas e conceituais, que destacam grandiosidade das relações sociais, da experiência subjetiva, dos significados culturais e simbólicos e da relação com a identidade pessoal e coletiva. Podemos concluir então que a relação entre lugar/espaço e identidade, é, portanto, uma via de mão dupla, em que o lugar influencia na construção da identidade e, ao mesmo tempo, esse lugar é construído subjetivamente a partir da identidade das pessoas que habitam, aquele espaço. Logo, o “lugar” é uma construção complexa e multifacetada, que reflete as vivências e as relações dos indivíduos em um determinado espaço.

A praça da Catedral de Santa Tereza é um espaço público que possui uma grande significância para a população local de Tefé, Amazonas. A comunidade religiosa católica, tem uma forte presença na praça, com a realização de missas campais, e outras celebrações religiosas, além de apresentações socioculturais, cívicas, sempre com um

toque da decoração e ornamentação do espaço em datas festivas. Dessa forma, a praça também é utilizada pelos moradores locais não católicos, como um espaço de convivência e sociabilidade.

A apropriação da praça da Catedral de Santa Tereza pela comunidade religiosa é evidente, como destaca Le Goff (2003, p. 447) ao afirmar que "os lugares públicos são locais de memória que refletem a identidade de um grupo ou comunidade". A praça é um local de celebração da religiosidade, onde a comunidade se reúne para realizar suas práticas religiosas e manter suas tradições. Essa apropriação da praça pela comunidade é importante para a manutenção de sua identidade sociocultural e religiosa. Segundo Canclini (1998, p. 54), "a apropriação do espaço é uma forma de expressão da identidade cultural". A utilização da praça pelos moradores locais para atividades cotidianas, como descanso, lazer e encontros informais, também é uma forma de expressão da identidade cultural da população local.

Uma das teorias mais conhecidas sobre espaços públicos é a teoria do espaço público de Habermas, que destaca a vultuosidade desses espaços na formação de uma opinião pública crítica e no fortalecimento da democracia. Conforme Habermas (1997), os espaços públicos são locais onde as pessoas podem se reunir para discutir assuntos de interesse comum, sem a interferência de interesses privados ou governamentais.

Outra teoria importante sobre espaços públicos é a teoria da apropriação, de Lefebvre, que destaca a dimensão da apropriação desses espaços pela população local. Lefebvre (1991), argumenta que os espaços públicos devem ser locais de convivência e troca cultural, e que a apropriação desses espaços pela população local é fundamental para garantir a sua valorização e preservação. Assim, a Praça da Catedral de Santa Tereza pode ser considerada um exemplo de como os lugares são construídos socialmente, a partir das práticas cotidianas das pessoas, e de como a preservação do patrimônio cultural pode contribuir para a construção da identidade coletiva de uma comunidade.

A religiosidade sempre foi na vida do povo um sinal de resistência, resistência na manutenção viva da fé, resistência na luta para sobreviver, resistência em uma questão de buscas de interesses na vida social das pessoas. Por isso a religiosidade e a cultura local, uma está para outra. A cultura influencia na religiosidade, assim como a religiosidade também tem a sua influência na cultura, por isso, nós devemos sempre ter o cuidado na justificativa, que aplica a seguinte questão. A vida e a fé são inseparáveis, por isso mesmo, religiosidade e cultura também não dá para distanciar. (A. SILVA, 60 anos, 04/02/2023).

Portanto, a análise socioespacial da praça da Catedral de Santa Tereza permite compreender a amplitude desse espaço para a cidade de Tefé e para a população local.

Através da análise das práticas sociais e culturais, das tradições, da história, do patrimônio e da identidade, é possível perceber como a praça se tornou e ainda é um lugar de referência para a cidade e como contribui para a construção da identidade coletiva dos moradores de Tefé. Pois a história do surgimento das cidades, está indissociavelmente e diretamente ligada à história do surgimento das praças, bem como estas das cidades.

Uma vez que os espaços que compõem as praças estão presentes em todas as cidades, quer seja na zona urbana ou rural, mesmo que seja uma pracinha simples, mas estão lá. Um fato interessante é que assim como na maioria das cidades brasileiras, as primeiras praças surgidas no cenário amazônico, também surgiram em torno de edificações religiosas e como extensão dessas Silva (2011).

Segundo Marx (1980), toda vez que que surgia uma nova cidade, emergia também ali, uma praça. Assim, podemos perceber que historicamente, socialmente e culturalmente, elas estão associadas na composição da cidade. Desse modo, esses “lugares” e “espaços”, não possuem um único modelo de praça ou uma única função, mas possuem usos múltiplos, assim como funções e conceitos diversos, fazendo com que essas concepções variem de acordo com as conjunturas religiosas, sociopolíticas, econômicas e culturais, geograficamente vividas naquele ambiente com o passar dos anos. “E devido muitas vezes, a falta de outros espaços para lazer e demais atividades, essas, por vezes se tornam o ponto de atração [...] nos quais, em geral, acontecem os primeiros eventos públicos” (SILVA, 2011, p. 21).

Do ponto de vista funcional e relacional, podemos dizer que as praças são um espaço preferido, não devendo ser entendida somente na sua extensão física, mas também no seu formato, por isso ela possui um significado social, conforme Saldanha (1993). Quando falamos em praça, logo associamos essa ideia, à nossa concepção de lugares tranquilos, de boa e harmoniosa convivência, ou de local de brincadeiras, onde as crianças ambientam-se umas com as outras. E essa noção, trazemos conosco desde pequenos, é o chamado de “espaço vivido”, ou melhor dizendo, é o espaço da vida, ou onde a vida acontece, segundo afirma Lefebvre (1991).

No entanto, nesse mesmo espaço onde diariamente acontecem as relações sociais harmoniosas, também existem relações ásperas, posto que este espaço está incluído num contexto urbano, onde existem também diversos interesses conflituosos e divergentes, em relação aos usos e desusos do mesmo espaço. Pois como dito anteriormente, o conceito de praça, “ultrapassa a dimensão física, abrangendo questões de natureza humana, [...] até por serem os próprios indivíduos, os responsáveis pela formação de tais limites. [...] o que

dependerá muito de como cada indivíduo ou grupo utilizará este espaço” (SILVA, 2011, p. 22). De acordo com Oliveira (2003) ,

[...] o espaço urbano é um produto histórico e social resultante de um processo de produção e consequência do trabalho humano, pois, como sustenta Henri Lefebvre (1986, p. 40), toda sociedade produz seu espaço, ou se preferirmos, toda sociedade produz um tipo de espaço que garante a sua produção e reprodução (OLIVEIRA, 2003, p. 137).

Dessa forma, as praças, tornam-se um dos principais locais públicos urbanos, nos quais ocorrem o entrelaçamento das relações sociais, políticas, econômicas, enfim. Por isso, como seres sociais, os indivíduos desenvolvem-se nesses lugares, onde são produzidas as lembranças, os sentimentos, as intenções, e onde configuram-se (na paisagem urbana) a partir desses e outros componentes, os espaços que são socialmente construídos por eles próprios, caracterizando-se dessa maneira, a praça, como “lugar de sociabilidade”.

Na cidade de Tefé, existem atualmente cinco praças, quatro delas localizadas no centro urbano e outra localizada na estrada dos expedicionários (mais conhecida como a estrada do aeroporto). As respectivas praças são: a praça Remanso do Boto, que segundo Pessoa (2005, p. 160) “[...] surgiu de uma área de contínuos aterros na confluência das ruas Quintino Bocaiúva, Monteiro Lobato, Monteiro de Souza e Olavo Bilac. [...]”, a praça Túlio Azevedo, que já teve vários nomes e hoje é conhecida como praça do Empreendedor, a praça Alcindo Roberto, que hoje chama-se praça da Alimentação Alcindo Roberto, a praça da Onça, hoje conhecida como praça da Saúde, localizada próximo à 16ª Brigada de Infantaria de Selva. Vale salientar que todas as mudanças nominais dessas praças, ocorreram no mandato do prefeito Normando Bessa que ficou na gestão municipal até 2020. Por fim, temos a praça da Catedral de Santa Tereza (Figura 14), também conhecida pelo nome de praça da Matriz, que surgiu com a Catedral na década de 30 e de pertencimento exclusivo da igreja católica em Tefé.

Se voltarmos um pouco mais no passado, veremos que, de acordo com Pessoa (2005),

“Em 1940, existiam cinco praças na cidade. Eram as seguintes: Praça Santa Teresa, da Cabanagem, do Grupo, da Areia e Isidoro Praia [...] Nas horas de lazer, muitos iam trocar ideias e descansar dos afazeres cotidianos [...] aos poucos elas foram desaparecendo[...]” (PESSOA, 2005, p. 131), e isso aconteceu, de acordo com o autor por que aquele espaço foi ocupado, “[...] dando lugar à construção de residências. Porém a praça Isidoro Praia continuou a existir até 1970, bem como um trecho da praia da Areia” (PESSOA, 2005, p.131-132).

Figura 14: praça da Catedral de Santa Tereza, 2023.



Fonte: arquivo pessoal do autor

Percebe-se pela narrativa do autor, que esses lugares, ou seja, essas praças não tinham muita prioridade pelas autoridades políticas locais, pois, fica claro que não havia nenhum planejamento urbanístico em relação a elas e isso pode ser observado, quando o mesmo autor relata que “A praça Isidoro Praia era ampla com duas mangueiras grandes, sem cuidado, cheia de erva daninha” (PESSOA, 2005, p. 131). O autor também diz que “Em seguida foram doados terrenos aos populares que construíram ali as suas casas, desaparecendo a praça para sempre. Quanto à praça da Praia da Areia, foi ocupada no mesmo período, desaparecendo também, dando lugar a um conjunto de habitações” (PESSOA, 2005, p. 132). Mas porque falar da praça da Catedral de Santa Tereza, e não das outras? Por três motivos importantes:

- Por ser ela uma extensão da Catedral de Santa Tereza, e conseqüentemente também o assunto da temática desta pesquisa;
- Pela sua importância histórica, tradicional, religiosa, memorial e cultural que esse “lugar”, e esse “espaço” possui;
- Pelas diferenças histórico-culturais e sociais que ela tem em relação às outras praças mais modernas da cidade de Tefé.

A praça da Catedral de Santa Tereza é um espaço de grande significação para a cidade de Tefé, sendo considerada um lugar de referência para a população local. De

acordo com Vilhena (1993), "os lugares são construídos socialmente, a partir das práticas cotidianas das pessoas". Nesse sentido, a Praça da Catedral de Santa Tereza é um lugar que foi construído ao longo do tempo, por meio das práticas sociais e culturais da população local.

Ela também é um lugar que está intimamente ligado à tradição e à religiosidade popular. Hobsbawm & Ranger (1997) destacam que as tradições são frequentemente inventadas ou recriadas para atender a necessidades específicas de um grupo ou comunidade. Nesse sentido, a Catedral e a Praça se tornaram lugares de celebração e de preservação das tradições religiosas e culturais locais.

Eram tradição, né, de fazer a festa de São Sebastião, São Benedito, e as festas marianas de Maria, o mês de maio em Tefé, o mês de maio era uma, eu posso dizer assim, uma época muito bonita, das peregrinações de sair com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, nas casas, cantando terço (G. SCHAEKEN, 76 ANOS, 01/02/2023).

A praça da Catedral de Santa Tereza também é um lugar que está intimamente ligado ao patrimônio cultural. Telles (2010) destaca que o patrimônio cultural pode ser entendido como um conjunto de bens materiais e imateriais que possuem um valor histórico, artístico ou cultural para a sociedade. Nesse sentido, a praça da Catedral de Santa Tereza é um espaço que está ligado à história e à cultura da cidade de Tefé, pois faz parte da memória tefeense.

Ricoeur (2007) argumenta que a memória é uma construção histórica, mas que ela também é influenciada pela mudança e pela transformação. A cultura híbrida, discutida por Canclini (1998), é um exemplo dessa mistura de tradição e modernidade, e a sua preservação exige uma reflexão crítica sobre as mudanças culturais e suas implicações. Além das características mencionadas anteriormente, a religiosidade popular também é marcada por uma forte relação entre o sagrado e o profano. Segundo Vilhena (1993), as práticas religiosas populares estão intimamente ligadas às atividades cotidianas dos fiéis, e muitas vezes envolvem elementos profanos, como a música, a dança e a comida.

Essa relação entre o sagrado e o profano é evidenciada em festas populares, como o carnaval e as festas juninas, que têm raízes religiosas e são marcadas por elementos culturais e folclóricos. Essas festas são uma forma de expressão da religiosidade popular, que se mistura com a cultura local e reflete a diversidade da religiosidade em um país como o Brasil.

Nós tivemos também durante alguns anos enquanto meu pai era vivo. Domingos Franco de Amorim, mais conhecido como seu Moreno, que foi vereador pelo município é, ele fazia aí a festa de São Pedro, né? Que saia lá na frente da nossa catedral, onde era montado o tablado para que as brincadeiras

fossem apresentadas, para que o povo brincasse. Para o festival folclórico, a imagem de São Pedro era levada pelos barcos do município, todos os barcos enfeitados e iam para o lago, e depois voltava para a catedral e ficava no tablado, né? E ali era derrubado o mastro de São Pedro, era uma festa muito bonita durante o festival folclórico. Era realizada em junho. Era realizado junto com o festival folclórico. O Papai fazia questão de fazer a procissão (D. JÚNIOR, 54 ANOS, 16/02/2023).

Contudo, a construção da identidade também pode ser vista em termos de uma disputa entre diferentes visões e valores. A religiosidade popular, como expressão da cultura e da espiritualidade de um povo, pode enfrentar resistências por parte de setores mais conservadores da sociedade e da Igreja, que defendem uma visão mais restrita e normativa da religião. De acordo com Vilhena (1993), a religiosidade popular tem uma forte ligação com a tradição católica europeia, o que se observa na construção histórica tefeense, mas também incorpora elementos de outras culturas e tradições religiosas, como as religiões afro-brasileiras e os cultos indígenas. Essa hibridização cultural é um aspecto importante da religiosidade popular no município, que se caracteriza pela pluralidade de expressões e práticas religiosas.

A religiosidade popular em Tefé também tem uma forte dimensão social e comunitária, como destaca Canclini (1998), nas festas religiosas, por exemplo, são momentos de encontro e convivência entre as diferentes comunidades e grupos sociais da cidade que se reúnem para celebrar sua fé e sua cultura. Além disso, a religiosidade popular no município, também desempenha um papel importante na vida cotidiana das pessoas, como salienta Castells (1999). Ela é uma fonte de orientação moral e espiritual para as comunidades locais, oferecendo um senso de propósito e significado em um mundo em constante mudança. A religiosidade popular, também é uma forma de lidar com os desafios e dificuldades da vida cotidiana, oferecendo apoio e conforto às pessoas.

Além de ser uma fonte de resistência cultural e política, segundo Hobsbawm & Ranger (1997), ela é ainda uma forma de resistir à homogeneização cultural e à dominação cultural, promovendo a diversidade e a pluralidade cultural, que é uma forma de luta por autonomia cultural e política e que se reflete em diferentes aspectos da vida social e cultural da cidade. É importante destacar também que a religiosidade popular no município está em constante transformação e adaptação, refletindo as mudanças na sociedade e na cultura local. Como citado por Ricoeur (2007), a religiosidade popular é uma forma de construir uma relação dinâmica entre a tradição e a mudança, entre a memória e a história. A religiosidade popular em Tefé, portanto, é um processo contínuo

de renovação e reinvenção, que se adapta às novas realidades e desafios do mundo contemporâneo, formando sua identidade.

Além dessas teorias, o valor dos espaços públicos para a sociabilidade urbana também pode ser compreendido a partir de uma perspectiva mais ampla sobre o papel da cidade na construção da identidade cultural. Castells (1999) destaca a importância do poder na construção da identidade e argumenta que a cidade é um espaço fundamental para a construção da identidade cultural, pois é nela que as pessoas se encontram e interagem, compartilhando experiências e valores.

Era, a gente ia e passeava, né, dava volta na praça, né, a gente tinha que se espertar pra dar umas paquerada, né (risos), e era assim muito divertida a praça, e tem o cruzeiro, aquele cruzeiro foi a marca quando teve as Santas Missões em Tefé, a primeira Santas Missões. Era três dias de oração de encontro, pregações religiosas pelos padres redentoristas. Era campal, desde 5 horas da manhã a gente já ia pra frente da igreja, tinha a oração, o canto, e a noite a devoção do Perpétuo Socorro. Das Santas Missões a última, foi, tem as datas lá, que assim, 65, 67, tem os nomes, nesse ano foi assim uma coisa, eu acho que foi o último ano que teve Santas Missões. É, aí houve uma surpresa muito grande por que na noite dedicada aos homens, liderado pelo Benedito Guimarães, o professor, ele reuniu todo aqueles homens de Tefé, eles mandaram fazer uma cruz, e foi dessa vez que foi colocado o cruzeiro que enfiaram lá, aí eles vieram desde aí da antiga Seletro Amazon, perto dali do instituto, carregando os homens, aquela cruz, com velas acesas, cantando, foi uma... assim uma... uma grande admiração, os homens, né, muito emocionante. Pois é, aí foi assim um momento muito bonito, aí colocaram o cruzeiro lá, depois fizeram um outro de cimento. É, a gente fazia e todo domingo tinha reunião, né, e uma vez no mês era geral, e quando tinha essas festas, essas procissões e essas associações iam na procissão com a sua fita, tinha uns cartõezinhos que tinham cem furos, quando você preenchia que vendia, salva, batizava o pagão (G. SCHAEKEN, 76 ANOS, 01/02/2023).

É importante ressaltar que a construção de espaços públicos adequados para a sociabilidade urbana deve levar em consideração as demandas e necessidades da população local. Telles (2010) destaca a crucialidade da participação da comunidade na definição e gestão dos espaços públicos, garantindo que esses locais sejam efetivamente utilizados e valorizados pela população. Hobsbawm & Ranger (1997) destacam o tamanho dos espaços públicos para a construção da identidade coletiva de uma comunidade. Segundo eles, as tradições e rituais associados aos espaços públicos ajudam a moldar a identidade cultural e a memória coletiva das comunidades.

Le Goff (2003) destaca que os espaços públicos são importantes para a construção da história e da memória das cidades. Esses espaços são locais onde as histórias das comunidades são vividas e lembradas. As praças, por exemplo, são locais onde ocorrem festas e celebrações que ajudam a construir a história e a memória das comunidades.

Geração de hoje já não teve aquele privilégio que nós tivemos porque eu também cheguei a ver. O Boi jitinho, né? O Tangará. Rapaz, a bicharada,

enfim, rapaz era um cordão que começavam cedo e terminavam já pelo 'raiaí' do dia. As escolas participavam, era aquele alvoroço, todos gostavam, exatamente quando meu pai estava na frente, ali porque puxava porque fazia a coisa com alegria, me dava o gás ali pelo fogo do folclore. (D. JÚNIOR, 54 ANOS, 16/02/2023).

Canclini (1998), defini os espaços públicos como locais de hibridização cultural. Segundo ele, os espaços públicos são locais onde diferentes culturas e tradições se encontram e se mesclam, refletindo a diversidade cultural das comunidades. Fernando (2021), destaca os espaços públicos para a preservação do patrimônio cultural e histórico das cidades. Segundo ela, a valorização e preservação dos espaços públicos são fundamentais para a manutenção da identidade cultural e da memória coletiva das comunidades. A construção de uma identidade urbana está relacionada com a construção da identidade cultural de uma cidade. Castells (1999) destaca que a cidade é um espaço fundamental para a construção da identidade cultural, pois é nela que as pessoas se encontram e interagem, compartilhando experiências e valores.

A relação entre história e memória também é relevante nesse contexto. Segundo Le Goff (2003), a memória é uma forma de construir uma identidade coletiva, mas é influenciada por fatores como o tempo e as mudanças sociais. Por outro lado, a história é uma forma de compreender os processos sociais e as transformações ao longo do tempo, mas também é influenciada pela memória e pelos interesses políticos e sociais do presente. Nesse sentido, a construção da identidade local envolve tanto a memória quanto a história, e pode ser influenciada por fatores externos à comunidade. No entanto, é importante destacar que a religião também pode ser fonte de conflitos e tensões entre as comunidades locais, como destaca Vilhena (1993). A diversidade religiosa pode gerar conflitos e disputas por espaços e recursos, além de ser fonte de discriminação e exclusão social. Nesse sentido, se por um lado pode ser tanto um elemento de construção da identidade coletiva por outro lado ela pode ser também um elemento de exclusão e de conflito. Na fala da senhora A, Lima, percebe-se uma identidade religiosa muito ligada a cultura também, quando ela diz:

Sim, diminuiu, mas a importância, a necessidade de se apresentarem aí na praça, as pessoas... cordões folclóricos, políticos... pessoas mesmo da igreja que vem, eles se apresentam aí na praça, e aí juntam as pessoas, né, aí na praça, e também eu nunca reclamei pra ninguém, tô falando agora pra você... que tem certas brincadeiras folclóricas que eu não gosto que se apresentem aí na praça na frente da igreja... porque... tem muito nudismo às vezes, tem coisas que eu não gosto, né, e na frente que eles tão agora rezando pro deus Baco, diz que é o deus da bebida, né, então, às vezes eu não gosto, mas... eu gosto que tenha, por exemplo assim... as apresentações folclóricas normais, o índio, o boi... cangaço, essas coisas tudo bem A bicharada, né, tudo bem... e por exemplo, vem uma festa, vamos fazer uma missa campal, porque a igreja não recebe

todos as pessoas, né, então graças a Deus ainda tem muita gente porque, na igreja não vai dar todo esse povo, vamos fazer campal, vão fazer aí na praça, né, e esse Dom Altevir, eu acho ele assim uma pessoa muito simples, né, e ele ficou bem nessa manifestação que fizeram pra ele quando ele chegou dentro da igreja, tinha muita gente, mas também não era de dizer não dava aí na praça, muita gente ficou em pé, muita gente, né... seria na praça melhor...(A.LIMA, 71 anos, 26/12/22).

Por fim, é importante destacar que a religião não é a única forma de construção de identidades coletivas, como destaca Castells (1999). Em contextos de sociedades complexas e globalizadas, a formação de identidades coletivas pode se dar por meio de outras formas de identificação, como a cultura, a política e a economia. Nesse sentido, a religião pode ser entendida como uma forma de construir uma identidade coletiva, mas não é a única forma e nem sempre é a mais relevante em contextos específicos.

A construção da identidade local é um processo complexo que envolve diversos fatores, incluindo a história, a geografia, a economia, a política e a cultura. Nesse contexto, a noção de culturas híbridas proposta por Canclini (1998), pode ser uma importante ferramenta para compreender como diferentes influências culturais se combinam para formar uma identidade única e diversa. De acordo com Canclini (1998) e Castells (1999), as culturas híbridas são resultantes da combinação de elementos culturais diversos, que podem ser de origem local, nacional ou global. Essa combinação pode ocorrer de diferentes maneiras e em diferentes contextos, e resulta em uma cultura que não é mais pura ou homogênea, mas sim composta por uma variedade de elementos. No contexto local, a noção de culturas híbridas pode ajudar a entender como diferentes tradições e valores se combinam para formar uma identidade única.

Nesse sentido, a praça e a Catedral, como elementos simbólicos da identidade local, são compostos por diferentes influências culturais, desde as tradições religiosas europeias até as manifestações populares locais. Além disso, a construção da identidade local também está relacionada com a memória e a história. Le Goff (2003), argumenta que a história é uma construção social e cultural, e a memória coletiva é fundamental para a construção da identidade de um povo. Nesse sentido, a praça e a Catedral carregam consigo uma história e uma memória coletiva que são transmitidas de geração em geração, contribuindo para a construção da identidade local. Por fim, a construção da identidade local também está relacionada com questões políticas e econômicas. Castells (1999) destaca o poder na construção da identidade, e a política pode influenciar significativamente na forma como a identidade local é construída e valorizada. Além

disso, a economia também pode influenciar na forma como a identidade é preservada, especialmente no contexto do turismo cultural.

A paisagem urbana de uma cidade é um elemento fundamental na construção da identidade cultural de uma comunidade. Conforme Castells (1999), a cidade é um espaço fundamental para a construção da identidade cultural, pois é nela que as pessoas se encontram e interagem, compartilhando experiências e valores. A paisagem urbana é um aspecto importante dessa identidade cultural, pois é uma expressão visual da história, dos valores e das tradições da comunidade.

Tarrow (1998) destaca que os espaços públicos podem ser utilizados como locais de mobilização e ação coletiva, onde os cidadãos se reúnem para reivindicar seus direitos e reafirmar sua cidadania. A paisagem urbana pode ser utilizada como um símbolo dessa luta, como é o caso de monumentos, grafites e murais que expressam a diversidade e a força da sociedade civil local.

Por outro lado, a paisagem urbana também pode ser utilizada como uma forma de dominação e controle social, conforme a teoria da invenção das tradições de Hobsbawm & Ranger (1997), pois os autores destacam que a invenção de tradições pode ser utilizada como uma forma de controle social e a paisagem urbana pode ser utilizada como um elemento nesse processo. Por exemplo, a construção de edifícios e monumentos que glorificam figuras históricas controversas ou regimes autoritários pode ser uma forma de impor uma narrativa hegemônica sobre a identidade cultural da comunidade.

Ricoeur (2007) argumenta que a memória e a identidade estão intimamente ligadas, uma vez que a memória é um dos elementos que contribuem para a construção da identidade individual e coletiva. Também Canclini (1998) destaca que a identidade é um processo contínuo, influenciado por fatores culturais, sociais e históricos, o que reforça os lugares como pontos de referência para a construção da identidade coletiva. A Catedral e sua Praça é um lugar que contribui para a construção da identidade tefeense, por meio da preservação das tradições, da história e da cultura da cidade.

Além disso, é importante ressaltar que este lugar, também é um espaço de sociabilidade e convivência entre os moradores de Tefé. Vilhena (1993) destaca que as práticas sociais e culturais dos indivíduos estão diretamente relacionadas aos lugares que frequentam e aos espaços que habitam. Nesse sentido, a praça da Catedral de Santa Tereza é um lugar onde a população local se reúne para celebrar festas religiosas, para realizar atividades de lazer e para se encontrar com amigos e familiares. A Catedral de Santa Tereza e sua praça são elementos centrais da história e da evolução do município de Tefé.

Segundo Le Goff (2003), a história e a memória estão presentes nos lugares e espaços urbanos, e a análise desses espaços permite entender a construção da identidade coletiva de uma comunidade.

2.2 – O Festival Folclórico de Tefé, na praça da Catedral de Santa Tereza: a (re) invenção da tradição

O Folclore¹⁷, é uma área da cultura popular muito rica na cidade de Tefé. Segundo Pessoa (2005), as manifestações folclóricas aparecem desde o início da história do município. A população, nos tempos coloniais, na Missão de santa Tereza D'Ávila dos Tupebas, era formada por indígenas que com suas festas, danças e ritos, criaram na mentalidade popular o gosto pelo modo de vida, e costumes de seus ancestrais, e que mais tarde foram mescladas, ou somaram-se ainda às tradições dos brancos, ou seja, do colonizador português que aportou por aqui.

Destacaremos neste tópico, as “brincadeiras”¹⁸, que floresceram no folclore tefeense, e como estas manifestações culturais, saíram do chão e foram parar no palco, ou melhor dizendo, no tablado dos inesquecíveis festivais folclóricos tefeenses, atraindo multidões, que concentravam-se em torno do tablado de festas, para assistirem maravilhadas as apresentações advindas dos mitos e danças indígenas, como as lendas do Corrupião, da Andorinha, do Curupira, do Tangará, do Bicho-folharal, e aquelas trazidas pelos colonizadores portugueses nas danças como o Barqueiro, o Imperial, o Lanceiro, a Pastorinha, o Pastoral (de cunho religioso), a Caninha verde, e assim por diante (PESSOA, 2005), além de outras folias trazidas pelos imigrantes nordestinos, que chegaram no município tefeense para trabalharem nos seringais, no final do século XIX, como por exemplo, a dança do Boi-bumbá, do Cangaço ou Cabras de Lampião e a dança da quadrilha de São João (SCHAEKEN, 2004). No livro “Tefé e a cultura Amazônica”, do escritor Augusto Cabrolié, ele diz que,

[...] todo o nosso folclore é originário da cultura indígena. A dança, a música e o teatro surgiram e se desenvolveram com a influência da Igreja Católica através dos padres e religiosas que aqui chegaram, vindos de outros centros mais desenvolvidos. A dança do índio era de um só ritmo e as cantigas muito

17 Folclore é o conjunto de tradições e manifestações populares constituído por lendas, mitos, provérbios, danças e costumes que são passados de geração em geração[...] e que simboliza a cultura popular e apresenta grande importância na identidade de um povo, de uma nação. A palavra tem origem no inglês, em que "folklore" significa sabedoria popular. A palavra é formada pela junção de folk (povo) e lore (sabedoria ou conhecimento). Disponível em: <https://www.significados.com.br/folclore/>

18 Uns apresentavam boi-bumbá, outros cordões de índios e outros a ciranda, o barqueiro ou outra brincadeira. Dava-se o nome de “brincadeira” (PESSOA, 2005, p. 180).

repetitivas. Para cada comemoração havia um ritual dirigido pelo pajé. Com os brancos, vieram as brincadeiras de roda, inicialmente difundidas entre as crianças. Com o passar do tempo, os adultos passaram também a brincar, surgindo aí a dança "Ciranda", a primeira de origem civilizada a ser implantada em Tefé. (SOUZA, 1996, p. 23).

Segundo Pessoa (2005), essa “herança cultural”, que mais tarde viria a ser uma das “brincadeiras” mais populares no Médio Solimões, surgiu de uma rivalidade que houve, ainda no período colonial, entre as comunidades de Nogueira e Tefé, quando estas ainda eram vilas sob o regime português. Dessa rivalidade geopolítica ou comercial (não se sabe ao certo), foi criada a Ciranda, com figuras inteiramente locais, como o Carão, que é uma ave da região, sendo este o centro das atenções na apresentação da dança. Conforme Schaecken (2004), de acordo com o escritor e professor amazonense José Silvestre do Nascimento e Souza, que foi um exímio conhecedor da versão tradicional da ciranda (pelo fato de ter vindo de uma família que há três gerações cultivara, e conservara essa prática cultural local), ela expõe a fala do professor da seguinte maneira:

Até 1937/1938, os dirigentes das "Cirandas" apresentavam ao povo em geral as seguintes partes: Ciranda (entrada e saída), Mãe Benta, Cupido, Puxa-Roda, Constância, Carão e Viola Encantada; a partir de 1939, até a presente data, em Tefé, em Manaus e em alguns municípios amazonenses interioranos, a "Ciranda" foi acrescida de mais cinco partes, a saber: Seu Mane-linho, Seu Honorato, Galo Bonito, Ronda e Despedida, num total de treze partes. (SCHAEKEN, 2004, p.97).

Conforme a autora, a versão original da ciranda compunha um conjunto de elementos que formavam o enredo da dança. Que era composto pelo ritmo, a coreografia, a indumentária e os destaques da ciranda. O ritmo “[...]era variado, maravilhoso e bem coordenado, despertando verdadeiro entusiasmo, não apenas dos brincantes, como também nos espectadores que aplaudiam e vibravam com as apresentações do grupo folclórico” (SCHAEKEN, 2004, p. 97), já a coreografia “quase sempre bem ensaiados, os pares da "Ciranda" executavam, com arte e maestria, diferentes coreografias à base de palmas fortes e ritmadas, no que eram acompanhados pelo público presente às apresentações do cordão” (SCHAEKEN, 2004, P. 97). Na indumentária da dança,

[...] os cavalheiros vestiam calça curta e blusa de mangas compridas, confeccionadas em brim, com abotoaduras nos punhos. Todos portavam um lenço colorido ao pescoço em forma de gravata, cuja cor, de preferência, era branca, verde ou vermelha. As damas, àquela altura, homens vestidos de mulheres, trajavam saias coloridas e blusas de mangas curtas, confeccionadas em chita, ou fazenda similar, sempre as mais baratas do comércio local, tudo em consonância com a escolha unânime dos brincantes (SCHAEKEN, 2004, p. 97).

A autora diz ainda que entre os anos de 1937 a 1957, os destaques da Ciranda, eram os seguintes: “[...] Chefe e Subchefe, Oficial da Ronda, Soldado, Padre e Sacristão,

Velho e Velha, Carão e Caçador” (SCHAEKEN, 2004, p. 98). Todos esses personagens tinham uma função no espetáculo, o Chefe, por exemplo, era o dirigente maior da ciranda, responsável direto pelo sucesso ou fracasso do grupo, na sua ausência quem assumia era o Subchefe, que deveria liderar o grupo até o retorno do chefe. O Oficial da Ronda, o Soldado, o Padre e o Sacristão, embora participassem de todas as coreografias do grupo, “[...] somente na Ronda e na Viola Encantada eram chamados a demonstrarem seus dotes artísticos” (SCHAEKEN, 2004, p. 98). O Velho e a Velha, também tinham um papel importantíssimo na Ronda.

O Carão e o Caçador participavam apenas da penúltima parte da coreografia na dança, que era quando ocorria a morte da ave. E essa era a parte coreográfica mais bela da ciranda, segundo a autora. Pois nessa cena,

[...] após uma bem caprichado apresentação de todas as suas partes, o Carão era sacrificado definitivamente, restando apenas a vara com a cabeça e o bico, que era guardada, carinhosamente, até o ano vindouro. A veste preta do carão era queimada na hora da matança simbólica do pássaro. (SCHAEKEN, 2004, p. 100).

A autora esclarece ainda o seguinte:

A “Ciranda” foi trazida para Manaus pelo tefeense Prof. José Silvestre do Nascimento e Souza, com a cooperação de seus conterrâneos Ambrósio Ramos Corrêa e do meu tio Gaudêncio Gil, para a Escola Sólón de Lucena, em junho de 1966” (SCHAEKEN, 2004, p. 98-99).

Schaeken (2004), diz que essa dança, uma vez trazida para a capital, evoluiu, “A semente caiu em terreno fértil, pois, atualmente, mais de trezentas Cirandas desfilam na Capital, em Iranduba, em Autazes e em outros municípios interioranos, destacando-se o Festival de “Cirandas”, em Manacapuru” (SCHAEKEN, 2004, p. 99). Conforme a autora, o Prof. Silvestre, no início dos anos 80, foi convidado por uma professora de Manacapuru para ensinar a dança da Ciranda naquela comunidade e com o tempo houve uma transformação no estilo desistilização, ou seja, houve drásticas mudanças não somente na coreografia, mas na indumentária e no ritmo. E essa “nova” evolução, tirou a essência original da versão tradicional, ensinada pelo professor, tornando-a muito diferente do que era no passado. E transmitindo-a às gerações de agora, com uma outra “roupagem”, que não se parece, nem de longe com a beleza cultural, que um dia já foi. Perguntado na entrevista sobre as mudanças na Ciranda e sobre a pessoa do prof. Silvestre com tom saudosista, em sua narrativa, a presidente da ASSEAM, relembra:

Sobre a nossa “Ciranda”, tive a felicidade de assistir a uma exposição feita pelo Prof. José Silvestre, no dia dos escritores, na sede da ASSEAM. Foi realmente, uma riqueza de conhecimentos passados naquela noite festiva, quando ele, com seu cavaquinho, tipicamente vestido de cirandeiro, tocou as partes principais

da verdadeira Ciranda. Todos ficaram admirados e emocionados (pausa-suspiro). Relato esse episódio também no meu livro “Tefé, minha saudade” (SCHAEKEN, 76 anos, 01/02/2023).

O prof. José Silvestre faleceu em 2011. Antes de seu falecimento, ele escreveu sobre a "Ciranda" no Boletim Informativo "Notícias da Corte do Solimões", o seguinte:

"Nem tudo são flores, pois, a despeito da estima e admiração que suscita no seio da população manauara, a Ciranda, a contar de 1987, acentuando-se nos últimos cinco anos sofreu, para pior, uma drástica transformação na sua coreografia, no ritmo e na indumentária dos brincantes. Prevalece o nudismo e a desorganização como fatores preponderantes para a obtenção de prêmios e do 1º lugar nos Festivais Folclóricos que, anualmente, se realizam na capital e no interior do Estado". (SCHAEKEN, 2004, p. 99).

Segundo Pessoa (2005), “o folclore tefeense é um dos mais ricos, pois abrange a história do município com suas lendas, credices, costumes, formação de sua etnia, ritos e mitos, constituindo a essência da sua cultura” (PESSOA, 2005, p.182). Segundo o autor, a festa junina em meados da década de 40 até 60, era uma “verdadeira confraternização”, em que todos “brincavam com harmonia e tranquilidade” Essa festividade Folclórica era apresentadas ali mesmo, no chão, nas ruas, na frente das casas, num misto de interacionismo social, fraterno e cultural, pois dessa forma.

As pessoas que gostavam das festas juninas ensaiavam estas brincadeiras para serem apresentadas, a partir de 12 de junho, no dia de Santo Antônio. Os que promoviam estas apresentações faziam por conta. Não tinham apoio de Prefeitura ou do comércio. Juntavam-se e combinavam os ensaios e as vestimentas. (PESSOA,2005, p. 180).

O autor enfatiza que era costume entre a população, enfeitar a frente das casas e fazer a sua fogueira para participar das apresentações. “Para completar a festa diante de casa, o chefe de família convidava um cordão¹⁹ destes, que comparecia. O ponto alto era o momento dos comes e bebes. Todos paravam de dançar e iam participar da mesa farta que lhes era oferecida” (PESSOA, 2005, p. 181). Schaecken (2004), diz o seguinte:

É com muita saudade que recordo o mês de junho na minha querida Tefé, onde realizava-se as chamadas festas caipiras com bandeirinhas coloridas, balões e estrelas, coladas em cordas, presas aos açazeiros. Em volta das fogueiras, fazia-se adivinhações, quase sempre para saber o nome do rapaz com quem a jovem casaria; era também costume firmar compromissos de padrinhos, madrinhas etc. Tais compromissos eram muito respeitados (SCHAEKEN, 2004, p.91).

De acordo com Pessoa (2005),

19 Os cordões são grupos carnavalescos ou de folguedo popular, que saem juntos dançando com a mesma indumentária ou fantasia. Em Tefé, destacam-se Três cordões: “Imperial”, “Paraguai” e “Lanceiro”, todos fantasiados de Marinheiro, armados de lança e espada, conduzindo uma barca e fazendo Evoluções que representam as grandes viagens marítimas dos navegadores Portugueses e suas conquistas de impérios coloniais. Souza (1996, p. 26 – 27).

era costume “passar fogueira”, isto é, em torno da fogueira. Os interessados faziam compromissos de ser compadre, comadre, primo e outros. O rito era o seguinte: a pessoa que queria ser primo do outro o convidava e iam os dois para perto da fogueira, um segurando na mão do outro e diziam “Santo Antonio disse, e o outro respondia “Santo Antonio disse” e ambos davam uma volta na fogueira, e onde se encontravam de novo “Santo Antonio disse e São Pedro confirmou que você vai ser meu primo porque Jesus mandou”. Aí se abraçavam já como primos (PESSOA, 2005, p. 182).

Segundo Pessoa (2005), as chamadas “brincadeiras”, que aconteciam nas ruas, eram as seguintes: além da Ciranda, tinham também as danças de “Quadrilhas” (Figura 15), que ao som da sanfona, marcavam passos coreografados na voz do marcador que dizia animadamente: Anavan, anarrié, balancê, doble, cumprimentar, a grande roda, caminho da roça, olha a cobra, lá vem a chuva etc. Havia ainda no enredo dessa folia, o “casamento na roça”, que tinha uma pitada de comédia e terminava sempre com um animado forró e deliciosas comidas e bebidas típicas.

Conforme Schaecken (2004), nessa época (Pré-tablado), “os grandes marcadores de quadrilha conhecidos na região eram: Sr. Lourenço Lopes e Sra. Adalgiza Rocha, carinhosamente chamada de Santa” (SCHAEKEN, 2004, p. 92). Outras brincadeiras também eram o “Barqueiro” e “Imperial”. Nos quais os brincantes do Barqueiro, apresentavam-se vestidos de marinheiros de branco, e com sua devida patente, que conduziam urna barca enfeitada, iluminada, tendo ao centro a imagem de Nossa Senhora e entravam, cantando:

<i>I</i>	<i>II</i>
<i>Vamos todos os barqueiros</i>	<i>Aqui chegamos, somos</i>
<i>A manobra vamos dar:</i>	<i>barqueiros</i>
<i>Não podemos ir à barra,</i>	<i>Que navegamos na linha do mar;</i>
<i>Enquanto não se manobrar</i>	<i>Cantando alegres, com todo o</i>
<i>Vimos todos trabalhando</i>	<i>prazer,</i>
<i>Para vermos como é,</i>	<i>Dentro dos nossos corações.</i>
<i>Que se chega neste porto</i>	<i>E festejamos o mês de junho,</i>
	<i>Com toda satisfação,</i>

A dança era acompanhada pelo som do saxofone e as músicas que eram entoadas lembravam os feitos das viagens marítimas dos lusitanos na conquista do “Novo mundo”. Os brincantes do “Imperial” vestiam-se com as cores do império português e a coreografia, também ao som do saxofone, faziam variadas evoluções. “Anos mais tarde, chegou em Tefé, a “Caninha Verde” (Figura 16), que é uma dança de origem portuguesa.

Foi criada em homenagem à Cana-de-açúcar, um produto trazido de Portugal para o Brasil, por Martim Afonso de Souza, em sua expedição colonizadora, em 1530” (SCHAEKEN, 2004, p.94). A tradição folclórica dessa dança, tem o seguinte enredo: um caipira quer casar-se, mas não tem permissão da moça, resolve então pedir ao rei que interceda por ele. “Os brincantes representam toda a corte vinda de Portugal: marinheiros vestidos de farda de gala, o padre, o sacristão, um rei, uma rainha e toda a família da noiva” (SCHAEKEN, 2004, p. 95).

Havia ainda, as danças da “Andorinha”, “Rouxinol” e “Uirapuru”, que segundo a autora, eram “ensaiadas com amor pelo professor Raimundo Paiva, apresentando muito colorido e evoluções ao som de músicas próprias de sua composição[...] destacam-se a “Garça” e o “Tangará”, levadas para Tefé pela querida religiosa Irmã Adamir Bamberg” (SCHAEKEN, 2004, p. 96). Esta dança era muito alegre porque era apresentada pelas crianças e tinha personagens como a avezinha “Tangará” e a “Garça”, e os demais personagens que eram: o caçador, a fada madrinha, a feiticeira, a curandeira, os índios e as sambistas, tornando essa apresentação bastante atrativa. Uma outra dança folclórica de muito sucesso entre os tefeenses, foi o “Corrupião”²⁰ que era ensaiado pela Sra. Neomésia Retto (conhecida como dona Neném). “Aqui, havia a participação de jovens e adultos, por ter maior número de personagens, acrescentando o doutor, pajé, camponesa, princesa, rainha e a índia *Lacy*. ” (SCHAEKEN, 2004, p. 96). A autora, relata ainda que:

As apresentações da Ciranda e dos demais grupos folclóricos do município de Tefé tinham início a 12 de junho de cada ano, véspera do dia de Santo Antônio de Pádua e se prolongavam até o dia 30 do mesmo mês, data em que se homenageava São Marçal. Alguns grupos como a Ciranda, O Boi-Bumbá, a Caninha Verde e outros, no mês de julho programavam a realização de um evento extra, destinado ao conagraçamento dos brincantes e seus familiares. Para esse evento, os componentes dos Grupos compareciam devidamente fantasiados e prontos pra uma última apresentação a ser realizada, geralmente, ao final de uma das semanas do mês de julho de cada ano (SCHAEKEN, 2004, p. 100).

Havia também uma das maiores atrações da criançada, que era “o boi Caprichoso”, do Osvaldo Gouvêa Martins e família. Anos depois, surgiu o “Boijitinho” (do Raimundo Ferreira e família” (SCHAEKEN, 2004, p. 92). Schaeken (2004), diz que “via-se animação e colorido, apresentando a real história do “Boi Bumbá”, com criativas toadas, evolução do boi, entrada do Pai Francisco que mata o boi porque sua esposa Catirina estava grávida e desejava comer a língua. É obrigado pelo dono do boi a fazê-lo

20 Não foram encontradas nenhuma figura, como fotos, ou mesmo desenhos ilustrativos das danças: “Corrupião”, “Andorinha”, “Rouxinol”, “Garça” e o “Tangará”.

ressurgir” (SCHAEKEN, 2004, p. 93). Essa atração folclórica sempre mexeu com o imaginário das pessoas, principalmente das crianças, no multicolorido universo que fecunda no terreno fértil da inocência infantil, quem sabe, não seja por isso que Holanda (2019), tenha escrito

Cresci sob a aura do mito, com medo do curupira e do boto malino, respeitando os dias-santos e a panema que apavora, e beijando as fitas que ornavam o andor de Nossa Senhora de Guadalupe, a santa mestiça padroeira dos fonteboenses. E com a brincadeira do boi? Ah! O menino já crescido virava criança quando via o boi brinquedo valsando pelos quintais, ruas e terreiros fonteboenses. Essas minhas lembranças de outrora cintilam na Minh ‘alma de menino, minha fantasia era a de ser brincante do boi de terreiro que ia de casa em casa, como um fascínio nômade e noturno, eu só queria acompanhá-lo pela noite adentro [...] (HOLANDA, 2019, p. 202).

Em relação aos bois bumbás, muitos ficaram famosos no cenário tefeense, como o popular “boi Viramundo” e o “boi Paradão” (Figura 17), que eram as criações do “seu Moreno”, o boi Paradão, chamava a atenção de todo o público, porque ao contrário dos outros, não existia um único dançador debaixo do boi, mas vários, por isso, era chamado de Paradão e tinha o dobro de tamanho dos outros bois, era enorme. Outro boi que ficou muito famoso em Tefé, foi o “boi Garantido”, da escola estadual Borges Façanha, sob a direção da prof. Olinda Freitas, e chegou a ser campeão de vários festivais nessa categoria. Quando os brincantes passavam pelas ruas com o boi, cantavam:

//Eu venho tirar licença, licença venho tirar//

//Eu venho saber de certo se o boi pode vir brincar//

os vaqueiros voltam cantando:

//Meu amo, senhor meu amo, resposta venho lhe dar//

//A dona da cada disse que o boi pode vir brincar. //

A partir daí, iniciava-se a brincadeira propriamente dita, com criativas toadas, evolução do boi, entrada da Mãe Catirina e do Pai Francisco que mata o boi preferido do dono da fazenda. O Pai Francisco, também chamado de “mascarado”²¹, corria de modo adoidado, tentando fugir da captura, pois sabia que ao prendê-lo, o dono exigiria que ele desse o jeito de fazer o boi ressurgir. Schaecken (2004), relata que

a matança do Boi-Bumbá que, geralmente, durava dois dias (sábado e domingo), era comemorada com muito vinho, cerveja e cachaça,

21 O Pai Francisco também era chamado, pelo povo, de “mascarado”, porque este personagem usava uma máscara similar às carrancas dos barcos que navegam no Rio São Francisco. E ao tentar fugir da captura, assustava os espectadores, em especial as crianças que se apegavam aos pais, o que causava risos na plateia, por essa encenação, e pelas trapalhadas do Pai Francisco que vez ou outra tropeçava em si mesmo, caindo e rolando no chão.

acompanhados de feijoada, buchada e churrasco. Enquanto os vaqueiros não chegavam com o boi, já laçado, pronto para morrer, os brincantes cantavam toadas, que muitas vezes provocavam lágrimas nos brincantes e nas pessoas presentes àquele evento (SCHAOKEN, 2004, p. 100).

Segundo Pessoa (2005), os principais puxadores e organizadores que apresentavam as brincadeiras eram: “Domingos Franco de Amorim, com seu Boi Viramundo; Felisberto Cordovil e Paulo Cordovil com a Ciranda; o Alemão com o índio ou barqueiro; o Rui da Veneranda apresentava o Lanceiro, Dona Neomésia Retto, um Corrupião e a Pastorinha²²” (PESSOA, 2005, p. 180). Até o início da década de 60, todas as apresentações folclóricas com suas danças, eram realizadas nas ruas, em frente das casas. Essa era uma festividade espontânea da população, em que praticamente quase todos do município participavam. E num ato beneficente em prol de ajuda financeira para um hospital que era mantido pela paróquia, sem recursos municipais e estaduais, “[...]o Presidente da Sociedade de São Vicente de Paula, professor Protásio Lopes Pessoa, achou que se organizasse uma quermesse com a participação dos cordões que existiam na cidade, iriam trazer algum lucro para o Hospital São Vicente” (PESSOA, 2005, p. 181).

Assim, de acordo com Souza (1996), “foi através da Sociedade São Vicente de Paula que tudo começou” (SOUZA, 1996, p. 26), e contando com a ajuda de uma associação voluntária de mulheres do Clube de Mães, que existia nessa época, conhecido como “as Damas de Caridade”, deram início ao evento que aconteceu em frente ao Hospital São Vicente²³.

Assim foi que as Damas de Caridade, organizaram o primeiro Festival Folclórico. Não era propriamente um festival. Era a reunião de vários cordões que atenderam ao pedido e compareceram em frente ao Hospital e as Damas puderam vender as guloseimas que tinham preparado. Compareceram a ciranda do Paraná de Tefé, o imperial de Santo Isidoro e os cordões da cidade. (PESSOA,2005, p.181).

Conforme Souza (1996):

[...] com açazeiros, bandeirinhas, balões e uma grande fogueira, em homenagem a São João Mesas cheias de doces, aluá, licor, tacacá, mungunzá, salada e outras iguarias faziam parte da festa. [...] Isso alegrou não somente os doentes, mas também o povo de TEFÉ que assistia, Pela primeira vez, um evento dessa natureza. Partiu daí. Portanto, a ideia de uma organização festiva junina (SOUZA, 1996, p. 26).

De acordo com Souza (1996), todos gostaram da ideia de organizar um evento que reunisse todas as “brincadeiras”, ou seja, os cordões, as danças, enfim, de forma que

22 Não foram encontradas nenhuma figura das danças: Corrupião, Lanceiro e Pastorinha.

23 O Hospital São Vicente, ficava situado no local, onde hoje tem por nome Centro Irmã Adonai, que se localiza em frente ao prédio da Prefeitura Municipal de Tefé.

anualmente pudessem celebrar essa festa. Não havia um local específico ainda, porém, no ano seguinte, em 1963, o “seu Moreno” (Figura 18), tomando a iniciativa, viajou ao interior, entrou em contato com os donos dos vários cordões das comunidades, convidando-os a participar do futuro evento, convidou também todos os cordões da cidade e juntamente com alguns populares, que também eram amantes das chamadas brincadeiras, armaram um palanque em frente ao Seminário Apostólico São José²⁴, e no dia 29 de junho daquele ano, realizou-se o 1.º Festival Folclórico de Tefé, e este festival “contou com ampla participação das entidades e do povo que colaboram na construção da fogueira, com fogos de artifício e com outras providências necessárias ao sucesso da promoção” (SOUZA, 1996, p. 26).

Não tem como falar do Festival Folclórico de Tefé, sem mencionar a figura desse protagonista marcante nessas manifestações culturais folclóricas, que era popularmente conhecido como o “seu Moreno”. Mas, quem foi o seu Moreno? Numa sintética biografia, validaremos a importância desse folclorista tefeense. Seu nome era Domingos Franco de Amorim, mais conhecido pelo povo de Tefé, como “seu Moreno”. Conforme informações do prof. Domingues Franco de Amorim²⁵, seu filho, o “seu Moreno”, nasceu em Tefé, no dia 14 de abril de 1924, filho de Joana Franco, natural do Perú e Inocência Amorim, natural do nordeste do Brasil, que chegou em Tefé, para trabalhar nos seringais, no tempo da borracha. O “seu Moreno” era um misto de tefeense/nordestino e peruano, tinha paixão pelo folclore tefeense, pelas danças, pela folia, pelas músicas, pelo artesanato, enfim pelas chamadas “brincadeiras”, tudo aquilo que se reportava a cultura folclorista lhe chamava a atenção.

Chegou a se eleger em Tefé como vereador, na década de 60, no tempo em que o salário de um parlamentar municipal, era praticamente simbólico, mas trabalhava com amor e dedicação, principalmente a frente do que ele mais gostava que era o folclore. Segundo Souza (1996),

Moreno, com seus próprios recursos, manteve o festival, acolhendo os participantes do interior, oferecendo comida e até hospedagem em sua casa. Recolhia, no comércio e com as entidades, pequenos prêmios para que cada cordão levasse uma lembrança para sua comunidade. No governo do prefeito Armando Retto, houve um maior incentivo por parte da Prefeitura e da Câmara dos Vereadores, oportunidade em que recebeu o nome de “Festão do Povo” [...] (SOUZA, 1996, p. 26-27).

24 Em frente ao Seminário Apostólico São José, ficava uma praça que na época (1963), era conhecida por praça Getúlio Vargas, e que já teve vários nomes. Atualmente, é conhecida como praça do Empreendedor. Era uma praça municipal e não pertencia a igreja católica.

25 O professor Domingues Franco de Amorim foi um dos colaboradores dessa pesquisa, e também um dos entrevistados.

Conforme Pessoa (2005), nessa época, ainda não havia mesa julgadora, nem jurados, todos apresentavam o melhor de si, agora não mais nas ruas ou em frente das casas, mas no tablado, feito de madeira, e agora com o nome de “Festão do Povo”, que passou a ser [...] “realizado na praça de Santa Teresa, sempre promovido com recursos angariados e dos próprios participantes” (PESSOA, 2005, p. 181). O autor, relata ainda, que em meados da década de 60, uma outra parceria de peso, chegou para somar forças nesse processo cultural, que foi o Movimento de Educação de Base ou simplesmente, MEB²⁶, segundo o autor,

Em 1965, o Movimento de Educação de Base, assumiu junto com o vereador Domingos Franco de Amorim, o Moreno, a promoção do “Festão do Povo”, que passou a denominar-se “Festival Folclórico”. A Prefeitura Municipal passou a colaborar com a ajuda de mantimentos e construção do palco. O local era a Praça Santa Teresa. O Moreno movimentava os cordões da cidade e o MEB os cordões das comunidades ribeirinhas. (PESSOA, 2005, p. 181).

Para Pessoa (2005), o MEB, também teve participação fundamental no processo originário dos Festivais Folclóricos na cidade de Tefé, não somente pela organização impecável, que os poucos funcionários desta instituição católica demonstravam, estando a frente desta festividade popular, mas também pela ampla divulgação e educação da valorização cultural, ensinada nos programas educacionais radiofônicos, transmitidas através da rádio Educação Rural de Tefé, o que também é destacado por Schwamborn (2013). Acerca dos funcionários do MEB, que estavam a frente dos trabalhos diretamente relacionados ao folclore, Pessoa (2005), afirma o seguinte:

A professora Dirce Batalha Marinho era coordenadora das promoções folclóricas. Os supervisores Januário Teixeira e Augusto Cabrolié mantinham contato com os organizadores nas comunidades para prepararem os cordões e inscreve-los. O Moreno ainda se preocupava em adquirir os troféus e locais de hospedagem para os brincantes das comunidades do interior. Em 1966, pela primeira vez, foi organizada uma Mesa Julgadora, composta de professores conhecedores das apresentações folclóricas (PESSOA, 2005, p. 182).

Schaeken (2004), diz que por iniciativa da profa. Virgilina Façanha Mendes, então diretora da antiga Unidade Educacional de Tefé (hoje SEDUC), as escolas do município, tanto estaduais quanto municipais, foram inseridas também no evento folclórico, o que fez com que fosse criado um calendário municipal, somente para esse evento festivo que deveria acontecer anualmente no mês de junho. Assim, no início da década de 70, “no

26 O Movimento de Educação de Base, fundado em 21 de março de 1961, é um organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, constituído como sociedade civil, de direito privado, sem fins lucrativos. Fonte: GESTRADO - Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente /UFMG. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/movimento-de-educacao-de-base-meb/>

governo do prefeito Armando Retto, houve um maior incentivo por parte da Prefeitura e da Câmara dos Vereadores[...]” (SOUZA, 1996, p. 27). Segundo Pessoa (2005), aumentava cada vez mais e a cada ano a participação das escolas da cidade e o apoio da prefeitura ao evento. Schaecken (2004), afirma que:

É importante lembrar que, antes das escolas apresentarem as suas danças nos festivais, faziam uma animada festa na própria escola, com vendas de comidas típicas, forró, concurso de Rainha Caipira e, é claro, além de outras danças, era aguardada com ansiedade a dança da própria escola. O objetivo das festas era angariar recursos para comprar material de expediente, limpeza, complemento da merenda escolar ou móveis para a escola. Ninguém ficava de braços cruzados, esperando o dia em que a SEDUC atendessem alguma reivindicação (SCHAEKEN, 2004, p. 102).

“Por volta de 1970, a participação era tão grande e entusiástica, que compareciam nas apresentações cerca de oitenta cordões [...] diferentes. Daí em diante, a organização dos festivais passou diretamente à Secretaria de Cultura do Município” (PESSOA, 2005, p. 182). Consoante Pessoa (2005, p. 181), “as promoções folclóricas passaram a ser nos dias 27, 28, 29 e 30 de junho, e no dia 30, era o encerramento com procissão de São Pedro, que contava com a participação de todas as embarcações que se encontrassem no porto da cidade”, ou seja, havia uma junção de festas tanto de cunho popular (profana), quanto de cunho religioso (sagrado), visto que, a festividade folclórica se encerrava justamente num dia de festa religiosa. Todos celebravam a procissão, que se iniciava às 16h e encerrava-se na Catedral de Santa Tereza às 18:30h. Às 19h, ao som de fogos e músicas, iniciava-se novamente, o Festival Folclórico de Tefé, em sua última noite em frente à igreja, no tablado de madeira, conforme (Figura 19), que era construído na praça da Catedral de Santa Tereza. Schaecken (2004), declara que:

Para que houvesse mais vida, mais animação, mais participação, mais brilhantismo e mais atrações. Cada escola se esmerava para apresentar a mais animada e inovada dança. Era Tefé, grande a multidão que se concentrava na Praça Santa Teresa, para prestigiar, animar e aplaudir as danças. Podia-se apreciar as animadas "Quadrilhas Mirins", "Os Melindrosos", "Cabras de Lampião", "Os Filhos de Lampião e Maria Bonita"; os Bumbás, apresentando animadas toadas, o Índio, exibindo o cacetinho e dança do Tipiti etc. Os cordões de pássaros na sua originalidade apresentavam sua história em forma de comédia e cantos com os personagens: pássaro, caçador, feiticeira, fada. Recordando a bravura dos nossos colonizadores portugueses, apresentavam a dança Portuguesa, o Imperial e a Caninha Verde. As danças, Africana, Espanhola, Gaúcha, Afro-América exibiam coreografias e um colorido todo especial. E ainda tinha a Dança portuguesa (SCHAEKEN, 2004, p. 101-102).

A autora afirma ainda que a “dança Portuguesa”, foi uma das atrações que veio enriquecer ainda mais, o folclore tefeense. Trazida pela Sra. Edith, uma professora de origem portuguesa que na década de 80 chegou para trabalhar em Tefé, e se dispôs a ensinar a dança na escola Santa Teresa, mas somente anos mais tarde quando foi dar aulas

de Língua Inglesa na escola Frei André da Costa, lá colocou a referida dança com maior número de brincantes, mais colorido e mais animação (SCHAEKEN, 2004). A autora relata que o sucesso dessa dança foi tão sensacional que naquele ano, ela foi sagrada campeã do Festival Folclórico da cidade, tornando-se um fenômeno nos festivais seguintes.

Por duas vezes, eu mesma ajudei a professora Edith a controlar os brincantes, durante os ensaios. Os brincantes vestiam-se de trajes típicos de Portugal e dançavam várias partes ao ritmo das músicas de Roberto Leal, e sempre faziam bonitas evoluções. Na mesma época, a referida professora ensaiou a Dança Espanhola para um grupo de alunas da Escola São José. Assim foram surgindo outras danças, como a Dança Gaúcha, ensinada pelo casal de professores da Escola Frei André da Costa: Tércio e Hena No grupo das danças de pássaro, tínhamos apenas a "Ciranda" [...], pois apesar de ter sido criada em Tefé, hoje faz sucesso em outros municípios amazonenses. (SCHAEKEN, 2004, p. 95).

Além das atrações folclóricas apresentadas nesse tópico, como o boi-bumbá, o imperial, o lanceiro, o barqueiro, a ciranda e os cordões dos índios, com a Dança do catetinho. A partir da década de 70, surgiram outras “brincadeiras”, que foram incorporadas nos festivais seguintes, como por exemplo a “Dança africana” (Figura 20), que surgiu por volta de 1970, oriunda das festas de São Benedito que se celebrava no bairro da Olaria. Todas as músicas e ritos foram copiados da festa de mastro de São Benedito. Portanto, foi criada no município” (PESSOA, 2005, p. 180), outras ainda como o “Bicho-folharal” ou mais conhecida como a “Dança da Bicharada”, que continha elementos da natureza num enredo mágico composta pela fauna amazônica, encenadas e coreografadas a partir das lendas conhecidas como a Yara, o Boto, o Curupira, entre outro. Outra folia que também marcou muito os festivais folclóricos, era a “Dança Afro-América”, que surgiu em 1988, criada em homenagem aos cem anos da abolição da escravatura, [...] orientadas por uma professora angolana que ensinou todos os passos das danças africanas introduzidas” (PESSOA, 2005, p.180), e ainda a Dança do Cangaço, conhecida popularmente em Tefé, como “Cabras de Lampião” (Figura 21).

Figura 15: Dança de Quadrilha.



Fonte: Arquivo pessoal do

Figura 16: Dança Caninha verde, 1986.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 17: boi Paradão e logo atrás, o boi Viramundo, 1983.



Fonte: Secretaria Municipal de Turismo, comércio e indústria

Figura 18: “Domingos Franco de Amorim, o “seu Moreno”. 1992..



Fonte: Secretaria Municipal de Turismo, comércio e indústria

Figura 19: O tablado de madeira, do Festival Folclórico de Tefé nos anos 80, armado na praça da Catedral de Santa Tereza.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 20: Dança Africana, 1986.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 21: Dança do Cangaço, popularmente conhecida em Tefé como Cabras de lampião, 1986.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Todas estas manifestações culturais, celebradas e festejadas no auge do Festival Folclórico do município de Tefé, se deram no espaço em frente à igreja Matriz, ou seja, foram apresentadas na praça da Catedral de Santa Tereza, próximo à casa do “seu Moreno”, durante trinta e dois anos. O Festival Folclórico de Tefé, foi tão rico e magnífico que sua fama perpassou os limites do território tefeense, ao ponto de atrair multidões (num misto de público interno e externo), que se apertavam para ver, se divertir, admirar e aplaudir aquelas atrações mágicas, que eram apresentadas ali, no tablado da praça de Santa Tereza.

Porém, em meados da década de 90, na administração do prefeito Etelvino Celani, com um aterro feito próximo a pracinha do Remanso do Boto, o Festival deixou de ser apresentado na praça da Catedral e passou a ser festejado numa quadra de futsal, que havia sido construída para múltiplas finalidades, sendo uma delas, as apresentações das atrações folclóricas, porém já sem o brilho de antes, uma vez que o poder municipal estava agora a frente do Festival, e a verdadeira essência das brincadeiras e o valor cultural a elas, outrora atribuídos, já não mais se fazia notável, pois surgiram novos elementos incomuns tornando a festividade como só mais um espetáculo citadino e sem o tablado. Além do mais, dos antigos que deram início a essa grande festividade popular, uns já haviam morrido e outros não estavam mais à frente das antigas e chamadas “brincadeiras”.

Nas palavras de Souza (1996), referindo-se ao fato do Festival Folclórico de Tefé, ter passado para as mãos do poder municipal, ele declara o seguinte:

A partir daí, surgiu também a influência política, deixando o festival folclore de ser uma pequena promoção popular iniciada pelo Moreno e passando a ser coordenada diretamente pela Prefeitura, através de suas secretarias. Hoje, o Festival Folclórico faz parte da programação do município e das escolas. Por isso, todos os anos, no período de 26 a 30 de junho, a cidade para e assiste ao grande “Festão do Povo”. Hoje é diferente da época de sua Criação, pois só participam os cordões da cidade, principalmente os organizados pelas escolas. Não há mais participação do interior (SOUZA, 1996, p. 27).

Mesmo doente, já sem forças, o “seu Moreno”, continuou dando assistência ao folclore tefeense com suas dicas e conselhos sobre a festa, quando lhe procuravam, geralmente no mês do evento, e foi assim até seu falecimento no dia 20 de novembro de 2008, aos 84 anos de idade. Este ícone do folclore local, assim como tantos outros, contribuiu de forma ímpar para o desenvolvimento folclorista em solo tefeense.

2.3 – Principais manifestações culturais na praça da Catedral de Santa Tereza atualmente: diferentes formas de sociabilidade.

A Praça possui um valor histórico e cultural para a população local. Segundo Hobsbawm & Ranger (1997), as praças são espaços públicos importantes na celebração de festas e eventos que representam a cultura e a identidade de uma comunidade. A praça pode ser um espaço onde são realizadas festas religiosas, culturais e políticas que representam a história e a identidade local. As festas religiosas representam um importante aspecto da religiosidade popular em muitas cidades brasileiras e em Tefé não é diferente. As festas religiosas que ocorrem na Catedral de Santa Tereza e em sua praça apresentam um forte apelo para a população local e para visitantes. No entanto, é importante destacar que essas festas religiosas também possuem impactos na praça e na cidade, tanto positivos quanto negativos.

Atualmente, não se realizam mais os Festivais Folclóricos, como se fazia antigamente na praça da Catedral de Santa Tereza, que era uma das manifestações culturais mais belas do folclore tefeense, a ponto de projetar o nome do município para além dos seus limites territoriais e geográficos. Todas as histórias do auge desses festivais, ficaram apenas na memória de quem presenciou-os pessoalmente. No entanto, a transmissão de valores culturais de uma geração para outra é fundamental para que tais celebrações não se percam com o tempo, mesmo que tais eventos destoem da prática original de outrora.

Esse desvio da essência cultural de raiz, parece, segundo essa investigação, de maneira inevitável, haja visto que nesse processo de inovação cultural, ou melhor dizendo, do “choque de gerações”, existirão sempre novos elementos adicionais que produzirão essa espécie de metamorfose, ou seja, uma transformação que agradarão a uns, e serão rejeitados por outros. O que Canclini vai chamar de uma hibridização cultural, assim sendo, a praça e a Catedral também são elementos que contribuem para a formação de uma cultura híbrida, conforme apontado por Canclini (1998). Esse autor argumenta que as culturas são construídas a partir de elementos diversos, que se combinam de maneiras diferentes ao longo do tempo. A Catedral e a sua praça são lugares onde convergem diversas influências culturais, desde as tradições religiosas europeias até as manifestações populares locais, contribuindo para a formação de uma cultura híbrida e diversa.

Segundo Fernando (2021), em relação ao espaço que se formou no entorno da igreja desde os tempos coloniais, até o surgimento da Catedral, no núcleo urbano central, pode-se dizer que a:

Praça da Matriz, ainda hoje é utilizado para reunir pessoas em eventos realizados tanto pela igreja como por outras entidades, se configurando como espaço de socialização, característica essa que já se apresentava desde o século XVIII, quando a igreja não passava de uma construção precária e de pequenas dimensões (SANTOS, 2016). Assim, o conjunto da Matriz (Igreja e Praça) representa para a população um espaço de fé e de socialização, onde diferentes gerações de sujeitos têm se reunido desde os primeiros momentos de existência dos mesmos na paisagem da então Vila de Ega e atual Tefé (FERNANDO, 2021, p. 82).

As principais manifestações culturais na praça da catedral de Santa Tereza atualmente, são as apresentações de shows musicais de vários estilos, como danças de toadas, competição de rimas de Rap, de *free step* dos adolescentes, dentre outras, além de apresentações da banda militar da 16ª Brigada de Infantaria de Selva, que geralmente estão presentes em algum evento cívico – religioso, ou cultural, também as famosas quermesses das escolas, as exposições de cunho comercial, como por exemplo, as apresentações dos formandos dos cursos do SENAC²⁷, ou do CETAM²⁸, as comemorações do dia Nacional da Consciência Negra, no dia 20 de novembro, como as apresentações de projetos Afro, realizadas pela Secretaria municipal de Cultura (SEMAC), ou as apresentações de danças indígenas no dia do índio, as exposições militares, como do dia do soldado (25 de agosto).

Não se fazem mais tablados de madeira na praça, como nas três últimas décadas passadas, no entanto, esses eventos citados, realizam-se no próprio espaço da praça, ou seja, na sua calçada. É válido ressaltar também, que os eventos socioculturais citados, ainda acontecem anualmente na praça, além dos eventos religiosos, como o próprio arraial da Padroeira da cidade, que é a Festa de Santa Tereza, culminando com a procissão nesse lugar, no dia 15 de outubro, e ainda o novenário da paróquia que acontece todos os anos. Ademais, as apresentações de cantatas de natal de vários bairros da cidade, inclusive com a participação de outras entidades religiosas evangélicas, com suas apresentações natalinas que são coordenadas também pela SEMAC em parceria com a Secretaria Municipal de Turismo Comércio e Indústria (SETUR) e a própria direção da igreja, na pessoa do bispo da Prelazia de Tefé.

27 Serviço Nacional do Comércio

28 Centro de Educação Tecnológica do Amazonas – autarquia vinculada à Secretaria Estadual de Educação (SEDUC).

Figura 22: Vista aérea da Catedral de Santa Tereza e sua praça, com o coreto no centro, 2022



Fonte: João Paulo Borges – Drone da Amazônia

Canclini (1998) acentua as culturas híbridas na contemporaneidade, ou seja, a mistura de diferentes culturas e tradições. A construção da identidade local também pode ser influenciada pelo processo de globalização e pela emergência de culturas híbridas, a adoção de práticas e símbolos globais pode gerar conflitos com as tradições locais, mas também pode ser uma forma de construir uma identidade híbrida e mais aberta à diversidade cultural. Sendo assim, a gestão pública em relação à praça da Catedral de Santa Tereza precisa estar atenta às diferentes perspectivas e interesses da população local, buscando promover a inclusão e o respeito às diversidades culturais e religiosas presentes na cidade de Tefé.

Castells (1999), enfatiza o poder da identidade na construção da sociedade contemporânea. Dessa forma, a gestão pública em relação à Praça da Catedral de Santa Tereza precisa buscar formas de promover a identidade tefeense, valorizando o patrimônio cultural e a história local como elementos fundamentais para a construção de uma afinidade identitária. Perguntado sobre quais manifestações culturais, ocorridas na praça da Catedral de Santa Tereza, possuíam, ou ainda possuem maior destaque, e a que o entrevistado atribuía esse realce, o bispo Dom José Altevir da Silva, respondeu:

Como eu já falava anteriormente as manifestações culturais são as festas Juninas, as escolas quando apresentam algo que ocorre pela praça, até mesmo o quartel, os militares fazem suas apresentações na praça, universidade vem

para a praça. Então são várias manifestações culturais, os indígenas têm espaço na praça, os ribeirinhos têm espaço na praça, temos shows que acontecem de uma maneira mais tranquila onde a manifestação religiosa acontece na praça, o próprio novenário acontece em torno da praça, onde tem manifestações culturais diversas, porque como nós ouvimos são 10 municípios que há na Prelazia de Tefé e nós não temos apenas uma cultura, nós temos várias culturas dentro da nossa Prelazia, e essas culturas tem espaços na praça e isso é muito importante que nós tenhamos essa consciência e possamos zelar cada vez mais por esses espaços que é de todos. (J. ALTEVIR, 60 anos, entrevista em 04/02/2023).

Nas palavras do bispo, a praça representa um espaço público de convivência e sociabilidade, que pode ser utilizado para celebrações culturais e religiosas, além de ser um local de encontro e interação social para a população local. Nesse sentido, a Praça da Catedral de Santa Tereza, pode ser vista como um exemplo inspirador de como a preservação e valorização da memória histórica e do patrimônio cultural podem ser uma ação coletiva e democrática, que envolve toda a comunidade numa harmoniosa esfera cultural e religiosa, além de ser um local de encontro e interação social para a população local.

Além do que, ela também apresenta potencialidades a serem exploradas pela gestão pública. A Praça pode ser utilizada como um espaço para a promoção do turismo religioso e cultural na região amazônica, bem como para a geração de emprego e renda para a população local, sendo ainda um espaço para a promoção do diálogo inter-religioso e intercultural na cidade de Tefé e na região. Para que essas potencialidades sejam exploradas e os desafios sejam enfrentados, é fundamental que a gestão pública conte com a participação e o envolvimento da população local. Faz-se necessário ainda, promover a realização de audiências públicas e consultas populares para ouvir as demandas e opiniões da população em relação à Praça e sua gestão pública. Pois é importante que haja uma gestão participativa e transparente, e que promova a divulgação das ações e projetos desenvolvidos em relação à Praça e sua utilização pela população.

Fernando (2021), destaca que a cidade é um espaço onde as tradições e a história se encontram com as transformações e inovações. Nesse sentido, a preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural pode ser uma forma de construir uma identidade local mais forte e duradoura, capaz de resistir às mudanças sociais e econômicas. A Catedral e a Praça podem ser elementos simbólicos importantes nesse processo, na sua construção como elementos da identidade. Segundo Telles (2010, p. 127), "a gestão do patrimônio cultural deve ser feita de forma integrada e participativa, envolvendo a sociedade civil na elaboração e implementação de políticas públicas de preservação e valorização do patrimônio".

Um dos desafios da gestão pública da Praça, é garantir a manutenção e conservação do espaço como patrimônio histórico e cultural da cidade. A Praça possui elementos arquitetônicos e históricos importantes, que devem ser preservados e valorizados. De acordo com Fernando (2021, p. 62), "a conservação do patrimônio histórico e cultural é fundamental para a manutenção da memória coletiva da cidade". Além disso, é importante garantir a acessibilidade e segurança dos usuários da Praça, bem como a sua utilização sustentável e responsável.

A Catedral, das grandes cidades, foi antigamente, não apenas o símbolo religioso, mas ela também foi um símbolo alternativo e referencial do lugar. A Catedral tinha torres altas, normalmente tinha um relógio, onde o povo se orientava através das batidas do sino. Para cada realidade era um tipo de batida de sino, se morria uma criança, era um tipo de batida, se morria um adulto era outro tipo de sino que ia tocando enquanto se dirigia para o cemitério. A Catedral era um símbolo também da orientação no sentido de que as pessoas chegavam do interior de outras cidades, tinham como ponto de referência. Tava perdido na cidade e viam a torre da Catedral, isso servia de orientação também, e além de tudo isso, toda essa simbologia religiosa que compete realmente em torno da Catedral, como eu falava anteriormente, a mãe de todas as paróquias é a igreja onde o Bispo realmente é o primeiro responsável (J. SILVA, 60 anos, 04/02/2023).

Com a ampliação do perímetro urbanístico da cidade, novos locais de encontros inter-relacionais, como outras praças, por exemplo, surgiram no município ou foram reformadas, no entanto a praça da Catedral de Santa Tereza ainda possui uma notável relevância, não somente pela sua história, mas também pelo destaque emblemático referencial da cidade de Tefé. De acordo com Fernando (2021),

A área ainda detém um pouco do prestígio passado, contudo, o espaço da Praça hoje é menos frequentado, pois novos espaços de socialização surgiram na cidade, especialmente no centro com a revitalização de praças e espaços públicos possibilitando à população diferentes opções de locais para encontros, socialização e realização de festividades (FERNANDO, 2021, p. 82).

Conforme Hobsbawm & Ranger (1997), as tradições são constantemente reinventadas e (re) significadas, e a participação da população na gestão da Praça pode possibilitar a construção de novas formas de utilização do espaço público, sem deteriorar as tradições. Logo, novamente, é mister dizer que, é fundamental que a gestão pública seja participativa e democrática, buscando garantir a inclusão de diferentes grupos e interesses na utilização da Praça.

CAPÍTULO 3

3. A CATEDRAL DE SANTA TEREZA E SUA PRAÇA, ASPECTOS DE RELIGIOSIDADE E SOCIABILIDADE

A Catedral de Santa Tereza e sua praça (Figura 23), podem ser compreendidas como um espaço de resistência e luta por direitos sociais, conforme a teoria da ação coletiva de Tarrow (1998), onde afirma que os espaços públicos podem ser utilizados como locais de mobilização e ação coletiva, e onde também os cidadãos se reúnem para reivindicar seus direitos e reafirmar sua cidadania. A praça da Catedral de Santa Tereza já foi palco de diversas manifestações populares, como marchas, protestos e celebrações religiosas, que expressam a diversidade e a força da sociedade civil local.

Figura 23: Vista aérea da Procissão da padroeira da cidade, com a chegada da imagem da santa à Catedral de Santa Tereza. 2023.



Fonte: João Paulo Borges – Drone da Amazônia

A Catedral de Santa Tereza e sua praça desempenham um papel fundamental na preservação histórica, assim como das tradições e memórias, permitindo que a comunidade mantenha viva a sua religiosidade e as suas manifestações culturais desde os primórdios da história do município de Tefé.

De acordo com Fernando (2021),

A Catedral de Santa Tereza D'ávila [...] se configurava como local de encontro, convívio, festividades e outras atividades que reuniam moradores e viajantes, tornando o espaço da Matriz importante não apenas pela beleza física, mas também pelo seu significado, carregando o sentido religioso e social que unia as pessoas no local (FERNANDO, 2021, p. 80).

A memória coletiva é fundamental na preservação da história local e, a Catedral e a Praça são elementos que desempenham um papel importante nesse processo. Conforme Ricoeur (2007), a memória é um elemento fundamental na construção da identidade pessoal e coletiva. A história é um outro componente que ajuda a dar sentido às experiências vividas. Dessa forma, a Praça da Catedral é um espaço de sociabilidade e convivência, onde a comunidade se reúne para celebrar eventos culturais e religiosos, festivos e onde se estabelecem laços de solidariedade e afetividade entre os moradores locais.

Lá na praça de Santa Teresa, antiga praça de Santa Teresa, meu pai era que organizava os arraiais, tinha uns noitários como tem hoje, tinha o notário, o noitários era o responsável pela noite da festa, era escalado por família, eram as famílias que faziam a festa, traziam as comidas, etc. As pessoas assim, de tradição daqui, é que cada noite ficavam responsáveis pela barraca, aí tinha as barracas, tinha os leilões, a venda de comida na barraca, os doces, naquele tempo era muito doce, né, e aí o meu pai era quem dirigia isso, com o padre Meneval, me lembro muito bem disso, eu era criança, e também depois de um certo tempo eu já era mais jovem, eu lembro que nos arraiais de Santa Teresa, na época que meu pai organizava, eles montaram, assim, um salão na praça e fazia festa durante as noites e ali dançavam (D.BATALHA, 71 anos, 30/12/2022).

Além disso, a Praça e a Catedral também são importantes para a construção da identidade cultural da comunidade, contribuindo para a formação de uma memória coletiva e para a construção de narrativas que expressam a religiosidade popular e a cultura local. Como destaca Castells (1999), a identidade cultural é construída a partir das interações sociais, e os espaços públicos são importantes para a construção dessa identidade.

Nós tínhamos assim encontros, no Seminário, ali tinha uma sala de filmes onde a gente se reunia, logo em seguida a gente saía do filme e ficava na praça em frente ao Banco do Brasil, e ali eram momentos maravilhosos de casal, de namoros, né, da juventude namorava já, sentados ali nos bancos, e a gente brincava, a gente brincava muito então tudo isso, né, são coisas que fica na memória, nos traz a memória isso aí, e a gente brincava aqui ao redor, saíamos andando tranquilos, assim nas ruas, todo mundo se conhecia, parava ali às vezes na frente da igreja, né, lá não era, quer dizer, não tinha aquelas cerâmicas todas que tem hoje, mas era também um momento assim pra mim, inesquecível (E. SILVA, 63 anos, 26/12/2022).

É fundamental que a gestão pública promova a realização de eventos culturais e religiosos na praça, bem como ações de conscientização sobre o espaço para a população local. Segundo Castells (1999, p. 205), "a cultura é um fator fundamental para o desenvolvimento de uma cidade, pois é a partir dela que se constroem as identidades coletivas e se promove a convivência intercultural".

Nesse sentido, a Catedral de Santa Tereza e sua praça, representam importantes espaços de sociabilidade e interação social, onde a população local se encontra para celebrar, festejar e trocar experiências. Esses espaços são importantes para a construção da identidade cultural e para a preservação da memória coletiva da comunidade. Em suma, elas têm um papel significativo na vida cultural e religiosa da população tefeense, sendo ainda importantes pontos de encontro e interação social. Como enfatiza Canclini (1998), as culturas populares são compostas por elementos que são produzidos e (re) produzidos pelo povo, e que estão presentes em todos os aspectos da vida cotidiana, incluindo as práticas religiosas, interagindo ou mesclando-se muitas vezes, com a cultura local nos espaços públicos. No caso aqui, tendo como aporte a religiosidade na construção de sociabilidades.

3.1– Uma questão patrimonial

A questão da ideia da religiosidade popular e pertencimento, abrange ainda a questão patrimonial, que envolve nosso estudo, não baseada no olhar do patrimônio oficial, tal qual observa legalmente o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), mas sim através da visão popular de patrimônio enquanto um bem cultural material/imaterial. Sustentando essa ideia, encontramos em Fernando (2021) a seguinte afirmação:

Os objetos e manifestações culturais que são identificados pela população [...] o são não apenas pelo seu caráter de antiguidade, mas também pela sua importância social. Algumas construções antigas, por exemplo, são apontadas como patrimônio pelo papel social que as instituições representadas por essas edificações desenvolveram ou ainda desenvolvem na cidade [...] (FERNANDO, 2021, p. 72).

Aludimos ainda que o patrimônio cultural pode ser compreendido de diferentes formas, incluindo a definição oficial que leva em conta os bens culturais materiais e imateriais e a visão popular que inclui elementos produzidos e reproduzidos pelo povo. Para Teles (2010), a distinção entre patrimônio material e imaterial é considerada artificial. O autor destaca que há uma dicotomia entre patrimônio cultural material (PCM) e imaterial (PCI), pois ambos são importantes para a construção da identidade cultural de

uma comunidade. Além disso, a preservação do patrimônio cultural deve ser compreendida de forma ampla, levando em consideração não apenas a conservação dos bens materiais, mas também a valorização das práticas e tradições culturais que estão relacionadas a esses bens. Outrossim, a preservação do patrimônio cultural é importante para a memória coletiva e para o desenvolvimento sustentável das cidades (VILHENA, 1993).

O patrimônio cultural pode ser definido de diferentes formas, tanto oficial quanto popular. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o patrimônio cultural é composto por "bens culturais de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" (IPHAN, s.d.; Telles, 2010).

Já a visão popular do patrimônio cultural é mais ampla e inclui elementos que não necessariamente são reconhecidos pela definição oficial. Conforme Canclini (1998), a cultura popular é composta por elementos que são produzidos e (re) produzidos pelo povo, como as tradições orais, as festas religiosas ou populares, a música, a culinária, dentre outros. Esses elementos são importantes para a formação da identidade cultural de uma comunidade, e são considerados patrimônio cultural pela visão popular (LE GOFF, 2003). Perguntado sobre a Catedral de Santa Tereza para o município, enquanto símbolo tefeense, o senhor D. Júnior, respondeu:

Eu acredito que deveria fazer um tombamento dela né? É uma das obras mais antigas do município. Assim como você citou o seminário né? Você citou o primeiro local onde ficaram os que aqui chegaram, foi lá né? Então eu acredito que se a igreja matriz não existisse, e você olhasse e sem ver a nossa igreja, nós praticamente nem existiríamos como cidade, eu penso assim. Sem a matriz em Tefé, eu acho assim que você perde a identidade. Perde a identidade do município entendeu? (D. JÚNIOR, 54 anos, 16/02/2023).

A valorização do patrimônio cultural pode contribuir para a promoção do turismo cultural, para a revitalização de espaços urbanos e para o fortalecimento da economia local, conforme destaca Fernando (2021). O valor da identidade local, em relação aos seus patrimônios, pode ser compreendido também a partir da perspectiva das tradições inventadas, conforme Hobsbawm & Ranger (1997). Esses autores argumentam que muitas tradições são construídas ou adaptadas ao longo do tempo para atender a determinados interesses políticos ou culturais.

No caso das construções históricas existentes no município de Tefé, como o Seminário Apostólico São José, a Casa dos Espiritanos na Missão, o Centro de

Treinamento Irmão Falco, o prédio da Rádio Educação Rural de Tefé e a própria Catedral de Santa Tereza e sua praça, é possível observar como esses lugares são valorizados e preservados (pela igreja), como símbolos da história e da cultura local, reforçando a identidade do lugar. De acordo com Fernando (2021),

a maior valorização dessas estruturas pode se dar por alguns motivos: 1) São as maiores e mais antigas estruturas da cidade, tendo maior visibilidade no espaço urbano; 2) Como a maior parte da população é católica, a identificação com estruturas relacionadas a Igreja tende a ser maior; 3) A divulgação do poder público, dessas construções, em eventos da cidade, chama maior atenção para elas e conseqüentemente leva a uma maior interação dos sujeitos para com as referidas edificações (FERNANDO, 2021, p .96-97).

A identidade local é um tema que se relaciona com a construção de significados e sentidos, por parte de grupos sociais em relação a um território específico. Nesse sentido, a religiosidade popular, a partir da sua ótica patrimonial, pode ser uma importante fonte de construção da identidade local, como aponta Vilhena (1993), que destaca a magnitude das práticas religiosas, bem como de seus símbolos e monumentos, como formas de expressão da cultura popular e de sua relação com o espaço e a história local. Nesse contexto, a Catedral e a praça podem assumir um papel importante como elementos simbólicos da sua similitude identitária.

Segundo Telles (2010), o patrimônio cultural pode ser entendido como um conjunto de bens materiais e imateriais que representam a história, a cultura e a identidade de uma comunidade. Nesse sentido, as manifestações religiosas podem ser consideradas importantes formas de expressão da cultura popular e, portanto, uma fonte de patrimônio cultural. A preservação do patrimônio religioso pode ser importante para a preservação da memória coletiva e da identidade cultural de uma comunidade, como destaca Vilhena (1993). A conservação de templos, estátuas, imagens e outros elementos relacionados à religião pode ser uma forma de preservar a história e a cultura de uma comunidade, além de contribuir para a valorização da diversidade cultural.

Telles (2010), também enfatiza que a dicotomia entre patrimônio material e imaterial pode gerar conflitos em relação à preservação e valorização dos bens culturais de uma comunidade. Além disso, a definição dos critérios para a preservação do patrimônio pode ser influenciada por interesses políticos e econômicos, o que pode gerar tensões entre os diversos atores envolvidos, bem como conflitos entre as comunidades locais e os agentes públicos e privados responsáveis pela preservação do patrimônio.

Eu acredito que a gente não deveria, isso é opinião pessoal minha eu trago isso também lá para a secretaria não devemos fazer necessariamente esse processo sem anuência do proprietário. O Dom Fernando, eu perguntei para ele como seria a opinião dele sobre o tombamento desses prédios edifícios e ele me deu

uma demonstração desfavorável. Eu vou explicar, o que ele me disse que quando conversaram com ele não foi a prefeitura, se eu não me engano, foi o IPHAN. Foi ele mesmo, que me falou que ficou receoso porque a conversa que houve, foi a de que ele ficou receoso com o IPHAN querer se meter na gestão do edifício, porque parece que ele falou com uma certa pressão nos estudos para que a igreja e o Seminário deixasse de abrigar a sede da diocese de Tefé, queriam que ele não morasse mais lá né, pois ali é a residência do bispo, e isso desde que o Seminário existe. Mas o IPHAN queria que ali fosse só o espaço cultural histórico (A. FONSECA, 26 anos, 19/02/2023).

Além disso, é importante ressaltar que a preservação e valorização da memória histórica e do patrimônio cultural não devem ser vistas como algo distante e separado da realidade da população local. Ao contrário, é fundamental que sejam desenvolvidas ações que possibilitem a participação ativa e democrática da população local no processo de preservação e valorização desses elementos culturais.

A valorização, preservação e manutenção de alguns prédios antigos e históricos, na cidade de Tefé, se dá pela ação da própria igreja católica, não somente pelo fato destes pertencerem a esta instituição religiosa, mas pela ideia de conservação e tradição memorial cristã pelos feitos dos religiosos que trabalharam e produziram, em solo tefeense. A estes missionários, destacamos um, em especial, que foi Dom Alfredo Michael Barrat, sendo o primeiro prefeito apostólico Espiritano na América.

Segundo Pessoa (1997), Monsenhor Barrat, como ficou conhecido em Tefé, nasceu no dia 13 de novembro de 1864, de uma família piedosa, em La Crouzille, Anvergne, França. Era um jovem perseverante e possuía uma tenacidade sem limites, o que o tornava focado em seus empreendimentos, até que conseguisse seus objetivos. Concluiu seus estudos iniciais em La Crouzille (sua cidade natal), e “ingressou no seminário e foi muito amigo de Xavier Libermann por ser um estudante brilhante. Ordenou-se sacerdote em 4 de junho de 1887 e foi sagrado ao apostolado no dia 27 de agosto de 1887” (PESSOA, 1997, p. 32). Tornou-se um excelente músico e professor de música do Colégio de Mesniere, na França. Era um sacerdote muito elogiado pelo seu diretor, o Padre Xavier Libermann, o fundador da obra Dos índios no Amazonas.

Como dito anteriormente no capítulo primeiro deste trabalho (no tópico: 1.2 - Jesuítas, Carmelitas e Espiritanos: o arcabouço religioso do povo tefeense), por decreto da Congregação Consistorial do Papa Pio X, de 23 de maio de 1910, a Paróquia de Tefé tornou-se sede de uma Prefeitura Apostólica, e em 16 de agosto do mesmo ano, a Santa Sé nomeou o francês Espiritano Mons. Alfredo Michael Barrat, Prefeito Apostólico de Tefé. Logo que recebeu a nomeação, Monsenhor Barrat viajou para o Amazonas e chegando chegou em Manaus no dia 26 de outubro, e no dia 06 de novembro chegou em

Tefé, onde foi recebido com grande alegria e simpatia pelo povo e pelas autoridades. Depois de receber as homenagens, o Bispo foi para a Missão, onde fixou sua residência, e, desde então não mediu esforços para proporcionar ao povo a educação, saúde e trabalho (SCHAEKEN, 1997).

Conforme Schaeken (1997), Monsenhor Barrat, mesmo residindo na Missão, mandou construir na cidade de Tefé a residência da Prefeitura Apostólica, um prédio colossal, onde antes era a casa do padre Dupuy, ex-vigário do município. O prédio da residência do bispo foi iniciado em 1913 e concluído em 1919, por ocasião da festa da Santíssima Trindade, e foi batizado com o nome de Seminário Apostólico São José, com uma arquitetura barroca e francesa. No dia 11 de julho de 1920, o Bispo transferiu sua residência da Missão para a cidade de Tefé. Monsenhor Barrat (Figura 24), foi realmente um visionário a frente de seu tempo, pois suas obras como um grande administrador deixaram até hoje, sua marca na história do município.

Figura 24: Monsenhor Michael Alfredo Barrat, primeiro Prefeito Apostólico de Tefé, 1912.



Fonte: Secretaria Municipal de Turismo, Comércio e Indústria - SETUR

Segundo Pessoa (2005), para impulsionar o desenvolvimento no município, em 1912, Monsenhor Barrat tomou providências, organizando as seguintes atividades, começando pela Missão.

Mandou construir um estaleiro com capacidade de consertar navios e barcos da região, bem montados e barcos com capacidade de grande tonelagem / mandou instalar uma fábrica de tijolos e telhas, movidas por um possante motor a vapor, produzindo mensalmente 100 mil tijolos e telhas. Mandou instalar ainda um torno mecânico poderoso capaz de produzir todos os tipos de peças de máquinas de barcos, tanto grandes como de porte médios. Mandou

construir barracões com capacidade de secar por semana, mais de cem milheiros de telhas e tijolos. Comprou e mandou instalar uma turbina para produção do açúcar branco. Providenciou a instalação de um maquinário para a serraria da Missão, que beneficiava madeira para a cidade e para vender a outros municípios. Mandou instalar também um curtume para aproveitar couros de gado e de animais silvestres. Mandou inserir um moinho para fabricar ração de milho para os animais domésticos da Missão e da cidade de Tefé (PESSOA, 2005, p. 72).

Em Tefé, uma de suas primeiras obras, foi a instalação de uma tipografia (gráfica), que ao viajar para a capital (Manaus), conseguiu através de uma doação feita pelo Bispo de Manaus, para que fosse impressa a revista bimensal: "O Missionário"²⁹, expandindo o ideal sacerdotal, e os papéis oficiais e registro da Prefeitura Apostólica. Pensando na juventude, fundou em 16 de maio de 1921 o Externato São José, que era uma escola paroquial, somente para meninos, sob a direção do Pe. Manuel Alencar e do antigo aluno da Missão, o Professor Isidoro Gonçalves de Souza. Segundo Pessoa (2005),

[...] não se estudava apenas religião. Os alunos estudavam matemática, álgebra, geometria, trigonometria, ciências naturais, português, francês, inglês, latim, grego, geografia, história e filosofia. Além disso, se praticava voleibol, futebol, ginástica com atividades em trapézio, arremesso de dardo, arremesso de bolas de metal e madeira, uso de barra e tantos outros exercícios. Estudava-se teatro, fazendo e representando peças, música com estudo de solfejo e interpretações de peças musicais com instrumentos de corda, sopro e percussão. O Seminário se tomou uma das mais importantes escolas do Alto Solimões. De todos os municípios vinham rapazes estudar. Em 1931, teve início a construção do prédio do Seminário anexo ao Palácio Apostólico. Em 1935 ficou concluído. Os cursos tinham a duração de seis anos. Concluídos esses cursos os que tinham continuado até o final, iam estudar ou em Manaus ou no Rio de Janeiro. Os que iam continuar estudando para sacerdote, eram enviados para Portugal (PESSOA, 2005, p. 75-76).

Ainda conforme Pessoa (1997), uma vez fundada a escola para meninos, a preocupação do bispo era com a educação das meninas. Assim, de acordo com Schaecken (2004):

Não é possível falar do trabalho dos padres Espiritanos sem também mencionar o trabalho magnífico das irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, que lado a lado, caminhando de mãos dadas, se dispuseram a levar o engrandecimento da cidade de Tefé, proporcionando àquele povo o bem-estar (SCHAEKEN, 2004, p. 94).

E ainda, segundo Pessoa (2005):

Para instruir moças e meninas da região, Monsenhor conseguiu na Europa, junto à Casa Mãe das Irmãs Franciscanas de Maria que algumas delas viessem

²⁹ No dia 17 de janeiro de 1921, o irmão Raphael Haag fez sair do prelo o primeiro número da revistinha trimestral "O Missionário". A publicação, inicialmente bilíngue – em português e francês – devia tornar mais conhecida a Prefeitura Apostólica de Tefé e o esforço dela de formar um clero nativo, graças à generosidade de benfeitores no Amazonas e na França. O título da revistinha deixava isso claro; "O Missionário" – Bulletin de l' Oeuvre des Vocations en Amazonie, organe de l' Association des Dames protectrices du Séminaire de Tefé". (GRUYTERS, 2018).

para Tefé. Chegaram no dia 12 de julho de 1925 pelo navio “Belo Horizonte”. As irmãs que chegaram foram as seguintes: Madre Maria do Menino Jesus (francesa); Madre Maria Hermida Gabriel (canadense); Madre Maria Albérica (suíça); Madre Maria Quirila (italiana); Irmã Maria Maximiliana (italiana); Madre Maria do Precioso Sangue (portuguesa); Madre Maria Ansfrida (alemã) (PESSOA, 2005, p. 82).

As irmãs Franciscanas Missionárias de Maria (F.M.M), conforme (Figura 61), pioneiras da educação em Tefé, vieram para contribuir com Mons. Barrat, ajudando na promoção das obras da cidade, conforme (SCHAEKEN, 1997). Concordando com a autora, Pessoa (2005) relata que:

Estas e outras irmãs religiosas, com o apoio de Monsenhor Barrat, fundaram o mais famoso Colégio do Município: Colégio Santa Teresa, inaugurado em 16 de janeiro de 1926, sendo dada a aula inaugural nesse mesmo dia. Foi um dia memorável, pois era a inauguração do marco paladino da educação, cultura, formação intelectual e moral das moças e meninas do município. Representou um passo gigantesco no desenvolvimento do município. Pela seriedade e capacidade intelectual das religiosas, este colégio se tomou famoso em todo o Estado do Amazonas. Oferecia inúmeros cursos como os seguintes: curso de formação de professora rural, curso de professora normal, curso de ensino fundamental primário, curso de formação de educação familiar para as moças e senhoras, jardim de infância, curso de tratamento de pequenos socorros, curso de corte e costura, moral e civismo. Além disso, o lazer, a recreação e os jogos educativos para os jovens. Associativismo, formando grupos de jovens, meninas e casais da sociedade. Era este o leque de cursos que o Colégio Santa Teresa oferecia à população, a partir daquele dia 16 de janeiro de 1926. Além de tudo isso, ainda tinham tempo para dar assistência social às famílias da periferia da cidade (PESSOA, 2005, p. 83).

É válido destacar também outros projetos³⁰ criados por Mons. Barrat, como a Fundação da Pia União das Filhas de Maria (4.10.1926), Fundação da Sociedade de São Vicente de Paula, para acolher os doentes do interior e velhinhos desamparados, com conforto material e espiritual (2.4.1932), e também a Criação da Escola de Catequistas Schaecken (1997).

De acordo com Pessoa (2005), em meados da década de 20, a administração municipal não tinha tomado providências para a melhoria da cidade, Monsenhor Barrat foi convocado então pelo Governador do Estado, Ephigênio Ferreira de Salles (que ficou sabendo de seus feitos na região) e convidou-o para fazer o saneamento da cidade. O Bispo logo ao retornar de Manaus tomou as seguintes providências: mandou fazer sarjetas nas ruas, aterrar os poços que acumulavam água nas ruas, limpar o lixo que era jogado na

30 Estes projetos deram origem a entidades beneficentes filantrópicas, sem fins lucrativos, na cidade de Tefé, que tinha como objetivo principal assistir a população carente, segundo Pessoa (2005).

via pública, incentivou a população a limpar os quintais e as casas, mandou fazer tanques em torno das cacimbas para acumular água potável para o consumo da população.

Monsenhor também incentivou o transporte d'água do lago por carroças puxadas a cavalo³¹, comprou a casa do ex-superintendente Daniel Antônio Sevalho Júnior, para instalar o Posto de Profilaxia Municipal, transformando-a em um pequeno hospital com dez leitos apenas, e entregou-o às Irmãs Franciscanas de Maria, recém-chegadas da Europa que atendiam a população diariamente. O povo chamava esse hospital de “Hospital da Misericórdia” e segundo Pessoa (2005), foi inaugurado em 25 de julho de 1926. O Bispo desenvolveu ainda, uma campanha de combate ao mosquito da malária, eliminando os focos em volta da cidade e nas residências. Apesar de todos esses serviços e obras suscitadas pelo Bispo, ele foi convidado pelo governador do Estado a fazer algo mais. Pelos bons serviços prestados à cidade, Pessoa (2005), afirma que:

[...] Monsenhor Barrat foi nomeado pelo governador do Estado Dr. Ephigênio Sales, prefeito do município, no dia 15 de abril de 1926. Pela Lei n°1289, que dava nova organização aos municípios do Amazonas, os Superintendentes passaram a denominar-se Prefeito. Monsenhor Barrat foi o primeiro a receber este título. [...] Por pressão da Casa Mãe dos Espiritanos, ele teve que se afastar do cargo, em dezembro de 1926. Mesmo, Monsenhor Barrat, tendo deixado o cargo de Prefeito Municipal, o hospital continuou a dar assistência à população tanto da cidade como do interior do município. Como não existiam médicos na cidade, os missionários Augusto Cabrolié, Parissier e José Maria Cape que eram conhecedores de medicina, prestaram assistência médica aos pacientes. Além desse pequeno hospital, existia uma farmácia na cidade, localizada na esquina da rua Floriano Peixoto com a Olavo Bilac. Como Prefeito Municipal, Monsenhor Barrat mandou calçar a rua dos Júris, atual Getúlio Vargas, que era uma das principais arteriais da cidade. Este foi o primeiro calçamento de rua, na cidade (PESSOA, 2005, p. 82).

Porém de todas as obras que Monsenhor Barrat implementou na cidade de Tefé, duas merecem destaque, não somente pela sua opulência, beleza e maestria colossal para a época dos anos 20 e 30, mas porque tornaram-se referência na região quando se fala do município de Tefé. As obras a que nos referimos é o Seminário Apostólico São José e a Catedral de Santa Tereza. Esta última, com certeza, mais conagrada pela população pelo fato de ser um “lugar de todos” e “para todos”, por uma fluência de aproximação maior do povo com ela.

31 A água para o consumo doméstico era colhida nas cacimbas do igarapé da Independência e no igarapé do Hospital da Misericórdia. Para lavagem de roupa usava-se o lago ou era carregada a água para as casas. Existiam profissionais que colhiam água do lago e distribuíam nas casas, eram os carreiros. Entre os carreiros citam-se o Sr. Francisco Carreiro, Moreno e Adelino Nogueira. Para o banho, a maioria da população usava o lago. (PESSOA, 2005, p.78).

Segundo Pessoa (1997), o lançamento da Pedra Fundamental que daria origem às construções da futura Catedral de Tefé, ocorreu no dia 15 de outubro de 1922. Numa celebração solene, que comemorava o terceiro Centenário de canonização de Santa Teresa, padroeira de Tefé. O autor relata que:

Foi organizada uma grande cerimônia. A Praça onde seria construída a futura matriz estava limpa e desocupada. No meio, no local, onde se ergue hoje o altar da catedral, foi erigido um grande palanque para a celebração de uma solene missa Campal em honra de Santa Teresa. Foi escolhido este dia para ser lançada a pedra fundamental da grande obra [...] Estavam presente o Superintendente Antônio João de Lira Braga e os Intendentes, o povo todo da cidade, as irmandades com Seus estandartes coloridos, as escolas com alunos e os seminaristas. (PESSOA, 1997, p. 56).

Havia um coral, criado por Monsenhor Barrat, quando chegou em Tefé, que era chamado de coral “Harmonia de Santa Cecília”, e que abrilhantava aquela cerimônia, e emocionava os presentes, cantando hinos religiosos. Ainda de acordo com Pessoa (1997):

Na Hora do ofertório, Monsenhor juntamente com os outros celebrantes, fez oblação da pedra e depois a benzeu. Foi entoado “Te Deum Laudamus”. Durante o canto, os celebrantes se deslocaram para o local onde ia ser colocada a pedra. Monsenhor benzeu o local e lançou-a no meio de aplausos do povo. Depois voltou e continuou a celebração. No evangelho, o Prefeito Apostólico fez uma homilia a respeito da importância da obra que seria construída ali. Da tarde, as cinco horas, houve a tradicional procissão de Santa Teresa pela cidade e a noite, foi feita uma palestra proferida pelo Professor e Tabelião Lima e as moças da cidade, apresentaram alguns números no teatro da Escola Paroquial (PESSOA, 1997, p. 56).

De acordo com (GRUYTERS, 2018), a primeira pedra foi posta em 1922, após a missa de 15 de outubro, num palanque no local da igreja. Somente nove anos mais tarde, em 19 de novembro de 1931, começaram os trabalhos, pelos alicerces. Em seguida, nova parada. A prioridade em 1932 foi a construção do Seminário Apostólico São José. Além disto, no Asilo São Vicente, deviam ser construídos banheiros e uma cozinha. No dia 15 de agosto de 1932, Mons. Barrat benzeu e inaugurou com uma missa a capela em alvenaria, de São Francisco do Xidarini³². Depois da festa de Santa Teresa, 15 de outubro de 1932, as obras da nova igreja foram retomadas, até que acabasse novamente o dinheiro. Em 12 de janeiro de 1933, toda a cidade se reuniu na praia para ver a partida do hidroavião que tinha vindo de Pedreiras na Colômbia com tripulação alemã (que ficou no seminário).

Em 31 de agosto de 1933 foram mais uma vez retomadas as obras da igreja. Nos domingos 8 e 14 de outubro daquele ano, a Dona Jandira Praia, organizou um teatro no seminário para angariar recursos para a nova igreja. Ela e o pai dela foram os festeiros

³² Xidarini, é o nome de um lago que separa uma parte da cidade de Tefé, do bairro do Abial. O nome Xidarini é um nome de origem indígena que significa “piranhas pequenas”, segundo Pessoa (2005). Em frente a esse lago ficava o Hospital da Misericórdia.

daquele ano: nunca a festa esteve tão bonita do que naquele ano. Os alicerces foram postos no fim de 1931. Em 1932, chegaram à altura das janelas. A nova igreja media (e mede) 15x45 metros. Os andaimes eram amarrados com fibras de Imbé.³³ Os tijolos e a areia eram carregados da beira até o canteiro com a ajuda de toda a população. “Panos” de ubim³⁴ protegiam os ombros. Antônio da Rocha Passos, procurador no Rio, doou as chapas de cobre para moldar as calhas. Apesar da crise econômica, a população procurava ajudar, muitos com pouco, outros com mais, para que a igreja fosse terminada. Comerciantes como Abel Rodrigues Alves e Túlio Azevedo doaram o material de construção.

Gruyters (2018), diz que, em 1934, o prefeito César Ituassu começou a fazer a praça em frente da matriz em construção. Cleto Praia e Manoel Gonçalves de Caiçara ajudavam gratuitamente com o transporte de milheiros de tijolos e telhas nas suas lanchas (Cf. Journal Tito e o Relatório sobre as obras de construção da nova igreja de Santa Thereza de Jesus em Teffé, 1934). Gruyters (2018), relata que a igreja era espaçosa, ainda mais porque faltavam muitos bancos e por enquanto, era grande demais para a cidadezinha com seus 1300 moradores, felizes em sua aparente indiferença religiosa, parecia, vista do lago, uma galinha choca de asas em concha para proteger as casas humildes em sua volta.

Em 1934, o Irmão Tito decide usar o madeirame, preparado pelo Irmão Filiberto para a igreja da Missão, como estrutura para o telhado da igreja-matriz de Tefé (Filiberto tinha se mudado para o Cruzeiro do Sul, mas contribuiu ainda com as janelas para a nova igreja). No dia 8 de junho de 1934, as tesouras são transportadas para Tefé, por Tito, com a ajuda das lanchas de Manoel Gonçalves e Antônio Valente. Em julho-agosto 1934, o telhado, ou melhor, a estrutura do telhado ficou pronta. Faltava as telhas para fechar toda a cobertura. Por enquanto, era coberto com palhas, para a festa de Santa Teresa, a missa é celebrada no templo ainda inacabado. A torre está pela metade. Em 21 de maio de 1935,

³³ O cipó-Imbé, Uso: as raízes são utilizadas na confecção de cestas, paneiros rústicos e amarrilho na construção de currais de pesca. Comentários: espécie espontânea. Habita matas primárias e secundárias de terra firme. Pode ser encontrada em lugares alagadiços próximos a cursos d'água. Emite raízes que se direcionam ao solo. Dependendo do hospedeiro, pode alcançar dezenas de metros. Fonte: OLIVEIRA, Jorge “et al”. Fibras vegetais utilizadas na pesca artesanal na microrregião do Salgado, Pará. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 2, p. 113-127, maio-ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/ScFj5tB737hVywVX7D5yNS/?lang=pt&format=pdf>

³⁴ [...]. A variedade de palmeiras destas plagas, além de alimentação que fornece, também produz a fibra que se transforma em linha, em fio, em corda, em cabo, em pano, como esse admirável tucum (*Astrocaryum* sp.) que equivale, no anfiteatro amazônico, ao linho dos povos antigos. Fonte: RESQUE, Olímpia Reis. Pindorama: terra de palmeiras.2021.Disponível em: <http://olimpiareisresque.blogspot.com/2021/03/pindorama-terra-depalmeiras.html>

chegam as janelas feitas pelo irmão Filiberto no Cruzeiro do Sul. Os vidros coloridos vieram do Rio. Aguardava-se também os ladrilhos para o piso, uma doação de J. G. de Araújo. Ele doou também um belíssimo púlpito, talhado em madeira, que foi instalado no final de novembro de 1937: é uma pena que esta peça tenha desaparecido, nem fotografia nos restou dela.

O povo via, admirado, como a nova matriz se erguia, digna, bela, acolhedora e maior do que a Sant’Ana de Coari. O resultado foi a ajuda espontânea, em doações ou trabalho, por parte de quase todos, a fim de concluir a obra.

“Ninguém poderá negar a boa vontade dos habitantes desta cidade e desta Prefeitura Apostólica de Tefé. Quem não ficará comovido ao lembrar-se de como que, no começo dos trabalhos de construção, pessoas da melhor sociedade se misturaram ao simples povo para carregar tijolos ou areia de longínqua praia ao pé da obra, de como que senhoras idosas e senhoritas elegantes, desprezando as exigências da moda, não se envergonharam de ir de pé no chão, com uma carga de tijolos na cabeça ou nos ombros, pelas ruas de nossa cidadezinha e de como que a maior parte dos meninos e meninas das várias escolas, até as tenras criancinhas que apenas sabiam caminhar, levavam um caco de tijolo ou uma cuiazinha de areia ao local da construção? Não, tanta boa vontade da quase totalidade do povo tefeense, temos a plena confiança, não pode deixar de ser abençoada por Deus, e a Divina Providência há de facilitar os meios para concluir a obra monumental empreendida em honra da gloriosa Padroeira de Tefé” (GRUYTERS, 2018, p. 5).

Em 30 de dezembro de 1932, o Irmão Rafael Haag elogiou esse espírito de cooperação, na revista da Prelazia de Tefé “O Missionário” (Figura 25):

Figura 25: Revista “O Missionário”



Fonte: Arquivo de fotos da Prelazia de Tefé

Figura 26: Pesquisa de campo, sala de Arquivo de fotos da Prelazia de Tefé, 2023.



Fonte: Arquivo Pessoal do autor

Em 1928, o Padre Donnadieu tinha despertado do seu marasmo a comissão formada por Tastevin em 1925-1926. Avante! Mãos à obra para conseguir os recursos para erguer a nova matriz! A comissão era esta: Cleto Marques Praia (presidente) / João Stephan (vice-presidente) Lourenço Façanha (1º secretário) / Alfredo Santos (2º secretário) / José Antônio (1º tesoureiro) Norberto Otony (2º tesoureiro) / Antônio Valente / Manoel Augusto da Silva Retto / Abel Rodrigues Alves / Camel Sahdo, e outros membros. As senhoras encarregadas de angariar donativos eram: Dona Josefa Brabeza Valente, Dona Soraya Stephan, Dona Chalabie Hatem, Dona Antônia Praia. As senhoritas que desprezando as exigências da moda, deviam subir em barcos e lanchas no porto para pedir a comandantes e passageiros uma contribuição, eram: Ninfa Frazão, Veridiana Frazão Rodrigues, Adalgisa Batalha, Laura Batalha, quem resistiria a tanto charme? (GRUYTERS, 2018).

Pessoa (1997), menciona também que sempre houve o apoio das irmandades e do povo em geral. O autor cita ainda outros grandes comerciantes da cidade na época, como M. Gonçalves, Hatem e Cia, J. Stephan, e M. Passos. Concordando com Gruyters (2018, p.57), o autor afirma que “os grandes mestres desta obra foram o irmão Tito como inteiro chefe, Horácio Guimarães e Horácio Rocha como mestres pedreiros. Pessoa (1997), diz que no dia 13 de outubro de 1935, começaram a chegar a Tefé: o Bispo Dom Basilio

Pereira, Bispo de Manaus; delegações das paróquias e um representante do Governador. Todos olhavam emocionados as imensas paredes. Era uma coisa nunca vista antes, que todos, consciente ou inconscientemente, ajudaram a realizar. Foi um trabalho duro, cansativo e perigoso, pela altura das Naves do templo”. Passados 13 anos de incansáveis trabalhos, Pessoa (1997), relata que no dia 10 de outubro de 1935, às 10 horas da manhã, era assentado o último tijolo no alto da Cruz que ficava no centro da Torre da igreja, pelo mestre Horácio Guimarães.

Naquele momento, o Prefeito Municipal, grande benfeitor da Obra, capitão Cleto Marques Praia mandou soltar doze bombas, para que o povo ficasse sabendo do grande e tão esperado momento, em Regozijo pela conclusão da igreja, em que todos os tefeenses tinham trabalhado diretamente. Ninguém tinha ficado de fora. Uns colaboraram com tijolos, telhas, areia, trabalho e outros com dinheiro. Era uma obra monumental feita pelo suor e ardor religioso do povo. Ao mestre Gabriel, coube a honrosa indicação de construir o Nicho, onde foi entronizada a imagem de Santa Teresa, que se encontrava na guarda do Senhor Justo Borges, no dia da consagração. (PESSOA, 1997, p. 57-58).

Para a inauguração da igreja foi usado o sino da Missão, pois os sinos encomendados por Mons. Barrat ainda não tinham chegado. Em 22 de fevereiro de 1936 chegariam três sinos: um de 800 Kg, fabricado no Rio de Janeiro, para a matriz, e dois outros de 130 Kg cada, para a Ermida de São Miguel e para a capela de São Francisco do Xidarini (Journal, Tito). O sino de 800 Kg se fez ouvir pela primeira vez no sábado santo, 11 de abril de 1936, depois de ter sido benzido por Mons. Barrat. O sino emprestado da Missão foi levado de volta para o seu lugar. No único sino que então havia na torre da nova igreja e que está lá até hoje, lê-se a seguinte epígrafe: *“Theresiae vox conscendit ad culmina coeli. Non clamor sed amor cantat in aure Dei”*. MCMXXXV Rio de Janeiro.

Além deste sino, o “Thereza”, foi içado ao alto da torre, em 1940, um outro sino, ainda mais pesado, com o nome de “Michael Archangelus”. Este exibe a seguinte epígrafe: *“Sancte Michael Archangele, Defende nos in proelio Contra nequitium et insidias Diaboli. Intactum, sileo, percute Dulce sono”* MCMXL Rio de Janeiro. O Irmão Tito se enganou quando anotou, como lugar de fundição dos sinos, São Paulo. Eles foram feitos no Rio de Janeiro. Os dois padroeiros, em uníssono, podiam assim fazer o seu chamado ao povo de Tefé. Pena que um dos sinos, não tenha ficado intacto, produzindo desde então um som deformado. O Padre Geraldo Menezes reforçou, em 2001, a plataforma e os assentos dos dois sinos, sendo o executor da obra o Sr. José Barros, funcionário da Prelazia de Tefé.

A consagração da nova igreja-matriz de Tefé foi realizada no dia 19 de outubro de 1935, um sábado, festa de São Pedro de Alcântara, contemporâneo e conselheiro de Santa Teresa D'Ávila. Nesse momento, Pessoa (1997) relata o seguinte:

No dia 19 de outubro, às 9 horas, iniciaram-se as solenidades da consagração da Catedral. Os fiéis se acomodaram em todos os Lugares da Igreja. Os seminaristas do lado do altar-mor; mais em baixo, as irmãs Franciscanas de Maria, com todas as alunas, as irmandades com seus estandartes, as escolas com seus professores e alunos e o povo aguardavam a entrada do celebrante Dom Basílio, Monsenhor Barrat e os padres da Congregação que vinham em procissão da casa do Sr. Justo para a igreja, os sinos repicavam sem cessar, a banda de música "Harmonia de Santa Cecília" tocava alegremente e o coral das belas jovens moças de Tefé, entoavam hinos à Santa Teresa, padroeira da cidade. Quando o préstito entrou na igreja estouraram as bombas, a banda continuava com a música, mas todos sentiram uma emoção tão grande que lhes apertou o coração de tanta alegria, pois eles estavam assistindo algo inédito no meio social da cidade, nunca visto antes. Porém, se celebrava um outro grande evento nesta inauguração. Monsenhor Barrat estava festejando suas bodas de Prata. O Bispo Dom Basílio ladeado por Monsenhor Barrat assistido por 15 padres, tomaram o lugar das solenidades. Irmão Rafael, que transportava um cofre com relíquias de quatro mártires, com um sinal de Dom Basílio se adiantou e colocou-se em sarcófago que ficava no centro da pedra do altar-mor. Depois com uma massa especial vedou o minúsculo túmulo onde estão até os dias de hoje. Naquele momento, o celebrante Dom Basílio, com uma espátula de metal, acompanhado dos demais, se dirigiu para as naves da Igreja vindo pelo lado direito, de uma coluna para outra, fez uma cruz, Sendo seis de um lado e seis do outro lado da igreja, lembrando os doze apóstolos, que como os missionários Espiritanos, deixaram tudo e partiram para o mundo, convertendo povos para o reino de Cristo. O coro, em agradecimentos a Deus cantou o hino de louvor a Deus "Te Deum Laudamus". Nos locais onde Dom Basílio, assinalou mais tarde foram feitas doze cruzeiros. O Bispo fez bênção com água benta e incensou toda a igreja. Ali teve lugar a primeira missa na Igreja de Santa Teresa. Já era meio dia quando começou a missa. Depois com os discursos de Monsenhor e das autoridades foi até às duas horas da Tarde. Dom Basílio, em sua homília, ocupou-se de saudar o Prefeito Apostólico que tinha dois motivos de alegria: consagração da sua Igreja e a festa das suas bodas de prata (PESSOA,1997, p. 60).

De acordo com Schaecken (1997), em 1945, a Prefeitura Apostólica de Tefé tinha apenas quatro padres, incluindo o Bispo Monsenhor Barrat, agora já com 81 anos de idade, e em 1946, com a renúncia de Monsenhor Barrat, por motivo de doença, a Prefeitura Apostólica foi entregue aos padres Espiritanos da Província Holandesa. No dia 12 de julho, saiu o Decreto da Congregação da Propagação da Fé, em Roma, nomeando Pe. Joaquim de Lange para ser o novo Prefeito Apostólico.

Por Constituição Apostólica de 11 de maio de 1950, expedida a 3 de fevereiro de 1951, o Papa Pio XII elevou, a pedido de Mons. Joaquim de Lange, a Prefeitura Apostólica de Tefé à Prelazia "Nullius" A Igreja de Santa Teresa de Tefé foi elevada à dignidade de Igreja Prelática com todos os direitos, privilégios, distinções e honores de direito, como também, com todas as obrigações de costume. A nova Prelazia, a partir dessa data, foi sufragânea da Igreja Metropolitana de Belém do Pará. Dia 26 de abril de 1952, o Osservatore Romano anuncia que Papa Pio XII nomeara Mons. Joaquim de Lange, Bispo Titular de Fotice e Prelado "Nullius" de Tefé. (SCHAEKEN, 1997, p. 47).

O novo Bispo, Dom Joaquim de Lange, chegou em Tefé no dia 2 de abril de 1947, acompanhado por quatro irmãos holandeses, e foi recebido por Mons. Barrat, autoridades e o povo em geral, que o aplaudiram na posse como novo prefeito Apostólico de Tefé, realizada no mesmo dia. Depois de uma semana, partiu Mons. Barrat, com saudades, deixando aqui o exemplo de um verdadeiro servo de Deus, a serviço do povo. Foi realmente um adeus doloroso para os tefeenses e para o incansável servo de Deus, que se afastava do local, onde, por mais de cinquenta anos, havia trabalhado com amor e dedicação. Mons. Barrat, foi o grande alicerçador da fé, em suas viagens de desobriga (que duravam meses, nos afluentes dos rios e lagos dessa região), suportou por vezes, sofrimentos, fome, intempéries e doenças, no entanto levou aos mais distantes rincões a mensagem da palavra de Deus e as luzes da educação.

Da semente lançada por Frei André da Costa, fez esse grande apóstolo a sua seara que, até hoje, dá frutos elevados. Na sua humildade, Mons. Barrat transformou-se no homem de ferro, trabalhando dia e noite, ajudado pelos outros Missionários, para não só conquistar almas para Deus, mas, colonizar essas paragens longínquas do Amazonas. Aqui empregou a sua vida, aqui gastou a sua mocidade, mas teve a satisfação de, ao deixar Tefé, ver que sua obra magnífica ia florescer nas mãos de seu sucessor, Mons. Barrat faleceu em Chevilly dia 29 de agosto de 1950 (SCHAOKEN, 1997, p. 45).

A Catedral, em particular, possui um valor histórico e cultural significativo. Segundo Vilhena (1993), a construção de templos religiosos é uma forma de expressão da cultura popular e pode representar um importante marco na história de uma comunidade. A Catedral pode ser um espaço que remonta a séculos de história, com sua arquitetura e decoração representando as influências culturais e religiosas que moldaram a comunidade local. Nesse sentido, a

Construção da Catedral de Santa Teresa, lugar de oração do povo e peregrinação anual dos paroquianos e devotos de Santa Teresa D'Ávila que a festejam até hoje com muito amor e devoção, dia 15 de outubro, depois de noites animadas de arraial com bingos, leilões, jogos e vendas de comidas, com finalidade de ajudar as obras sociais da cidade de Tefé (SCHAOKEN, 1997, p. 38).

A Catedral de Santa Tereza e sua praça, o Seminário apostólico São José, a estátua do Sagrado Coração de Jesus, dentre outros, são símbolos da religiosidade católica tefeense e os símbolos religiosos têm um papel importante na construção da identidade local. Segundo Vilhena (1993), os símbolos religiosos são uma forma de expressão da cultura popular e podem ser utilizados para construir uma identidade coletiva a partir de práticas, simbolismos e valores compartilhados por uma comunidade. Os símbolos religiosos também podem ser importantes na construção de espaços e práticas coletivas, como destaca Vilhena (1993).

A construção de templos e a realização de cerimônias e rituais podem ser formas de criar espaços de convivência e de solidariedade entre os membros de uma comunidade, além de ser uma forma de expressão da cultura e práticas coletivas que fortalecem a identidade local. Também podem ser uma forma de diferenciação e de identificação entre as comunidades locais em contextos de pluralidade cultural. Segundo Canclini (1998), em contextos de globalização e de culturas híbridas, os símbolos religiosos podem ser utilizados como uma forma de construir uma identidade coletiva distinta e de diferenciação em relação a outras comunidades. Nesse sentido, os símbolos religiosos podem ser utilizados como uma forma de construir uma identidade local forte e duradoura em contextos de pluralidade cultural.

A festa de Nossa Senhora das Candeias - A iluminação pública elétrica não existia ainda. Continuava a ser por meio de gasômetros abastecidos com carbureto ou com candeias alimentadas com banha de tartaruga, peixe-boi ou de boto tucuxi. Já se começava a usar a lamparina a querosene. Era tão grande o uso de candeias para iluminação, que a população acabou instituindo a Festa de Nossa Senhora das Candeias como protetora da população. Todos os anos, no final de dezembro, a população fazia a festa de Nossa Senhora das Candeias, em agradecimento pela ajuda recebida. No dia da Santa, fazia-se uma novena à noite e todos saíam em procissão para a praia, cada um levando uma candeia feita de argila, abastecida com banha. Na beira da praia todos acendiam suas candeias e as colocavam à margem, fazendo uma oração final com cantos de agradecimento. Com o correr dos tempos, esta tradição caiu no esquecimento e desapareceu (PESSOA, 2005, p. 79).

Esse valor simbólico é observável como por exemplo, nas imagens de Santa Tereza, de Nossa Senhora de Fátima e de outros santos, ou na estátua do Sagrado Coração de Jesus, na Cruz e seu pedestal, na Torre da Catedral e sua Cruz, na figura do Divino Espírito Santo, representado na bandeira do mastro, no terço de oração dos devotos, ou no ato de se benzer, ao passar em frente a uma igreja, e ainda à imagem da própria Catedral e sua praça, que é considerado um lugar sagrado, onde as pessoas expressam sua devoção e fé, numa simbologia fundamental para a construção da identidade socioreligiosa da comunidade, naquele espaço. Nas palavras da senhora A. Lima, o espaço construído na sua infância, nada tem a ver com a paisagem espacial de hoje, pois as famílias se conheciam, e onde havia maior interacionismo social, diz ela em seu relato.

Eu me lembro, sobre os familiares, aqui perto da praça, tinha muita casa mesmo, minha casa, inclusive era de taipa e depois já com o tempo que foi mudando pra alvenaria, então, e era muita casa de família que tinha, muita casa mesmo, e o comércio era pequeno quer dizer, havia pouco comércio. Hoje em dia não tem mais essas casas de família, você pode olhar que é tudo comércio (A. LIMA, 71 ANOS, 26/12/2022).

A festividade religiosa, ou melhor dizendo socioreligiosa, também pode ser aludida como algo simbólico, além de ser um espaço socialmente construído, o que também remonta a lembrança do senhor J. Barroso, quando diz que:

O arraial era uma culminância, era um ponto muito importante na economia, e pessoas no estado inteiro vinham pra cá como se fosse marreteiros, famílias que se programavam pra esse momento, a gente também se programava então, é o momento em que a gente podia comprar coisas mais baratas, que a gente podia passear com as famílias, por que iam todas pra procissão, e como a cidade era muito pequena tinha muitos marreteiros, e é uma chance de a gente adquirir coisas novas conhecendo as pessoas (J. BARROSO, 52 ANOS, 27/01/2023).

Dessa forma, segundo Canclini (1998), em contextos de globalização e de culturas híbridas, os símbolos religiosos podem ser utilizados como uma forma de construir uma identidade coletiva distinta e de diferenciação em relação a outras comunidades. Nesse sentido, os símbolos religiosos podem ser utilizados como uma forma de construir uma identidade local forte e duradoura em contextos de pluralidade cultural.

3.2 – O festejo de Santa Tereza D'Ávila no dia 15 de outubro

Antes de falarmos dos festejos de Santa Tereza D'Ávila, é necessário, para melhor entendimento deste tópico, conhecermos a sua biografia. Quem foi Santa Teresa D'Ávila, a padroeira do município de Tefé? No livro Santa Teresa D'Ávila - Livro da Vida, encontramos a autobiografia desta incrível mulher. Lançado pela Editora Penguin Classics - Companhia das Letras, traduzido pelo brasileiro Marcelo Musa Cavallari, o inglês John M. Cohen, declara que a autobiografia da Santa, chega a ser uma “história da entrada de uma mulher notável na vida religiosa e ao mesmo tempo uma obra-prima literária que, depois de Dom Quixote, é o clássico em prosa mais lido da Espanha” (ÁVILA, 2010, p. 09). Até por que:

Além do Livro da Vida, sua autobiografia, Santa Teresa D'Ávila, a santa espanhola, padroeira da cidade de Tefé, escreveu ainda Caminho da perfeição (1566) e a famosa obra mística, o livro Moradas do Castelo Interior, em 1577. Também escreveu o Livro das Fundações, no período de 1573 a 1582, entre poemas, cartas e outros textos literários e religiosos (CACAU, 2020, p. 10).

Teresa Sanchez de Cepeda y Ahumada, conhecida como Santa Teresa D'Ávila ou Santa Teresa de Jesus (Figura 31). Nasceu em Ávila, localizada no centro da Espanha, no dia 28 de março do ano de 1515. Era filha de Dona Beatriz de Ahumada e de Dom Alonso Sanchez de Cepeda. Depois da morte da sua mãe permaneceu em companhia de seu pai e de outros parentes. Desejava, desde a infância, dedicar a sua vida a Deus, desapegando-se do mundo e de seus prazeres (ÁVILA, 2010). Santa Teresa, segundo os estudos de

Piotr Pawrl Schewior (Padre Pedro), em “Uma breve História da Paróquia de Santa Teresa”, “[...] cultuava como passatempo as leituras acerca da vida dos mártires. Tanto a impressionaram estas leituras que nutriu o desejo de tornar-se mártir também [...]” (SCHEWIOR, 2011, p. 05).

Em sua autobiografia, ela assegura que ao ler sobre “[...] os martírios que, por Deus, as santas passavam, pareciam-me que pagavam pouco pelo ir gozar de Deus, e eu desejava muito morrer assim [...]” (ÁVILA, 2010, p. 29). Nutrindo a ideia de morrer por Deus, ela um dia fugiu, em companhia de seu irmão mais novo, no intento de irem ao encontro dos muçulmanos, que naquela época haviam invadido a Espanha. O objetivo de ambos, era cumprir, de alguma forma, um suplício de ao menos combaterem, não com armas, mas em nome de Deus, os islâmicos, mesmo que tivessem que morrer decapitados por eles, o que pra Tereza e seu irmão, já seria a maior honra que um cristão poderia ganhar nessa vida. Porém, foram encontrados por parentes e devolvidos aos pais, frustrando o ideal planejado pelos dois irmãos (ÁVILA, 2010, p. 29).

Mesmo assim, querendo entrar no convento, seu pai não lhe deu autorização, e por isso ela fugiu de casa novamente, e depois de caminhar dias, dirigiu-se ao seu objetivo mais ansiado, que era entrar para o Convento Carmelita da Encarnação de Ávila. Dessa forma, em 1535, já com vinte anos, decidiu tornar-se religiosa, percorrendo as sendas do caminho de Cristo (ÁVILA, 2010). No ano seguinte ela ficou gravemente doente, neste período, Deus começou a visitá-la em visões. Nessas conversas, Ele deu a Teresa a força, reprimiu-a por sua falta de fé e a consolou nas tribulações. Na sua autobiografia, percebe-se que Teresa sofreu muito, em sua trajetória visto que tinha desmaios constantes, e vez ou outra estava enferma. Mesmo assim, passando por muitas tribulações e provações, jamais deixou que tais obstáculos a impedissem de continuar trilhando o caminho do Mestre Jesus, o que a deixava fraca fisicamente, tornava-a forte espiritualmente (ÁVILA, 2010).

Vendo que os conventos não viviam conforme as regras carmelitas e o espírito do Evangelho Teresa em 1562, funda o convento das Carmelitas Descalças da Regra Primitiva de São José em Ávila. Carpentier (2001, p. 11), declara que a religiosa: “[...] desenvolveu um extraordinário trabalho de vitalização espiritual, reformando a ordem do Carmelo e fundando mais de uma dezena de mosteiros [...]”. Administrando a construção e a reforma de dezessete mosteiros, algo incrível para a posição de uma mulher na sua época, no ambiente de uma “Espanha, ainda submetida ao medievalismo tardio onde a mulher devia se calar[...]”. (ÁVILA, 2010, p. 06). O seu sonho de criança, veio

concretizar-se na vida adulta, relembadas nas suas brincadeiras de infância, nos jardins de sua casa, quando construía “ermidas, erguendo umas pedrinhas” (ÁVILA, 2010, p. 30).

Fez mais fundações onde homens e mulheres decidiram viver conforme a regra do Carmelo. Ao todo foram 32 mosteiros (17 femininos e 15 masculinos) por ela fundados e outros tantos reformados. Todas as ações de Tereza de Jesus, eram movidas pela precisão da oração e constante confiança em Deus, pois a “[...] necessidade sentida por quem começou a perceber a atração do amor, mas só pode sentir essa atração quem se entrega com determinação à busca de Deus” (GRUYTERS, 2007, p. 28). A reformadora teve muitos embates dentro e fora da igreja, além das dificuldades por conta de sua saúde, mais anda assim, viajava, escrevia questionava, intercedia, se arriscava (CARPHENTIER, 2001). Entretanto valia-se, em todos os momentos, do poder da oração, o que comprova que:

Os acontecimentos ocorridos na vida de Teresa foram marcados pela religiosidade, sempre envolvendo a fé. Sua autobiografia vai revelando como as visões e sua devoção aos mártires, foram fatores essenciais para que ela entrasse para o mundo da prática religiosa. Em *O Livro da Vida*, escrito por ela inicialmente em 1562 e reescrito em 1565, são descritas as tentações que Teresa D’Ávila passou ao longo dos anos e como teve sua vida transformada e como o amor divino a levou a uma vida plena de práticas religiosas. (CACAU, 2020, p. 18).

Madre Teresa de Jesus continuava sua obra religiosa, mesmo com a saúde debilitada: “[...] tinham me dado, junto com umas febres, uns grandes desmaios, pois sempre tive pouca saúde[...].” (ÁVILA, 2010, p. 38). A Madre inspiradora chegou a fundar outros Carmelos. Porém as viagens que Teresa realizava eram muito exaustivas, enquanto retornava para Ávila, após ter criado o Carmelo de Burgos ficou doente, e já idosa, ela ficou acamada, e em 4 de outubro de 1582, veio a falecer em Alba de Tormes. (CACAU, 2020). Segundo Gruyters (2007), mal soube-se da notícia de seu falecimento, “[...] um estremecimento de emoção perpassou a Castela. Quantas pessoas tinham alguma maravilha a contar! Uns falavam de cura, outros de conversões[...].” (GRUYTERS, 2007, p. 94). Devido as reformas no calendário cristão, considera-se a data de sua morte, 15 de outubro. (Reconsagração..., 2010).

Santa Tereza era e continua sendo muito conhecida e venerada em Ávila e em toda Espanha. No século XVII, o padre Jesuíta Samuel Fritz, um austríaco, a serviço da coroa espanhola, foi o responsável por introduzir, nesta região, a devoção a esta Santa. Dessa forma, Santa Tereza D’Ávila foi proclamada como a padroeira das missões por ele fundadas. Além disso, os Carmelitas que vieram depois de Samuel Fritz, tinham também

imensa devoção à reformadora do Carmelo. Tudo isso contribuiu para que a grande devoção a esta santa só se expandisse em nossa região, em especial em Tefé (O grande...,2009). Pela Carta Régia de 21 de dezembro de 1686, o rei de Portugal Dom João VI, instituiu o Regimento das Missões, cujos administradores eram os missionários Jesuítas e Carmelitas. Este sistema administrativo vigorou até 1857, quando foi extinto e foi então introduzido o novo Diretório que regulamentava os trabalhos da igreja.

A Missão de Santa Teresa D'Ávila de Tefé, que já contava com 495 habitantes, sendo 36 brancos, 10 escravos e 449 indígenas, foi elevada a categoria de Vila, ao mesmo tempo foi criado o município de Ega. Em consequência dessa Lei, foi criada a paróquia de Santa Teresa D'Ávila, em 1759 (PESSOA, 2005, p.26).

Figura 27: Tereza Sanchez de Cepeda Y Ahumada, conhecida como Santa Tereza D'Ávila, ou Santa Tereza de Jesus



Fonte: Arquivo da Prelazia de Tefé

Atualmente, no município de Tefé, localizado no Estado do Amazonas, na região Norte do Brasil, ocorrem uma diversidade de eventos festivos. Dentre as festividades municipais, mais destacadas, em que há maior participação popular, estão: o Aniversário da Cidade no dia 15 de junho, a Festa da Castanha (sem uma data fixa), e os festejos em honra a Santa Teresa D'Ávila, a Padroeira de Tefé, que ocorrem no mês de outubro. Na monografia intitulada Santa Teresa: um breve estudo sobre a Hagiologia e a devoção à padroeira de Tefé. A autora Renara Auanário Cacau, afirma o seguinte:

Sobre os festejos dedicados aos santos, na região Amazônica, o evento popular constitui uma prática religiosa que mescla, muitas vezes, o sagrado e o profano. Contudo, é uma manifestação cultural que, desde os escritos de Henry Bates (1825-1892), em conformidade com o historiador Ribeiro (1999, p.97), já cita em documentos de 26 de março de 1850, os festejos em honra à padroeira Santa

Teresa, onde “a maior parte da população comparece, todos vestidos com roupas limpas e festivas” (CACAU, 2020, p.18).

Das ordens religiosas que atuavam em toda a região Amazônica, (que foram os Mercedários, Capuchinhos, Franciscanos, Jesuítas, Carmelitas e Espiritanos), a presença dos religiosos do Carmelo na região da recém-criada paróquia, se fez mais forte e mais constante, o que denota a existência de um trabalho de catequese mais atuante, sobre os habitantes da região do Médio Solimões, em especial, na Missão de Santa Tereza D’Ávila dos Tupebas (atual Tefé), que em 1759 foi elevada à categoria de Vila, com o nome Lusitano de “Vila de Ega”, e conseqüentemente a criação da paróquia, sob a liderança Carmelita. E “[...] isto não somente no momento colonial, mas também no período do Brasil Imperial e Republicano. ” (TELES, 2013, p.54). Não obstante, “de fato, este processo acabou por desmontar os elementos fundamentais da organização social e cultural dos povos locais, impondo uma nova concepção de tempo, de trabalho e de culto alinhado a fé católica” (TELES, 2013, p. 54). Assim, as práticas religiosas, a fé e o culto aos santos, quer fossem oriundas dos Jesuítas, Carmelitas ou Espiritanos (que mais se destacaram em solo tefeense), cresceram, frutificaram e ficaram impregnadas como herança religiosa, tradicional e cultural, no povo de Tefé, e em especial o culto em homenagem a Santa Tereza D’Ávila.

Assim, percebemos que a Festa em homenagem a Santa Tereza D’Ávila em território tefeense, já transcorrem mais de um século e meio, de acordo com Cacau (2020), e ainda, conforme Loureiro (2019, p.16), “estas festas religiosas populares têm o papel de renovar, geralmente por meio do pagamento de promessas, os votos de devoção e agradecimento dos fiéis, indivíduos ou comunidades, para seus santos benfeitores”. Podemos constatar então, que os Festejos de Santa Teresa, realizados em outubro, todos os anos, com sua culminância no dia 15 do mesmo mês, é um hábito, uma prática, uma ação religiosa costumeira, que está intimamente ligada aos aspectos culturais do povo tefeense, oriundos da antiga Ega.

Até o ano de 2010, comemorava-se os festejos da padroeira da cidade, iniciando no dia primeiro do mês de outubro e terminava no dia 15, com uma procissão, que saía da igreja de Nossa Senhora de Fátima (hoje, Capelania Militar, situada na estrada do aeroporto, próximo à 16ª Brigada de Infantaria de Selva), e percorria o itinerário de algumas ruas da cidade, terminando com a celebração de uma missa, na Catedral de Santa Tereza, os festejos duravam ao todo quinze dias (SCHAEKEN, 2004).

Atualmente, essa festividade católica ocorre entre os dias 06 a 15 de outubro. Essa mudança deu-se devido a alguns fatores, como por exemplo, a incompatibilidade de datas festivas no mesmo mês, ou seja, dos festejos de São Francisco (que são realizados anualmente na comunidade do bairro de São Francisco, em Tefé), e que terminava nos primeiros dias do mês de outubro, coincidindo com o início das celebrações da Festa de Santa Tereza, o que na visão do então bispo da Prelazia, Dom Sérgio Eduardo Castriani, causava uma diminuição de público no festejo da comunidade citada, prejudicando-a indiretamente. Assim, em reunião do bispo com a coordenação da paróquia, ficou acordado que a data do início das festividades do arraial de Santa Tereza, seriam transferidas do dia primeiro, iniciando no dia 06 até o dia 15 de outubro, com uma duração de nove noites. (SCHWAMBORN, 2013).

Outro fator, segundo Schwamborn (2013), foi a rivalidade comercial entre os mercadores locais e os vendedores ambulantes, vindos de fora do município, e até de outros estados do Nordeste, como da Paraíba, Pernambuco e Fortaleza, os chamados “marreteiros”, que traziam várias novidades em brinquedos, confecções, bijuterias e outros artigos variados e interessantes que não se via por aqui no comércio local. Pois os primeiros viam-se prejudicados economicamente, uma vez que o espaço loteado (vendido), em torno da Catedral, ou seja, no entorno da praça, tradicionalmente, já se disponibilizava para os marreteiros, acirrando uma concorrência por espaço de vendas. O que também contribuiu para uma mudança de datas, a fim de equilibrar e incentivar as vendas de ambos os lados.

Porém, a alteração das datas, fez com que a frequência dos marreteiros no festejo, fosse diminuindo gradativamente (uma vez que eles já vinham de outros festejos de cidades próximas de Tefé, cumprindo um ritmo que foi interrompido por essa mudança brusca), a ponto de hoje não os vermos mais no festejo de outubro, como antigamente. (SCHWAMBORN, 2013). Nas chamadas noitadas dos Festejos de Santa Teresa, acontecem várias atrações, bingos, leilões, atividades artísticas, culturais, vendas de comidas, bebidas, muitas músicas no alto da igreja, enfim, ocorrem várias apresentações e espetáculos, que atraem um grande público interno e externo.

No transcorrer dos dias da festa da padroeira, o turismo fica mais acirrado na cidade, com uma movimentação grande de pessoas vindas de fora, quer dizer, de outras cidades, e até de outros estados do Brasil, além de devotos que também chegam de outras localidades para pagarem promessas, ou simplesmente participarem do festejo em homenagem a santa (CACAU, 2020). Podemos concluir então, que este evento faustoso,

é uma manifestação humana e um fenômeno cultural/religioso e concomitantemente de consumo, pois nesse período os munícipes dos bairros periféricos também aproveitam a ocasião para colocarem seus produtos a venda, que vão desde comidas típicas até artesanatos, *souvenirs* e blusas com estampas da imagem da padroeira.

Sendo assim, a celebração do festejo de Santa Tereza, tem uma importância singular na cultura tefeense, a ponto de projetar o nome da cidade de Tefé a nível local, regional, nacional e por que não dizer, a nível mundial também, uma vez que, atualmente, ela é transmitida nas redes sociais católicas pela internet, através da Rádio Educação Rural de Tefé. (SCHWAMBORN, 2013, p. 65).

Porém, a gestão pública e a Igreja Católica têm um papel fundamental na preservação das tradições e da memória coletiva da religiosidade popular em Tefé e em especial à Festa da padroeira da cidade, pela sua importância histórica, tradicional e cultural (TELLES, 2010, p. 126), destaca o valor da gestão do patrimônio cultural para a preservação das tradições e memórias coletivas, garantindo que esses elementos fundamentais da identidade coletiva da comunidade sejam transmitidos para as futuras gerações. Já Vilhena (1993, p. 67) destaca a relevância da atuação da Igreja Católica na promoção e valorização das manifestações culturais e religiosas locais, incentivando a participação ativa da comunidade nas celebrações e festividades religiosas.

3.3- Um espaço social e várias transformações: aspectos históricos

A história da fundação do município de Tefé, entrelaça-se com a história da evangelização católica iniciada nessa região Amazônica desde os idos de 1650 (JOBIM, 1937; SOUZA, 1983; SCHAEKEN, 1997; PESSOA, 2005; QUEIROZ, 2015). Os jesuítas espanhóis foram os pioneiros nessa empreitada, quando passaram por essa região catequisando em nome da coroa espanhola, entre 1683 a 1723, o padre Jesuíta Samuel Fritz, um austríaco a serviço da Espanha, iniciou os trabalhos catequéticos no Alto e Médio Solimões. Segundo os autores citados, ele vinha fundando Missões e aldeando os indígenas, ao longo do Rio Tefé. Foi assim que em 1688, fundou a Missão de santa Tereza D'Ávila dos Axiuaris, no lugar chamado pelos nativos de Tambaqui-Paratu, que significa “prato de Tambaqui”, esse lugar é hoje conhecido como a comunidade de Vila Valente. Ou seja, quando foi efetivamente fundada a Paróquia de Santa Tereza, em 1759, a evangelização já havia acontecido bem antes.

Dentre os vários embates Luso-espanhóis que ocorreram na disputa dessa região, o mais atroz deles, se deu entre 1708 e 1709, quando foram várias Missões destruídas ao

longo dos rios, e entre estas, a Missão de Santa Tereza D'Ávila dos Axiuaris, que havia sido fundada por Samuel Fritz. Com isso os espanhóis foram expulsos, e os portugueses se apossaram desse território. Um Carmelita português, um padre, chamado Frei André da Costa reuniu, em 1912, os índios sobreviventes desse conflito, na ilha de Suiassutuba, um lugar conhecido hoje como “ilha do mari-mari”, que fica próximo ao município de Uarini. Porém esse lugar, era um lugar de várzea, ou seja, era alagável no tempo da cheia dos rios, e migrou dessa localidade juntamente com os indígenas, descendo o rio até a antiga Missão de Santa Tereza D'Ávila dos Axiuaris, que agora estava destruída também pelos combates entre portugueses e espanhóis.

Contudo, na visão do padre, o local era muito exposto e não oferecia a segurança necessária para que ali se estabelecesse uma nova Missão religiosa. Seis anos depois, mais uma vez o sacerdote mudou-se com seus neófitos³⁵. Subindo o rio, aportou em um lugar que lhe pareceu estrategicamente seguro e geograficamente privilegiado, onde encontrou índios Tupebas³⁶, os quais o acolheram com amizade, e assim, instalou-se nesse lugar que ele próprio denominou de Missão de Santa Tereza D'Ávila dos Tupebas, sendo este, o primeiro nome da cidade de Tefé, e tendo Frei André da costa como seu fundador. Era o dia 15 de outubro do ano de 1718 e o nome da Missão foi dado em homenagem à Santa Tereza D'Ávila por dois motivos: o primeiro é que neste dia comemorava-se o dia de Santa Tereza, e o outro, pelo fato do missionário carmelita Frei André da Costa, ser um fiel devoto da santa reformadora do Carmelo (JOBIM, 1937; SOUZA, 1983; PESSOA, 2005).

A posse do Alto e Médio Solimões pelos portugueses, estava praticamente garantida com a fundação da Missão de Santa Tereza D'Ávila dos Tupebas, nesta região Amazônica, uma vez que este lugar tornou-se referência estratégica, política e econômica durante todo o período colonial (QUEIROZ, 2015). O alicerce lusitano, deu-se com a fundação desta Missão, porém alguns embates políticos e territoriais ainda continuaram por algum tempo entre as duas nações, indo encerrar-se de vez apenas em 1750, quando ambas assinaram um documento que ficou conhecido como Tratado de Madri.

Em 1686, através de uma Carta Régia o rei Português Dom João VI, instituiu o Regimento das Missões, uma parceria entre a Igreja e o Estado, no qual os

35 Recém – batizados. (PESSOA, 2005).

36 “Desde o começo de vida da Missão, os índios chamavam, ora Tapi, ora Tepé, apocopando a palavra Tupebas. Do nome deste valoroso povo, hoje desaparecido, vieram as variações Tapi, Tepé, Tephé, Teffé, e finalmente Tefé, consagrado e conservado pelo povo tefeense, como símbolo de luta, persistência, tenacidade e vontade de vencer.” 22(PESSOA, 2005, p.26).

administradores deveriam ser os missionários carmelitas e jesuítas. No entanto, em 1757, este sistema administrativo foi extinto e um outro sistema de administração foi introduzido, chamado de Diretório dos Índios. Este Diretório, confirmava disposições das Cartas Régias anteriores, e estabelecia novas determinações que regulamentava a vida nas missões portuguesas, com as seguintes ordenanças:

“Fica extinto o poder temporal dos missionários, que serão substituídos por autoridades civis; Os missionários se ocuparão apenas da catequese e a assistência religiosa entre os índios e demais moradores; As missões, povoados e aldeias serão administrados por um Diretório composto de um diretor, um chefe dos índios, dois juizes, conselheiros e suplentes;[...] Um povoado para ser elevado à categoria de Vila, é necessário que tenha uma população de, no mínimo, 150 habitantes;[...] Os sobrenomes indígenas terão que ser mudados para português;[...] O uso da língua portuguesa é obrigatória entre a população, não sendo permitido o uso da língua Tupi; Os modelos das casas terão que ser segundo o estilo português; Ficam estimulados os casamentos entre índios e brancos;[...] Ficam os índios obrigados a vestir roupas conforme o estilo português;[...] (PESSOA, 2005, p. 25-26).

Com esta nova regulamentação, a Missão de Santa Teresa D’Ávila de Tefé, que já tinha muito mais do que 150 habitantes, foi elevada à categoria de Vila e teve o nome alterado pelo governo português, que a nomeou de Vila de Ega³⁷, “em consequência dessa Lei, foi criada a paróquia de Santa Teresa D’Ávila, em 1759 ” (PESSOA, 2005, p. 26).

Na cidade de Ávila, Espanha, a reformadora do Carmelo, Santa Teresa, até hoje, além de ser muito conhecida é também bastante venerada e cultuada. Não foi à toa que os primeiros missionários jesuítas que passaram por esta região Amazônica, a serviço da coroa espanhola, como o padre Samuel Fritz, tinham imensa devoção religiosa por ela, fundando missões com o nome da santa. E de igual modo, seus sucessores carmelitas portugueses, como o missionário Frei André da Costa, a ponto de proclama-la como a padroeira das Missão por ele fundada. Toda essa trajetória histórica-devocional a Santa Tereza D’Ávila, contribuiu de forma sedimentar na cultura religiosa do povo tefeense, principalmente anos mais tarde, com a chegada dos padres Espiritanos que também a cultuavam, consolidando ainda mais entre os munícipes tefeenses, o título de Padroeira da cidade de Tefé.

De acordo com as pesquisas no Tombo de Livros, nos arquivos da Prelazia de Tefé³⁸, situado no prédio da Rádio Educação Rural de Tefé, acerca do histórico das

37 Em homenagem a cidade portuguesa de Ega, que fica em um condado daquele país (PESSOA, 2005)

38 O grande Jubileu da Fundação da paróquia de Santa Tereza: 250 anos. Tefé: Paróquia de santa Tereza, 2009. [Folder].

A Reforma Da Catedral de Santa Tereza 2008-2010: centenário da prelazia de Tefé (1910-2010) - início das celebrações da preparação para os 500 anos do nascimento de Santa Tereza. Tefé: Paróquia de Santa Tereza, 2010. [Folder].

primeiras igrejas católicas surgidas na Paróquia e na Prelazia de Tefé, inclusive da origem da Catedral, encontramos os seguintes registros: A primeira igreja foi construída pelo missionário carmelita Frei André da Costa, considerado como fundador da cidade de Tefé. Devia ser uma choça (choupana), coberta de palha de ubim (que é um tipo de palha que foi muito utilizada no passado, pelos antigos habitantes de Tefé, para construir suas moradias), com uma grande cruz na frente. A segunda Igreja foi construída, na frente da Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas pelo missionário carmelita frei José de Santa Teresa Ribeiro.

A Igreja ficava na rua que seguia a margem do Lago de Tefé, na frente da atual Agência da Capitania dos Portos. Era uma igreja construída de taipa (Taipa é um método construtivo vernacular que consiste no uso do barro e da madeira para criar moradias). Atrás desta igreja foi construído o cemitério que foi transferido para o lugar em que se encontra atualmente (Catedral da Saudade).

Por volta de 1870, o padre Luiz Gonçalves de Souza, com o apoio das autoridades do município e da Província do Amazonas construiu a terceira igreja em homenagem a Santa Teresa. Era uma Igreja feita de taipa com tabatinga e leite de sorva. Esta igreja foi construída onde atualmente se encontra a Catedral de Santa Teresa. Com passar do tempo a igreja foi se desgastando e em março de 1905, a igreja desabou sob um forte temporal. Por isso, as atividades religiosas eram realizadas na casa do vigário.

A partir de 1875 vieram para o Médio Solimões muitos imigrantes para extrair borracha nos rios Tefé, Juruá e Japurá. Entre os imigrantes estavam os baianos coronel Hermelindo Contreiras de Oliveira, com sua esposa Dona Maria Contreiras. Durante a viagem para Tefé sofreram um acidente que quase causou o naufrágio do navio. Diante disto, Dona Maria fez a promessa a Bom Jesus dos Navegantes pedindo proteção para chegarem a Tefé e para honrar seu compromisso prometeu a construção de uma igreja em homenagem a Bom Jesus dos Navegantes. O lugar escolhido para construção da igreja foi onde hoje funciona a Capitania dos Portos. A obra foi iniciada, porém não foi concluída.

O padre Affonso Donnadieu, ao assumir a Paróquia de Santa Teresa em 1907, decidiu ampliar e terminar a capela para que pudesse servir como matriz da Paróquia de Santa Teresa. Depois da reforma, a capela passou a ser a igreja paroquial até 1935 (Figura 28), ano da conclusão das obras da construção da atual Igreja Matriz de Santa Teresa.

Reconsagração da Catedral de Santa Teresa: começo da comemoração dos 500 anos de nascimento de Santa Teresa de Ávila. Tefé: Paróquia de Santa Tereza, 2010. [Folder].

Figura 27: Capela de Bom Jesus dos Navegantes, 1935



Fonte: Arquivo da Prelazia de Tefé

Monsenhor Barrat aproveitou a disponibilidade das autoridades e pediu cimento, areia e outros materiais para construir uma igreja grande com o material duradouro. As irmandades paroquiais ficaram responsáveis pela organização de quermesses para angariar os recursos.

Em Manaus, Monsenhor Barrat conseguiu dois valiosos engenheiros que sem remuneração alguma, se colocaram à disposição: doutor Aluísio Araújo, engenheiro-arquiteto e doutor Antônio de Mattos Granjeiro, engenheiro-agrimensor. Para a construção, Monsenhor Barrat contou com os melhores mestres de obra: irmão Raphael Haag - técnico da construção da Prefeitura Apostólica; Horácio Guimarães e Horácio

Rocha - mestres de obra; irmão Tito Kuster - mestre marceneiro e Paulo Pantoja - mestre carpinteiro. Além destes tinham outros auxiliares. No dia 15 de outubro de 1922, durante a Missa campal, monsenhor Barrat, fez a bênção da primeira pedra da nova igreja. Devido à falta de recursos a obra começou somente no final de 1931 e foi concluída em outubro de 1935. O povo inteiro da cidade envolveu-se carregando o material e realizando os serviços simples. Assim podemos dizer que a construção da matriz de Santa Teresa foi uma obra da cidade inteira. Nos últimos anos foram realizados vários trabalhos de manutenção e conservação da Catedral como a reforma da fachada da torre em 1985 (Pe. Antônio Jansen), colocação de "sapatas" e reforço da estrutura da torre (Pe. Geraldo).

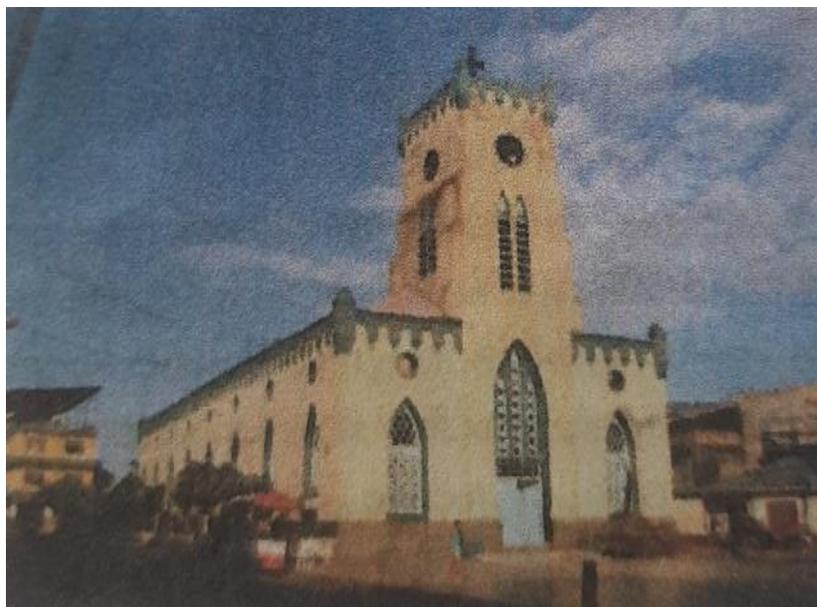
Para realizar a reforma geral da catedral o pároco Pe. Pedro Schewior constituiu a Comissão da Reforma da Catedral. Em 02/08/2007 aconteceu a primeira reunião dos componentes da Comissão da Reforma da Catedral com Dom Sérgio. Os componentes da equipe eram: Nelson Cabral de Vasconcelos (comerciante), Francisco Eduardo Freitas de Amorim (professor), José Barros de Lima Filho (Mestre de obra da Prelazia), Sra. Anildes Braga Roberto (dona de Hotel), Sidônio Gonçalves da Silva (prefeito municipal de Tefé), Carlos José de Sá Ferreira (secretário do Meio Ambiente), Lourival Almeida da Silva (comerciante), Evaldino Frazão Itapiranema Jarí (Coordenador do CPP), Pe. Pedro Schewior (pároco).

Durante a primeira reunião foi decidido substituir a estrutura de madeira por estrutura metálica e colocar a telha de barro. Antes do início das obras foram promovidos dois grandes bingos para angariar os fundos. Além disso, todo o lucro da festa de Santa Teresa de 2007, foi destinado para dar o pontapé ao início da reforma. O governo do estado do Amazonas também contribuiu com uma doação financeira. As festas de 2008 e 2009 também foram destinadas a reforma da Catedral (Figura 29). Surgiu o livro de ouro onde foram assinadas 1456 doações.

A reforma do telhado começou 16 de julho de 2008 e terminou no dia 27 de novembro de 2008. Depois foi colocado o novo piso, cerâmica e reboco da igreja por fora e por dentro e pintura. Esta etapa terminou em setembro de 2009. No dia 05 de agosto de 2010, foi realizado o 3º bingo para angariar os fundos para a conclusão das obras (Figura 30). Os organizadores dos três bingos foram ajudados por várias pessoas da cidade e apoiados por muitos comerciantes e entidades para conseguir os prêmios. Pode-se dizer que assim como a construção da Matriz de Santa Teresa foi obra do povo, da mesma forma a reforma da Catedral foi possível graças a envolvimento da população, comércio, prefeitura e do exército. Foi obra do povo. *“Estamos gratos a Deus porque durante esta*

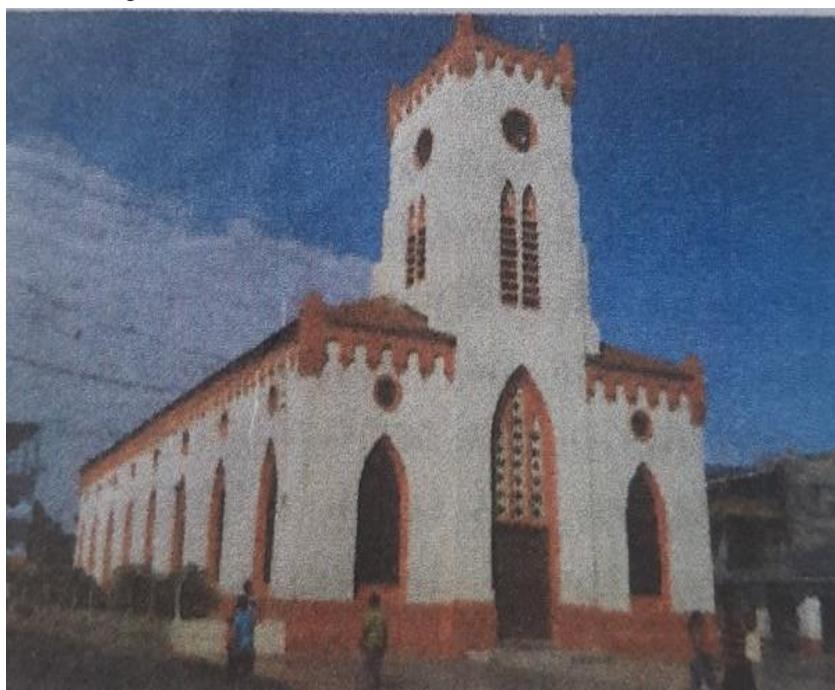
reforma e realização dos trabalhos tão perigosos ninguém foi acidentado ou machucado”, mensagem de Dom Sergio Eduardo Castriani, Bispo da Prelazia de Tefé, em 2010.

Figura 28: Reforma da Catedral – julho/2008 – julho/2009.



Fonte: Arquivo da Prelazia de Tefé

Figura 29: Conclusão da reforma da Catedral em 2010.

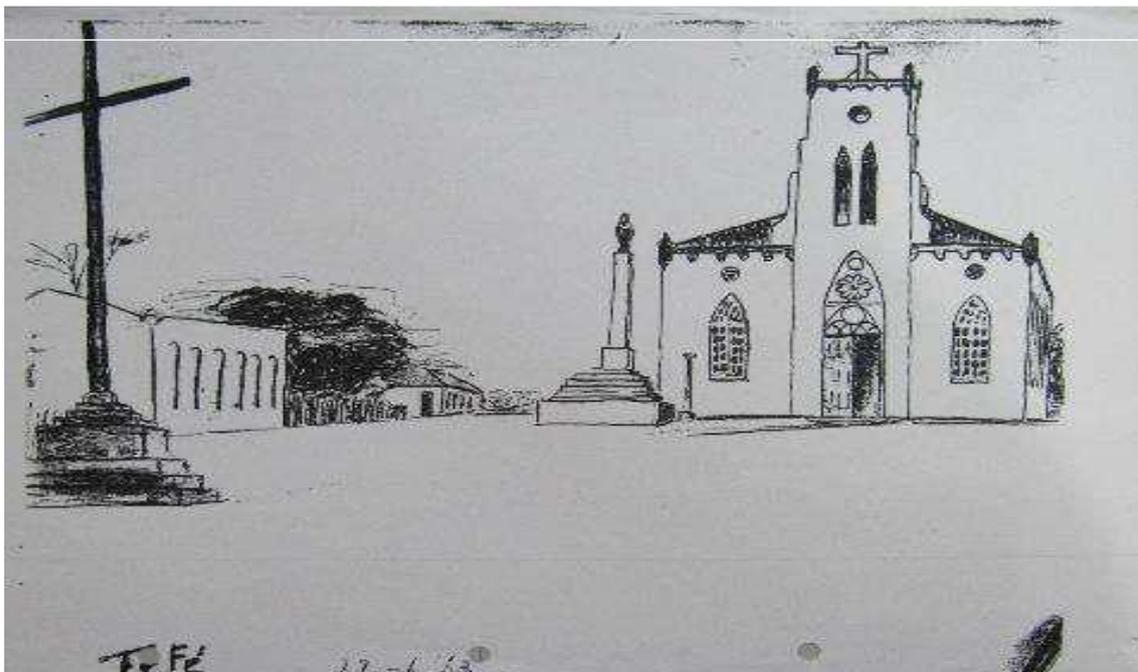


Fonte: Arquivo da Prelazia de Tefé

De acordo com Gruyters (2018), em 1934, o prefeito César Ituassu começou a fazer a praça em frente da matriz em construção. Cleto Praia e Manoel Gonçalves de Caiçara ajudavam gratuitamente com o transporte de milheiros de tijolos e telhas nas suas

lanchas (Cf. Journal Tito e o Relatório sobre as obras de construção da nova igreja de Santa Thereza de Jesus em Teffé, 1934). Era um espaço simples, com um pequeno pedaço em alvenaria, o chão de terra batida, e uma graminha rasteira, mas confortável para uma cidadezinha do interior, porém a primeira ornamentação acrescentada a esta praça, foi a estátua do Sagrado Coração de Jesus (Figura 69) que foi posta em um pedestal de concreto, que veio embelezar ainda mais a paisagem do lugar. No dia 7 de setembro de 1939, sob a administração do prefeito Cleto Marques Praia, a imagem³⁹ foi transferida para a Praça de Santa Teresa, em frente à Matriz⁴⁰. Na década de 60, foi posto uma Cruz em frente à igreja, mais distante da imagem do Sagrado Coração de Jesus. Como se vê também, na (Figura 31), “ao final da igreja, no local onde é a Praça da Matriz, ergueu-se uma cruz, onde os fiéis acendiam velas e faziam suas preces” (FERNANDO, 2021, p. 79).

Figura 30: Gravura de 1963, da estátua do Sagrado Coração de Jesus e da Catedral de Santa Tereza.



Fonte: Acervo do Pe. Antonio Gruyters – Arquivo da Prelazia de Tefé, 2023.

Em 1985, por ocasião da celebração do quinquagésimo aniversário da catedral, a praça foi remodelada, sob supervisão do pároco, Padre Antônio Jansen. Na reforma de

39 Essa estátua, ficava anteriormente em frente ao Seminário Apostólico São José, num ponto da antiga praça municipal João Crisóstomo (PESSOA, 2005). Hoje, possui outro nome, chama-se Praça do empreendedor.

40 “A Catedral de Santa Tereza D’ávila, popularmente conhecida em Tefé por Igreja da Matriz é um dos principais símbolos físicos da atuação da Igreja Católica na constituição do espaço da cidade e na formação de seus cidadãos.” Fonte: (FERNANDO, 2020, p. 77-78)

2011, a área da praça também foi ampliada, agora toda em alvenaria, e com um coreto no meio dela, além disso, ganhou um novo design. Até 2009, a área da praça da Catedral de Santa Tereza, possuía duas grandes árvores que ficavam no meio dela, em frente à igreja, e no seu entorno haviam alguns arvoredos também. Porém com as modificações feitas a partir de então, a paisagem da praça mudou radicalmente, até porque, ela ganhou um espaço mais aberto e mais amplo, ficando, portanto, com um aspecto mais concreto e menos natural, devido a retirada das árvores. (Figuras 32 e 33).

Figura 31: A Catedral e sua praça em 2009, antes das reformas, com as árvores em meio à paisagem



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 32: A praça da Catedral de Santa Tereza, após a reforma e retirada das árvores.



Fonte: (FERNANDO, 2021, p. 81).

Um outro símbolo religioso, considerado sagrado, e que chama muito a atenção de visitantes quando passam pelo município, é a estátua da imagem do Sagrado Coração de Jesus, localizada na Praça de Santa Tereza. Por ser um dos elementos simbólicos da religiosidade popular tefeense católica, representa também a memória de um lugar, de um espaço construído, de uma história alicerçada ao longo do tempo nas tradições e na vivência dos indivíduos que a tem como um sinal de pertencimento a este chão, a esta terra, ou melhor dizendo, que o identifica. Segundo Gruyters (2018), esta imagem do Sagrado Coração de Jesus veio da França, em 1908, doada pela família do irmão Espiritano, Emmanuel Dillenseger, francês da Alsácia, que havia se retirado da Missão de Tefé para a França, para tratar da saúde.

A inauguração aconteceu no dia 2 de fevereiro de 1911, no Jardim Público, ao lado do Mercado Municipal de Tefé. “Mal a estátua havia recebido o seu lugar no jardim público, e eis que se levantaram os inimigos do Reino Social de Cristo. Mons. Barrat se viu obrigado a protestar veementemente, no dia 8 de setembro de 1911” (livro de Tombo, 1894-1933, p. 39). Assim, “contra projeto da Câmara municipal, de remover da coluna da Praça pública dessa cidade, a estátua do Coração de Jesus, ali posta pelos esforços do Reverendo Pe. Afonso Donnadiu” (livro de Tombo, 1894-1933, p. 40). De acordo com Pessoa (2005),

Monsenhor Barrat ficou sabendo que a Intendência ia mandar retirar a estátua do Sagrado Coração de Jesus, que se achava colocada no centro do jardim, em uma coluna de cimento. Por isso, compareceu a uma reunião dos Intendentes e protestou energicamente dizendo que a estátua estava ali há muitos anos e que além de embelezar a cidade, era um monumento cristão do filho de Deus: Jesus. A estátua não foi retirada, mas a coluna foi demolida porque estava preste a ruir. Na entrada do jardim foi feito um arco de cimento onde foi colocada. Só foi retirada dali pelo prefeito Cleto Marques Praia [...] que a levou para a Praça Santa Tereza, onde permanece atualmente (PESSOA, 2005, p. 77).

A missa campal de inauguração do arco com nicho aconteceu em 27 de junho de 1930. No dia 7 de setembro de 1939, sob a administração do prefeito Cleto Marques Praia, a imagem foi transferida para a Praça de Santa Teresa, em frente à matriz (Figura 34). Como dito, anteriormente, no ano de 1985, por ocasião da celebração do quinquagésimo aniversário da catedral, a praça foi remodelada e a estátua foi colocada sobre um novo pedestal, mais abaixo na praça (Figura 35).

Figura 33: Pedestal da estátua com a imagem do Sagrado Coração de Jesus na Praça da Matriz em 1940.



Fonte: (PESSOA, 2005, p. 77).

Figura 34: Pedestal da estátua remodelada em 1985.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2009.

Em 1985, a praça ainda tinha o formato de sua primeira construção original, um pouco mais ampliada, mas com o ar de cidadezinha pacata, como era no início da sua feitura em 1934, porém sem a graminha rasteira. No entanto, em 2011, o prefeito municipal Jucimar Veloso (o “Papi”) reformou a praça, em diálogo com o bispo Dom Sérgio retirou o pedestal com a imagem, fato que originou inquietação entre as devotas (e devotos), “a imagem foi colocada no meio do cruzeiro de 1985, na ponta inferior da praça, conforme a (Figura 36), ou dito melhor: na proa⁴¹ (GRUYTERS,2018, p. 198-199).

Figura 35: O Sagrado Coração de Jesus. em iunção com a Cruz. com novo design. a partir de



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2023.

Segundo Telles (2010, p. 127), "a preservação do patrimônio cultural religioso muitas vezes esbarra em questões políticas e econômicas, que nem sempre são favoráveis à sua manutenção e valorização". Além disso, a falta de recursos e investimentos por parte do poder público pode dificultar a manutenção e preservação desses espaços públicos. Diante desses desafios, é necessário que haja um esforço conjunto da comunidade local,

41 Proa -Parte da frente de uma embarcação de pequeno porte, chamada de canoa.

do poder público e da Igreja Católica para valorizar e preservar a religiosidade popular em Tefé e a utilização da Catedral de Santa Tereza e sua Praça. É importante promover a participação ativa da comunidade na gestão e manutenção desses espaços, valorizar a diversidade cultural e religiosa da região, e investir em recursos e infraestrutura para garantir a manutenção e preservação desses espaços públicos.

Além disso, a análise socioespacial da Praça da Catedral de Santa Tereza também envolve a compreensão da sua história e das suas transformações ao longo do tempo. De acordo com Jacques Le Goff em "História e Memória", a história de um espaço público está intimamente ligada à sua memória e à sua identidade cultural, que se refletem na sua arquitetura, nos monumentos e nas práticas culturais que ocorrem nele (LE GOFF, 2003, p. 434). Nesse sentido, a Praça da Catedral de Santa Tereza, se configura como um

Local de encontro, convívio, festividades e outras atividades [...] tornando o espaço da Matriz importante não apenas pela beleza física, mas também pelo seu significado, carregando o sentido religioso e social[...] Assim, [...] a Igreja Matriz [...], tornou-se a área de maior prestígio para a população [...], juntamente com o espaço que se configurou ao seu redor, hoje conhecido como Praça da Matriz, que dispõe de aproximadamente 99,24m de comprimento e uma área de 1,448m² em sua área frontal (FERNANDO, 2021, p. 80).

Por fim, a relação entre a cidade e o patrimônio pode ter um papel importante na construção da identidade local. Fernando (2021), destaca que a cidade é um espaço onde as tradições e a história se encontram com as transformações e inovações. Nesse sentido, a preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural pode ser uma forma de construir uma identidade local mais forte e duradoura, capaz de resistir às mudanças sociais e econômicas. A Catedral e sua Praça, podem ser elementos simbólicos importantes nesse processo, como elementos essenciais, na construção da identidade do povo tefeense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Catedral de Santa Tereza e sua Praça, são exemplos da importância da preservação do patrimônio cultural religioso para a valorização da cultura local. Sua arquitetura e decoração representam as influências culturais e religiosas que moldaram a história e a identidade da cidade de Tefé. Além disso, a praça da Catedral é um espaço de convivência e sociabilidade onde são realizadas festas e eventos que representam a cultura e a identidade tefeense.

Esses lugares, bem como seus espaços, mostram como a religião pode ser um elemento essencial como forma de expressão da cultura popular e, portanto, um elo importante na manutenção e preservação de um patrimônio cultural material e imaterial. Dessa forma, é importante que haja um diálogo constante entre os diferentes atores envolvidos, como a comunidade local, os gestores públicos, os pesquisadores, as universidades e os agentes culturais, para garantir a preservação e valorização desses patrimônios culturais locais.

Além disso, é importante que sejam desenvolvidas estratégias de inclusão social e cultural que possibilitem a participação ampla da população local na preservação e valorização da memória histórica desses lugares. Por sua vez, a valorização da cultura local não deve se limitar à preservação de bens materiais e imateriais, mas deve também garantir a participação ativa e democrática da população local, pois é fundamental que cada cidadão compreenda o valor da preservação do patrimônio cultural e da memória histórica, e se sinta parte ativa desse processo.

Assim, essas ações devem ter uma dinâmica de continuidade, integrada com as políticas públicas de cultura, educação e turismo, visando a preservação da memória histórica e patrimonial. Nesse sentido, é necessário que sejam desenvolvidos também programas educativos, atividades culturais e projetos de turismo sustentável.

Desse modo, a promoção de ações efetivas que possibilitem a conservação dos patrimônios culturais, estarão garantindo o acesso, e a sua transmissão às novas gerações. A participação ativa e democrática da população local é fundamental nesse processo, garantindo que as ações desenvolvidas atendam às necessidades e interesses da comunidade respeitando as especificidades culturais locais.

No entanto, a preservação da memória histórica e patrimonial, não é um processo estático e imutável, são influenciados pelo tempo, pelas mudanças sociais e culturais e precisam ser repensados e atualizados constantemente para que possam continuar a

contribuir para a construção da identidade coletiva da cidade. Ademais, é importante destacar também que a preservação da memória histórica e destes patrimônios, não deve ser vista como uma tarefa apenas das autoridades públicas ou dos agentes culturais, mas sim como um processo que envolve toda a sociedade. Concluímos com esta pesquisa que a Catedral de Santa Tereza e sua Praça na cidade de Tefé, representam importantes espaços na preservação da história, da tradição e da memória, na construção da identidade tefeense, pois simbolizam as influências culturais e religiosas que permearam a história do município.

O presente trabalho contribui para a área de Ciências Humanas ao trazer reflexões sobre a preservação da memória e do patrimônio cultural como ferramentas para a construção da identidade coletiva. A análise socioespacial da Praça da Catedral de Santa Tereza em Tefé permitiu uma compreensão mais aprofundada da magnitude dos espaços públicos, das características físicas, dos usos e apropriações pelos usuários permitindo compreender como esses espaços públicos são utilizados pela população local, bem como a dimensão da religiosidade popular bem como a relevância como expressão da cultura tefeense, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes nessa área.

Vale ressaltar ainda, que outros aspectos importantes, como a infraestrutura e a acessibilidade do local, não foram abordados de forma mais aprofundada neste estudo. Portanto, novas pesquisas e análises devem considerar esses aspectos para uma compreensão mais completa e abrangente da dinâmica dos espaços públicos urbanos.

Novos estudos e análises são necessários para compreender as mudanças e transformações que ocorrem ao longo do tempo na cidade e em seus espaços públicos. Por fim, é importante mencionar que a presente pesquisa se concentrou na análise da Catedral de Santa Tereza e sua Praça como um espaço público de convivência e sociabilidade, valorizando principalmente sua dimensão histórica, religiosa e cultural.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. rev. atual. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

A Reforma Da Catedral de Santa Tereza 2008-2010; Centenário da prelazia de Tefé (1910-2010) - início das celebrações da Preparação para os 500 anos do nascimento de Santa Tereza. Paróquia de Santa Tereza, Tefé-Am. 2010 [Folder].

APPOLINÁRIO, F. Coleta e Tabulação de Dados Quantitativos. In: APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência: Filosofia e Prática da Pesquisa**. São Paulo: Thomson, 2006. Cap. 12. p. 133-144.

ARDENGI, Luen Maraucci Rubião. **Análise do discurso e ensino de história – trajetória e sentidos**/Luen Maraucci Rubião Ardenghi; Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Área de Concentração: Psicologia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2013.

ÁVILA, Santa Teresa de. **Santa Teresa d'Ávila - Livro da Vida** (*Libro de la vida*). [Tradução e notas de Marcelo Musa Cavallari; prefácio de Frei Betto; introdução de J.M. Cohen]. São Paulo: Penguin Classics / Companhia das Letras, 2010.

BATES, Henry Walter. **Um naturalista no rio Amazonas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

BEAUD, Stéphane. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organizado por Cláudio Brandão de Oliveira. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2002.

CACAU, Renara Auanário. **Santa Tereza: um breve estudo sobre a Hagiologia e a devoção à padroeira de Tefé**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, 2020. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/724575310/renara-auanario-cacau> Acesso em: 18/02/2022.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CARPENTIER, Max. **Teresa de Ávila, O Êxtase da Muralha**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade** - Volume II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer. 14.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CHAVES, Quezia Martins. **A presença indígena no Médio Solimões nos séculos XIX e XX**. Relatório Final. IDSM. PIBIC-Sr. Tefé, 2013.

CONCEIÇÃO, Douglas da. Perspectivas investigativas da religião na Amazônia: reflexões sobre a emergência do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará. **Revista de estudos e pesquisa da religião**. Juiz de Fora, v. 15, n.2, p. (295 - 318) – jul. / 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21853>

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORREA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998

COSTA, Vitor Mateus Daniel da: **Histórias e Territórios**: o lugar dos nativos na construção da cidade de Tefé e os assentamentos indígenas. Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Tefé. 2021.

DUBY, Georges. **O Tempo das Catedrais**: a arte e a sociedade-980-1420. Editorial Estampa 1993.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália São Paulo: 2003.Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. São Paulo. Editora Arcádia, S.A.R.L., Campo de Santa Clara, 160-D, 1100 Lisboa-Portugal, 1979.

_____. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. – 2. ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FAULHABER, Priscila. **O Lago dos Espelhos**: Etnografia do saber sobre a fronteira em Tefé/Amazonas. __ Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

FERNANDO, Verônica Lima. **A cidade e o patrimônio**: O velho e o novo no contexto urbano e patrimonial de Tefé/AM/Verônica Lima |Fernando. Dissertação –PGSS-Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas (Mestrado) -Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021

FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2ª ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artemed, 2009.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. São Paulo, Nacional, 1955 (Coleção Brasileira).

_____. **Santos e visagens**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1976.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. In: **A religião como sistema Cultural**. Rio de Janeiro, Editora LTC, 1978.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed. / Mirian Goldenberg. - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRUYTERS, Pe. Antônio H. **Santa Tereza D'Ávila, Padroeira de Tefé**. Tefé/Amazonas, 2007.

_____. **Cronologia**. Cartilha da Prelazia de Tefé. Tefé, 2010.

_____. Obras de Mons. Barrat em Tefé: tensões, decepções, consolações. - a nova igreja paroquial de Tefé (1921 -1953). **O Missionário**, Tefé, p. 69-73. 2018.

HABERMAS, Jürgen. **Mas allá del Estado Nacional**. Madrid: Trotta, 1997.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (orgs.). **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Yomarley Lopes. **O artista-andarilho da Amazônia e o florescer de sua práxis-poiesis na festa popular** / Yomarley Lopes Holanda. 2019 Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas. 2019. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7413/2/Tese_YomarleyHolanda_PPGSCA.pdf Acesso em: 23/05/2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil. **idades.ibge.gov.br**. Tefé-AM, 2021. Brasil Disponível em: <https://idades.ibge.gov.br/brasil/am/tefe/panorama> Acesso em: 01 de set 2022.

JOBIM, Anísio. **Panoramas Amazônicos III – Tefé**. Manaus: TYP Phenix, 1937.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LEITÃO, Carla. A entrevista como instrumento de pesquisa científica em Informática na Educação: planejamento, execução e análise. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa. (Org.) **Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitativa**. Porto Alegre: SBC, 2021. p. 01-28. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3). Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/> Acesso em: 23/10/2022.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. Menga Ludke, Marli André. São Paulo: UPU, 2006.

MAGALHÃES, Izabel. MARTINS, André Ricardo. RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MALHOTRA, N. Amostragem: Conceção e procedimentos. In: MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing: Uma orientação aplicada**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012. Cap. 11. p. 268-295. Tradução de Lene Belon Ribeiro e Monica Stefani.

MARQUES, L. M.; BRANDÃO, C. R. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar - DOI 10.5216/ag.v9i3.33822. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 3, p. 7–26, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/33822>. Acesso em: 18 jan. 2023.

MARX, M. **Cidades brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 1980.

MAUÉS, R. Heraldo. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém, EDUFPA, 1990 (Coleção Igarapé).

_____. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 9, n. 53, p. (259 – 274) USP-São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ea/i/2005.v.19n53/>

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2ª. ed. Edições Loyola, São Paulo, Brasil 1998.

MORIN, Edgar. **O método 3: conhecimento do conhecimento**. Tradução Juremir Machado da Silva. 5ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

O grande Jubileu da Fundação da paróquia de Santa Tereza: 250 anos. Paróquia de santa Tereza, Tefé Am. 2009 [Folder]

OLIVEIRA, Fábio. Procissão fluvial no lago de Tefé homenageia São Pedro. **Tefenews**, 2011. Disponível em: <https://tefenews.com.br/destaque/procissao-fluvial-no-lago-de-tefe-homenageia-sao-pedro.html>. Acesso em 28/12/2022.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**: Manaus: Valer; Governo do Estado do Amazonas; Universidade Federal do Amazonas, 2003.176p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos** 13ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2020.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PESSOA, Protásio Lopes. **A Missão de Santa Tereza D'Ávila dos Tupebas**. Editora Novo Tempo: Manaus, 2005.

_____. **Iº Centenário dos Espiritanos em Tefé (síntese histórica).** 1ª ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1997.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **A formação histórica do território tefeense/Kristian Oliveira Queiroz.** - 1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2015.

Reconsagração da Catedral de Santa Teresa começo da Comemoração dos 500 anos de nascimento de Santa Teresa de Ávila. Paróquia de Santa Tereza, Tefé-Am. 2010 [Folder]

REIS, Arthur César Ferreira. **A conquista espiritual da Amazônia.** 2 ed. Ver. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas/Governo do Estado do Amazonas, 1997.

RIBEIRO, Raimundo Colares. **Viagens à “Corte do Solimões”.** Manaus: Gráfica Rex, 1996.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RICOEUR, P. **A Memória, a História, o Esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____, Paul. 1913-2005 **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação.** Reimp. 70 (Biblioteca de filosofia contemporânea), 2019.

SEVALHO, Luis. **Rio profundo.** Governo do Estado do Amazonas: Secretaria de Estado de Cultura, Manaus, 2012.

SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça: o privado e o Público na vida social e histórica de São Paulo.** São Paulo: Edusp, 1993.

SANTOS, Luciana Lopes dos. **De “mulherzinha” a “santa madre”:** disputando a memória de madre Teresa. (2005). ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005. Este artigo é um resumo do primeiro capítulo da dissertação de Mestrado em História, do programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o nome de “Fémina Inquieta y Andariega”: valores e símbolos da literatura cavalheiresca nos escritos de Santa Teresa de Jesus (1515-1582).

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

SCHAECKEN, Raimunda Gil. **Centenário da presença espiritana em Tefé – AM (1897 – 1997).** Manaus: Prelazia de Tefé, 1997.

_____. **Tefé minha saudade.** Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 2004.

SCHEWIOR, Padre Piotr Pawrl. (Padre Pedro). **Uma Breve História da Paróquia de Santa Teresa.** Tefé/Amazonas, 2011.

SCHWAMBORN, Thomas. **Rádio educação rural de Tefé evangelizando e comunicando.** – Tefé: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 2013.

SILVA, Hilkiene Alves da. **Olhares sobre a praça Túlio Azevedo: usos e abusos do poder público.** Monografia (TCC- Curso de Graduação em Ciências Humanas). Área de concentração: História – Universidade do Estado do Amazonas, 2011.

SIMÕES, Darcilia M. P. & GARCIA, Flavio (Orgs.). **A Pesquisa Científica como Linguagem e Práxis.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

SOUSA, Augusto Cabrolié Gonçalves de. **Síntese da História de Tefé,** 1983.
_____, Augusto Cabrolié Gonçalves de. **Tefé e a cultura amazônica.** Instituto Paulo Freire. Carimbo chave Ltda. – São Paulo, 1996.

STRAUSS, Anselm. CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada.** Tradução Luciane de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAX, Sol. **Antropologia da Ação.** Guarimã – Revista de Antologia & Política, Vol. 1. N1, agosto – dezembro de 2019.

TARROW, S. **Poder em movimento:** movimentos sociais e política contenciosa. Cambridge: Impresso na Universidade de Cambridge, 1998.

TELLES, M. F. P. Patrimônio cultural material e imaterial - dicotomia e reflexos na aplicação do tombamento e do registro. **Políticas Culturais em Revista**, v. 2, n. 3, p. 121-137, 2010. Disponível em: <http://www.politicasculturaisemrevista.ufba.br/index.php/pcr/article/view/34>. Acesso em: 9 mar. 2023.

TELES, Luciano Everton Costa. Usos da memória e do esquecimento na história de Tefé/AM: as culturas indígenas, a igreja católica e as ordens religiosas. **Nova Revista Amazônica** | v. 1 n. 2 | Jul. /Dez. 2013 | 45-59 PPG Linguagens e Saberes da Amazônia, Bragança, Pará, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/AFR%C3%82NIO/Downloads/Usos_da_memoria_e_do_esquecimento_na_historia_de_T.pdf. Acesso em: 10/02/2023.

THOMPSON, Paul, 1935 – **A voz do passado: história oral;** tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRAVANCAS, Isabel. **A Etnografia no campo da comunicação de massa.** Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 26, n. 1. 2011.

TUAN, Y-F. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores ao meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VILHENA, R. B. **A Religiosidade Popular à Luz do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulus, 1993.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Bloco 1- Objetivo: Conhecer o que os entrevistados pensam acerca da influência religiosa no município de Tefé.

1. O senhor(a) poderia se identificar com nome completo, idade, formação, profissão e ocupação atual?

2- Existem muitas manifestações religiosas no município de Tefé durante o ano, que chegam a culminar com procissões indo de um ponto da cidade encerrando-se na Catedral de Santa Tereza. O senhor (a) poderia citar alguma dessas celebrações que mais lhe chamam a atenção e o porquê?

3- Na sua opinião, existe uma relação entre a religiosidade e a cultura local? Justifique.

Bloco 2- Objetivo: levantar informações de teor particular e funcional dos religiosos envolvidos na pesquisa.

4- Bispo: Qual a abrangência hierárquica e geográfica da Prelazia de Tefé no médio Solimões?

5- Bispo: O senhor pode nos dizer qual a diferença entre Matriz e Catedral?

6- Enquanto sacerdote, como o senhor observa a significação da Catedral, para a cidade, enquanto símbolo religioso?

Bloco 3- Objetivo: Compreender os efeitos da influência da Catedral e seu espaço, bem como as transformações estruturais e de sociabilidade ocorridas no entorno do prédio, tendo em vista o tempo de vivência dos interlocutores.

7- A praça Santa Tereza, sendo uma extensão da catedral, tem em seu histórico, o fato de ser palco de várias manifestações religiosas e culturais. No seu entendimento, ainda há, nos dias

de hoje, uma acentualidade participativa dos munícipes nesse espaço social ou não? Justifique

8 – Sendo um dos moradores no entorno da Catedral, que transformações ou mudanças estruturais e mesmo de sociabilidade o senhor (a), tem presenciado ao longo dos anos?

9- Quais manifestações culturais ocorridas na praça de santa Tereza, possuíam/ou possuem maior destaque, a que o senhor(a) atribui esse realce?

10- O que o senhor(a) destacaria dessa tríade Catedral – praça - espaço social, em relação a questão da memória e história da sociedade tefeense?

(Elaborado pelo próprio autor)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “A Catedral de Santa Tereza e sua praça no município de Tefé: aspectos religiosos e de sociabilidade”, cujo pesquisador responsável é Afrânio Pereira de Oliveira, endereço institucional: Estrada do Bexiga, 1085 Juruá CEP: 69.552 315, Telefone fixo: (97) 3343 3461/3343 3396, celular: (97) 98104 0126 e-mails: apdo.mic21@uea.edu.br , afraniooliveira@gmail.com ; orientadora Profa. Dra. Marília de Jesus da Silva e Sousa, endereço institucional: Estrada do Bexiga, 1085 Juruá CEP: 69.552 315 (97) 3343 3461/3343 3396 e-mail: mariliasousa2006@gmail.com. O objetivo geral do projeto é Analisar os elementos da religiosidade e sociabilidade da Catedral de Santa Tereza e sua praça, bem como sua importância enquanto lugar de memória. E os específicos, consistem em Descrever as principais manifestações religiosas ligadas a Catedral de Santa Tereza; Identificar as manifestações culturais que ocorrem na praça da Catedral de Santa Tereza, e ainda Descrever os aspectos históricos e iconográficos da Catedral de Santa Tereza e sua praça.

O(A) Sr. (a) está sendo convidado (a) por que é morador da cidade de Tefé e através da sua experiência de vida pode compartilhar fatos que vivenciou no decorrer dos anos.

O (A) Sr. (a) tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Caso aceite participar, sua participação consistirá em conceder entrevista (s), previamente agendada (s) a sua conveniência.

O meio para coleta da entrevista será por tecnologia de comunicação por gravação em áudio e/ou áudio e vídeo, em sala virtual individualizada preferencialmente pelo Google Meet. No impedimento desta, tentar-se-á chamada de vídeo individual por Skype ou equivalente.

O registro de consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será por assinatura deste documento (TCLE) o qual será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término por você e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

Este termo será enviado por e-mail para coleta das rubricas e assinatura, o qual depois de assinado terá uma via devolvida ao pesquisador. No impedimento do registro por assinatura, o registro de consentimento deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será feito por gravação em áudio ou áudio e vídeo por tecnologia de comunicação remota em sala virtual individualizada preferencialmente pelo Google

Meet, no impedimento desta, tentar-se-á por chamada de vídeo individual por Skype ou equivalente de modo a se alcançar o registro de consentimento.

Você terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam em: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza.

É garantido a você à manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. No entanto, é de interesse do pesquisador responsável que seu nome, sua imagem e os dados obtidos por áudio e/ou vídeo e/ou fotografia sejam divulgados no corpo do trabalho, e outras publicações dele decorrentes, quais sejam em: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza, por entende-la como sujeita da pesquisa.

Você tem o direito de decidir se sua identidade será divulgada e quais serão, dentre as informações que fornecerá as que poderão ser tratadas de forma pública.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para você são a possibilidade de constrangimento; desconforto; estresse e cansaço ao responder às perguntas; quebra de sigilo; quebra de anonimato, vazamento de dados por meio eletrônico, danos atuais ou tardios.

Para minimizar os riscos de constrangimento, desconforto e estresse, será feito o esclarecimento prévio acerca da pesquisa por meio da leitura e/ou apresentação em tela do TCLE antes do registro de consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para minimizar o risco de cansaço ao responder as perguntas, procurar-se-á manter um clima de conversa e descontração, criando um ambiente amistoso e de confiança, se necessário, será pedido à participante para se remarcar e continuar a entrevista em outro dia.

Para minimizar o risco de quebra de sigilo, quebra de anonimato ou vazamento de dados por meio eletrônico, o contato será sempre individualizado, não serão feitos convites por listas. A (s) entrevista (s) será (ão) coletadas em sala virtual individualizada preferencialmente pelo Google Meet, no impedimento desta, tentar se á por chamada de vídeo individual por Skype, ou equivalente. A coleta das entrevistas bem como o registro de consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido não serão feitos em terminais de uso rotativo como computadores de “Lan H o use” e/ou telefone ou tablete

de terceiros. O (instrumento (para coleta (s) da (s) entrevista (s) quanto para registro de consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se restringirá a equipamento eletrônico pessoal de uso exclusivo do pesquisador responsável. Será mantido atualizado o antivírus dos aparelhos que poderão ser utilizados para a realização da entrevista seja, celular, tablete, notebook ou computador de mesa. O mesmo é pedido a você para que mantenha o antivírus de seus aparelhos atualizado, que não conceda a entrevista por meio de aparelhos em terminais de uso rotativo como computadores de “Lan House” ou notebook, tablete e/ou celular de terceiro (s) e que evite conceder a entrevista por rede de WiFi desprotegida.

O acesso à sala para coleta da entrevista será por senha e apenas para o pesquisador e a sujeita entrevistada da pesquisa, o assunto trata do será exclusivo de interesse da pesquisa, sem exibição de fotos ou dados pessoas. Pedimos a você que antes de conceder a entrevista verifique se não há informações pessoais que possam estar visíveis em seu plano de fundo, o mesmo será feito pelo pesquisador.

Evitar-se-á chamadas de vídeo por rede de WiFi desprotegida.

Após a (s) entrevista (s), o pesquisador realizará o download do conteúdo para uma pasta digital, pessoal, com senha de acesso exclusiva do pesquisador em dispositivo eletrônico pessoal, como notebook e fará backup da pasta digital para um HD externo de uso exclusivo para pesquisa. Também é solicitado a você que realize o download do conteúdo para dispositivo eletrônico pessoal.

Após o download, serão apagados todos e quaisquer dados registrados em plataformas digitais, ambiente de compartilhamento ou “nuvem”. Após esse procedimento, as entrevistas serão transcritas e arquivadas na íntegra, junto do conteúdo em áudio e/ou áudio e vídeo. Os dados coletados ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.

Assegurar total confidencialidade e potencial risco de violação dos dados é limitado ao pesquisador, uma vez que a coleta das entrevistas e do registro de consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será por via remota, em aparelho eletrônico como notebook, computador de mesa, tablete e/ou celular cuja segurança se limita ao “firewall”, sistema de proteção, disponível nestes aparelhos.

É garantido se necessário, o ressarcimento das despesas devido à participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente, o qual poderá ser feito por transferência bancária, ou à melhor maneira estabelecida pela sujeita da pesquisa arcado pelo

pesquisador responsável. Também é assegurado à sujeita da pesquisa o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a danos causados pela pesquisa arcadas pelo pesquisador responsável. É assegurado o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos ou indiretos e imediatos ou tardios decorrentes da participação neste estudo, pelo tempo que for necessário, arcados pelo pesquisador responsável.

Sua participação nesta pesquisa será voluntária. Você não receberá qualquer vantagem financeira para participar da pesquisa.

Os benefícios são indiretos, entendendo como benefício: o direito de participar como sujeita historicossocial na pesquisa e no desenvolvimento da ciência. Ademais a pesquisa poderá ser utilizada por você no futuro em pesquisa própria acerca do mesmo tema.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao (à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O (A) Sr (a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável Afrânio Pereira de Oliveira, a qualquer tempo para informação adicional no endereço institucional: Estrada do

Bexiga, 1085 Juruá CEP: 69.552 315, Telefone fixo: (97) 3343 3461/3343 3396, celular: (97) 98407 2989 emails: wfc.mic20@uea.edu.br, welnercampelo@gmail.com.

O (A) Sr (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres

Humanos da Universidade do Estado do Amazonas (CEP/UEA) endereço: Av. Carvalho Leal, 1777, bairro Chapada, Manaus/Am, CEP: 69.050-30; telefone: (92) 3878-4368; e-mail: cep.uea@gmail.com. O CEP/UEA é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

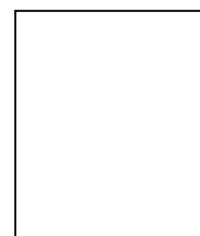
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Concordo em ter minha identidade divulgada, SIM NÃO

Tefé-AM, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do Participante



IMPRESSÃO

DACTILOSCÓPICA

Afrânio Pereira de Oliveira
Responsável pela pesquisa
Universidade do Estado do Amazonas
Cel: (97) 98104 0126
E-mail: afranioliveira@gmail.com